ANO 8 Nº 37 CR$ 4.800,00

TRIP

BRINDE: Poster gigante com a gata mais sexy da campanha da Antarctica

COCAÍNA
ENLOUQUECENDO UMA GERAÇÃO

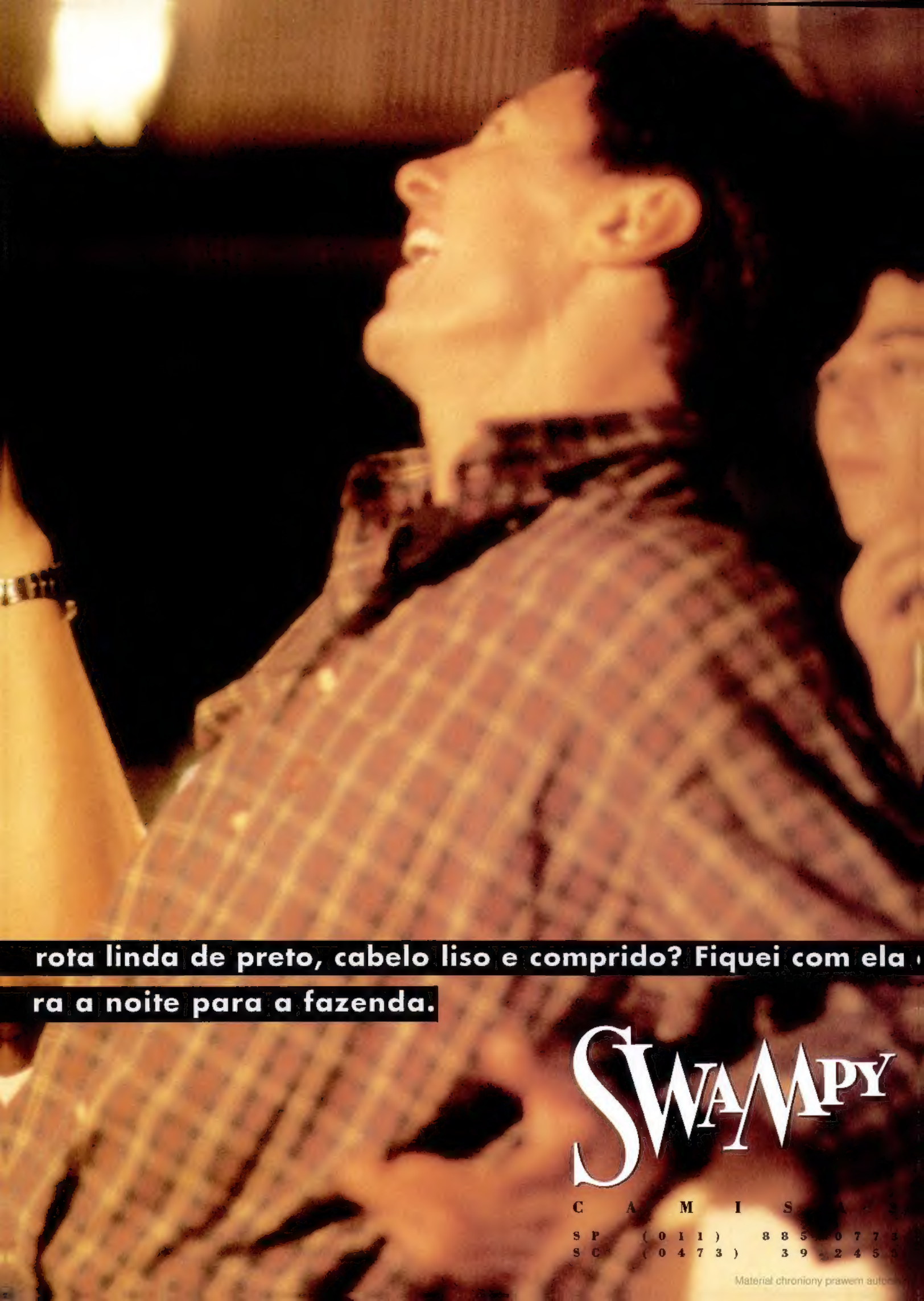
Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição. A escolha é sua.

PORRADA SEM REGRAS
ROYCE GRACIE, BRASILEIRO CAMPEÃO MUNDIAL DE VALE-TUDO

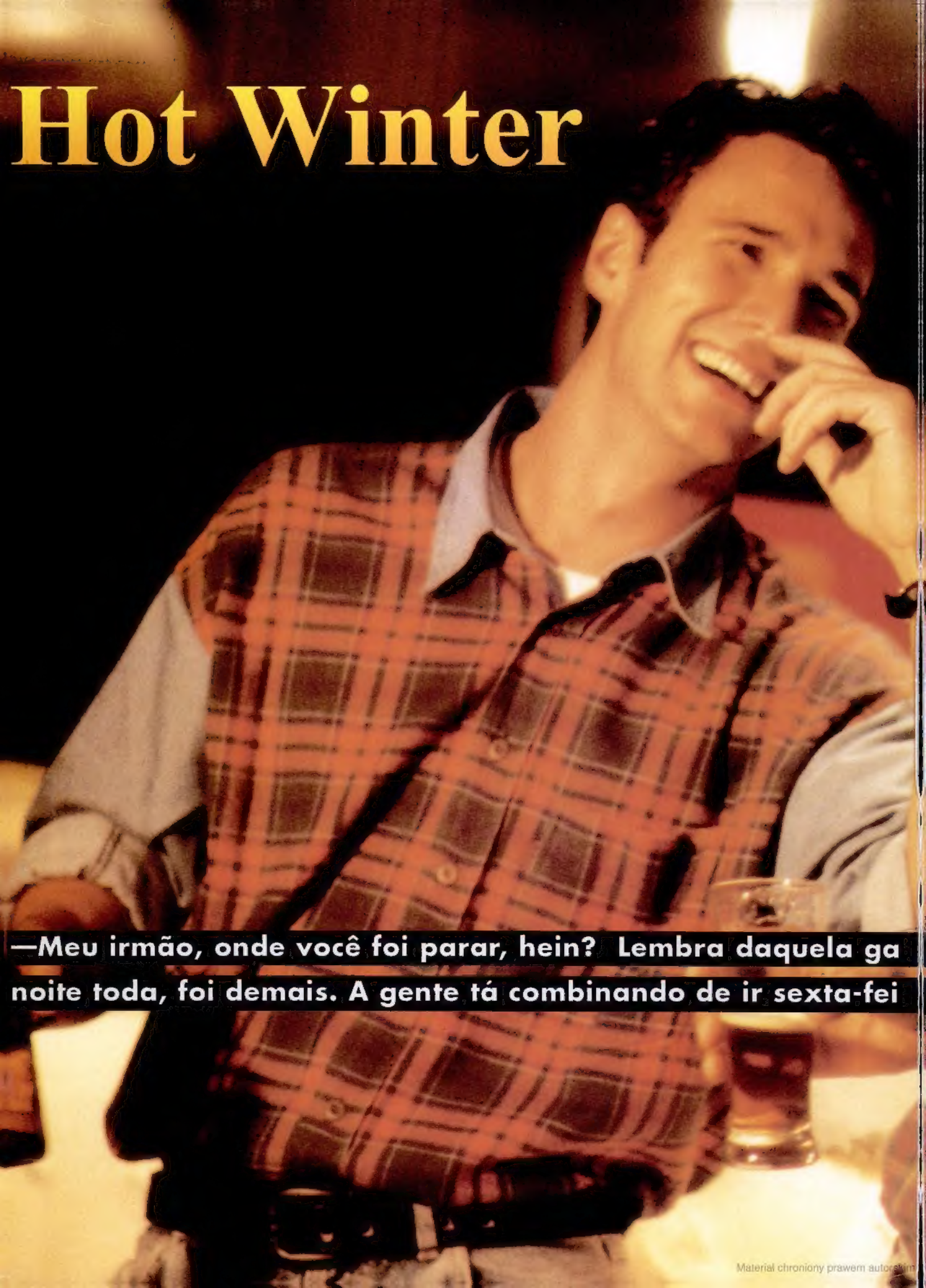
DOCES BÁRBAROS
PAULECA, BIJU E ANDRÉ REI, OS ASTROS ESQUECIDOS DO SURF

A CENA SECRETA DO CINEASTA HECTOR BABENCO:

MYRA BABENCO


rota linda de preto, cabelo liso e comprido? Fiquei com ela
ra a noite para a fazenda.
SWAMPY
C A M I S
SP (011) 885 0773
SC (0473) 39 2453
Material chroniony prawem autor

Materiał chroniony prawem autorskim



Material chroniony prawem autorskim

Não importam as tribos.
A TRIP não quer falar com os índios,
só com os caciques.

This One
B3LU-U11-KR7K

AS PAGINAS NEGRAS DA TRIP APRESENTAM

UM EX-JUNKIE

Por Silvia Carone

Imagem: André Sader

Estas talvez sejam as páginas mais negras da história da TRIP. Um cara que passou mais de metade da vida alucinado com álcool e cocaína conta a história de seu sofrimento. Com todas as letras. Respire fundo antes de começar a ler —você vai se viciar nessa história.

TRIP Quando você foi apresentado à cocaína?

RESPOSTA Meu primeiro contato com a cocaína foi quando eu tinha uns 15 anos.

TRIP Quando você percebeu que gostava?

R Quando eu vi que era chegado à "danada"? Com 17 anos eu já estava bem identificado com ela...

TRIP O que quer dizer isso?

R Eu estava sempre na noite de São Paulo e andava muito com um pessoal de teatro, e a cocaína era muito presente em reuniãozinha. Eu fazia aquela preparação: antes de sair, a gente ia pra casa de alguém, e falava "ah, vai ter uma festa no Victoria" —naquela época era o Victoria— e sempre tinha. Era bem ritual ir lá, encher a cara, fumar baseado...

TRIP Você está com quantos anos agora?

R Estou com 30.

TRIP Então faz 13 anos.

R Treze anos que eu tenho um contato mais íntimo. Mas o primeiro foi com 15 para 16 anos. Digamos que eu tinha um retorno usando a cocaína nessa época. Me estimulava, me dava disposição pra estar saindo na noite, pra estar chegando de madrugada, e me dava um certo status —porque **se eu tinha droga eu não tinha "medo", eu tinha companhia, eu tinha mulher, e não me preocupava, não via que me trazia algum problema,** não percebia que trazia algum problema.

TRIP Mas já tinha aquelas coisas de noitada até não aguentar mais...

R Noitada até não aguentar mais, ressaca na braba. O meu primeiro contato já foi bem louco.

TRIP Você já estava sem estudar?

R Foi assim: quando intensificou o uso, o primeiro reflexo foi repetir o segundo colegial. Como na época não era tão popular assim —isso em 80— o custo era bem elevado. Então, o que que eu podia fazer? Eu conhecia uma pessoa que mexia com ela. O meu contato foi direto como avião. Pra mim era muito mais fácil ver quem queria, levar o bagulho pro pessoal e tirar a minha comissão em droga. Logo de cara eu já comecei a me envolver com esse tipo de coisa. Normalmente, eu ia na casa do cara e ele me dava um toque pra levar pra tal pessoa que queria comprar tantas gramas. Quando eu voltava, eu tinha uma carga. Tinha 17 anos, moto, ia, levava, voltava, dava o dinheiro pro cara e pegava a minha parte. Cheirava direto. Lembro que quando eu fiz 18 anos queria ir para o Sul, pra fugir da droga. Não era de São Paulo ou fugir da família. Eu já não estava mais aguentando. Nos seis primeiros meses foi pesado, direto todo dia, todo dia, todo dia, comecei muito de cara. E eu já sou tenso por natureza, então eu despirocava. Mas tinha muita culpa. Toda vez que eu chegava em casa não conseguia dormir, ficava me culpando. Tinha muita promiscuidade perto, muita bicha, travesti, uma coisa meio pesada. Eu vivia muito com esses caras.

TRIP E a troco do quê você começou com isso?

R Através de uma menina que eu comecei a namorar. O irmão dela trabalhava com teatro, era ator. Era aquela figura que me falava quem queria pó e eu levava.

TRIP Você sempre quis se livrar, apesar de estar constantemente envolvido e se sentindo culpado, ou não?

R **Acho que desde o começo foram raras as vezes em que no dia seguinte eu não falava "nunca mais vou cheirar".** E quando passava o mal-estar, quando anoitecia de novo... era como se eu fosse um pássaro da noite. Escurecia e o que eu tinha ficado remoendo de dia, quando o sol amanhecia, quando as pessoas estavam começando a ir trabalhar e eu estava arrasado, mal, totalmente mal, passava. Eu queria fazer a mesma coisa mas ter um outro resultado. Então eu achava que se eu fizesse de outro modo não iria acontecer aquela rotina. Foi forte.

Nessa época eu resolvi viajar. Fui para o Peru pegar onda... Hoje eu percebo como eu estava envolvido com ela. **Fui para lá surfar com o apoio das confecções daqui na época, levei muita roupa, parafina, negociei pra levantar uma grana e no fim troquei tudo por cocaína.** Era para ter ficado 30 dias, fiquei 60, voltei, cheguei em São Paulo e a minha família não acreditou: eu estava seco, sem prancha, sem roupa, sem artesanato, sem lembrança, sem fotografia, sem nada. Deixei tudo. E o engraçado é que foi assim: cheguei no Peru numa segunda à noite e fui pra Punta Hermosa. Na terça de manhã, seria normal eu pegar a prancha e estar indo dar uma olhada nas ondas, checar o local, qual é a distância... só que eu já fui direto no endereço do cara que vendia. E fui naquelas de que "tal pessoa do Brasil me mandou pra cá" e já troquei umas bermudas por uma cara. Nos 15 primeiros dias eu nem me preocupei em pegar onda. Queria era cheirar. Tomar Pisco e cheirar. Eu achava que fugindo do espaço geográfico onde estava a droga, eu iria me ver livre dela. Mentira.

Onde eu ia, por mais que eu não quisesse, acabava encontrando cocaína. E achava que era ela quem me perseguia. Mentira. É que eu já estava mesmo envolvido com ela. Isso foi com 18 anos. Me sentia derrotado porque eu não conseguia me destacar como surfista profissional, e achava que eu era um fraco. Então, um modo de eu me sobressair no meio era usando e tendo acesso. Eu só vendi cocaína naquele ano. Fazia questão de ter quantidade. Eu estudava à noite e fazia um curso de hotelaria de manhã, então eu sempre levava cinco, seis gramas de "brizola" no bolso pra vender, pra cheirar no banheiro com os amigos. Sempre estava com cocaína. E fui "crescendo", conhecendo pessoas, fui me envolvendo com um nível social melhor, fui me deslumbrando. Achava que a cocaína estava me trazendo benefícios. As pessoas não estavam comigo, estavam com o que eu tinha. Mas eu pensava que não. Achava que eles queriam estar comigo. Eu me achava o máximo. As pessoas ligavam pra me convidar para uma festa, mas na verdade o convidado não era eu, queriam convidar a cocaína para sair. E eu achava que não. O que aconteceu? Me prejudiquei, perdi o ano na escola, tive uma overdose fudida com 18 anos, achei que eu ia morrer...

TRIP Como foi a overdose?

R Eu comecei a cheirar muito, muito, muito, tinha brigado com a namorada, cheirei, cheirei, cheirei, tinha que fazer uma prova de manhã, emendei, fui virado. Antes de fazer a prova mandei muito no banheiro, fiz a prova rapidinho e saí. Fui andar. Aí começou a doer o pulmão, doer o pulmão, comecei a ter dificuldade de respirar, travou o pescoço, travou a coluna, parecia que eu tinha torcicolo do abdômen pra cima, tudo duro. Uma agonia, parecia que eu ia morrer mesmo. **E a vergonha de procurar, de contar pra alguém e dizer "cheirei**

cocaína que nem um louco e estou mal, estou morrendo"? Fui procurar uma pessoa que não tem nada a ver com médico, com nada, e ela deu uma força. Me pôs pra relaxar, me pôs na banheira com sal grosso. Mas eu achei que eu já tinha chegado no meu limite e dei um tempo. Fui morar em Ubatuba, e lá eu me afastei. Fumava muita maconha, haxixe, bebia pra caralho —sempre bebi muito— mas eu estava afastado. Ia pegar onda, trabalhava num hotel, não procurava a danada, eu evitava os amigos que usavam.

Mas não demorou muito e eu comecei a usar. Perdi um Carnaval que tinha tudo pra ser legal por causa dela. Nessa época eu estava me relacionando superbem com uma gata, estava legal no trabalho, um puta final de semana com sol, estava tudo ótimo. Então eu achei que estava tão bom, por que eu não podia cheirar? Fui pra casa de uns amigos e compramos uma quantidade grande. Começamos a cheirar, cheirar, cheirar, e nisso eu não fui trabalhar, não fui procurar a namorada, fiquei trancado dentro da casa. Um acabou raspando a sombrancelha com barbeador, eu entrei em paranóia quando a gente começou a tomar —foi uma das primeiras vezes que eu tomei cocaína na veia— e eu fiquei trancado dentro de um armário encolhido, com medo. Nisso passou sábado, domingo, quase fui demitido, a menina não quis mais me ver, não fui mais ver o Carnaval e nos outros dois dias foi uma puta ressaca física e moral. Perdi essa menina, que falou : "Olha, você gosta mais da droga do que de mim" e eu via que estava perdendo as coisas. Por pouco não perdi o emprego. E o que eu fazia? Ao invés de me afastar, eu ficava com raiva e usava mais. Um auto-flagelo: "Já que ela está me fudendo, já que eu perdi, então vou usar mesmo." E ia me enterrando.

TRIP E a família?

R Eu sempre fui muito ausente, sempre fiquei muito na rua. Saí de casa em 82, com 19 anos. Foi quando eu fui morar em Ubatuba que eu saí definitivamente. E toda vez que eu estava usando muito, eu fugia. Quando Ubatuba começou a me trazer problemas, ou melhor, quando eu comecei a trazer problemas —porque Ubatuba não me deu problema nenhum, era eu o problema— aí comecei a usar lá, comecei a vir pra São Paulo uma vez por semana pra comprar, pra ter pra mim no fim-de-semana, achei que era a hora de ir embora de Ubatuba. Mas aí é que está: eu sempre achava que tudo era externo, nunca era eu. Fui embora morar na Bahia. Falei: "Lá não deve ter cocaína." Ilusão.

TRIP Mas você pensava isso mesmo, era consciente? Se alguém te perguntasse por que, você dizia que era pra fugir da cocaína?

R Eu dizia pra mim e para os outros: "Vou porque não conheço Salvador e tenho uma proposta de montar uma fábrica de prancha". E fui montar essa fábrica. Mas o que aconteceu? Eu substituí a cocaína. Comecei a tomar Glucoenergan, e pra trabalhar —eu fixava prancha— eu tomava esse remédio na veia. Glucoenergan é glicose pura. Hoje não tem mais Glucoenergan como era. Muitos jogadores de futebol usavam. Até em cavalo de corrida se usa! É glicose pura, então você tomava , por exemplo, 100 mg —puta overdose de glicose— e ficava a milhão. Não comia, não dormia, podia tomar três garrafas de pinga que não ficava bêbado. Isso é muito usado quando você está em coma alcoólico, o cara vai lá, te dá e você levanta na hora. Então eu já tomava um monte antes de beber e ficava a milhão. Fiquei muito tempo tomando Gluco, aí aquela coisa: apareceu cocaína e eu comecei a tomar glicose misturada com cocaína na veia, mais Energisan. Vivia que nem um retardado mental. Ninguém me aguentava, nem eu me aguentava. Engraçado que, quando eu estou usado, tenho um momento muito pequeno de excitação. Depois eu travo, quero me esconder, ficar num canto. Na minha cabeça, a velocidade do pensamento é tão grande que eu não consigo falar. Quando eu vou falar o que eu estou pensando, já pensei. Uma merda.

Aí larguei fábrica de prancha, larguei tudo e fui morar

em Itaparica. Pensei: "Aqui não tem". Sempre achava que mudando de lugar... Lá no "resort" deu uma aliviada, mas eu estava muito íntimo do grupo, e gostava de fazer musculação, gostava de andar de windsurf, acordava às oito da manhã e ia dormir às quatro, não queria perder nenhum momento. Pra mim todo dia era o último da minha vida. Tinha que fazer tudo num dia porque amanhã eu estava morto. Reativan, Gluconergan, Energisan, pó de guaraná, sempre essa sede de estímulo. Eu queria absorver tudo, e acabava não absorvendo nada, alucinado. E fiquei um tempo, uns seis meses sem usar cocaína, mas usando algo que me desse o mesmo resultado, um estimulante.

TRIP E bebendo sempre.

R O álcool presente sempre, manhã, tarde e noite. Todo dia. Podia faltar maconha, podia faltar tudo, mas cachaça nunca faltou. Tanto é que eu tenho uma série de problemas por causa do alcoolismo.

Depois de Itaparica, fui morar no Rio. Casei com uma carioca que gostava de usar também. Aí foi foda. Comecei a roubar, comecei a trabalhar como recepcionista num hotel, alterava nota fiscal, fazia câmbio de dólar, agilizava meninas para os hóspedes —ia muito americano no hotel, então eu conhecia as vagabundinhas da praia, conhecia os caras, fazia avião, falava para o cara que a menina queria US$50, dava US$20 pra ela, ficava com US$30 pra mim, comprava cocaína... Tanto foi que me mandaram embora por causa do movimento na recepção. Às onze da noite de sexta-feira de Carnaval eu vendendo papelote na recepção. E cheirava pra caralho. Todo dia, todo dia.

TRIP Mas sempre aquela coisa de na hora de dormir...

R Aí já não. Eu nem tentava mais, não me permitia mais ficar na ressaca. Não existia isso. Quando já estava acabado, já estava cansado de cheirar, enchia a cara e desmaiava. Então não dava tempo de... eu acordava de tarde, já arrombado da ressaca do álcool, já cheirava uma, fumava um. Seis meses doente. E muita promiscuidade: casa de massagem, minha mulher estava trabalhando eu ligava pra anúncio de jornal pra levar mulher em casa, achei que estava ficando louco porque estava saindo dos eixos, achei que era melhor voltar a estudar e entrei numa faculdade —nem sei como passei no vestibular— mas não adiantava nada, carregava o vício comigo.

TRIP Como é essa história de achar que estava ficando louco, o que passava pela sua cabeça?

R Confusão mental, você não consegue dar fim em nada. Qualquer coisa que eu me propusesse, não conseguia realizar. Um sentimento que eu tinha por você agora, em três segundos mudava, podia estar rindo e daqui a pouco estava chorando. Ou deprimido ou eufórico, não tinha um meio termo, não conseguia ter uma estabilidade.

TRIP Você se separou dessa menina?

R Ah, fiquei um bom tempo com ela... Eu comecei a achar que o problema era outro: fui procurar centro espírita, achava que era encosto! Fiz trabalho de umbanda, acendi vela em porta de cemitério com cachaça "para tirar o espírito maligno do meu corpo", mas o que adiantava? Tirava o espírito na sexta e no sábado estava usando. "Agora tirou o espírito então eu posso cheirar"...

Aí foi foda. Voltei pra São Paulo —sempre assim— cheguei aqui e larguei a mulher, larguei a faculdade, larguei tudo, não aguentava mais esse negócio de ficar envolvido com estelionato, tráfico, prostituição, e fui trabalhar com um amigo numa galeria de arte. Mas deu 15 dias e eu encontrei um cara das antigas que estava trabalhando pra polícia, que tinha a carga toda...um mês depois eu já estava aí com um sacão de cocaína vendendo pros caras, já usando que nem um louco, já pirando, já distorcendo a realidade, ficando irritado... E era louco porque eu usava, usava, usava, depois eu me arrependia, usava, usava, usava, depois me arrependia, uma coisa louca isso de você saber que está se acabando, mas era só ter um momento de bem-estar que já era motivo de voltar. Como eu podia ter tanta sede de vida e me matar tanto? Eu usava para aquela sede de estar vivendo, de querer aproveitar, "porque dormir é perda de tempo, quando eu morrer eu vou ter muito tempo pra dormir, então eu quero ficar acordado, não quero perder um minuto da minha vida. Vou cheirar porque assim eu não durmo, fico elétrico, fico esperto". E ao mesmo tempo

eu me sentia morrendo, né. Quando passava essa euforia vinha aquela depressão, vinha aquela: "Por que quando eu tinha três anos de idade eu bati no meu vizinho?" Vinham umas coisas na minha cabeça que eu não sabia nem de onde. Falava: "Porra, que coisa, eu tenho 12 horas de euforia e 20 de depressão".

TRIP Existia alguma "proporção" de euforia para depressão?

R Era nojento, muito mais deprimente do que eufórico. O único modo de você manter a euforia é manter o uso. Mas aquele estado de euforia vai ficando cada vez mais distante. E a depressão mais profunda. Aí chega uma hora que mesmo usando você não sai mais da depressão. Você não consegue atingir mais a euforia. Aí eu usava e ficava deprimido. Se não usava também estava.

TRIP Como era a sua depressão?

R Depressão?... É visceral...Pra mim é como aquele frio na barriga de quando você desce uma montanha russa, dava aquele frio na minha barriga e dava uma sensação de vazio, aquela falta de sentido de tudo. Eu via tudo preto, não via beleza em nada.

TRIP Você não pensava que estava se matando?

R Sentia que eu estava me matando e não conseguia parar. É desesperante. Eu tinha meu momento de folga através do álcool, pra poder suportar essa dor eu tampava ela com a cachaça. Ou eu estava ligado ou eu estava embriagado. Mas muito bêbado, muito bêbado... foi quando eu descambei mesmo no alcoolismo. Teve um período em que eu me afastei totalmente, não cheirava nada, não fumava nada, mas em compensação tomava quase um litro de pinga por dia. Tinha que estar de algum jeito aditivado, fugindo de algum jeito da realidade. Não queria encarar nada de frente, era muito covarde. Então eu me sentia forte, era prepotente, me achava dono da situação. E não era nada disso, tudo mentira.

TRIP Mas era um ciclo? Sóbrio você decidia parar, mas aí você via, hesitava um pouquinho, começava e não parava mais...

R Acho que o momento de sobriedade era muito duro. Eu tinha até medo de ficar sóbrio e de poder ver o que estava fazendo.

TRIP Tinha gente querendo te ajudar?

R Me incomodava qualquer pessoa que tocasse no assunto sobre o meu modo de usar. Se alguém falasse, eu já tomava frente na situação, já agredia a pessoa e afastava ela do meu contexto: "Sai fora. A vida é minha, o dinheiro é meu, compro com o meu dinheiro, faço o que eu quiser, sou eu que estou me matando e me deixa em paz". E as pessoas se afastavam de mim, tanto que nessa vida de cocainômano eu fiquei oito anos viajando. "Viajando" é o modo simples de dizer fugindo. Pra tribo que eu ando —surfista, essas coisas— é muito normal e até valorizado ser um nômade. Então pra mim era perfeito: "Sou surfista, pego onda, então vou ficar viajando", e ficava fugindo. Tanto que sempre que estava em algum lugar e eu começava a usar muito pesado, a primeira coisa era achar que o lugar estava ruim e ir embora. Muita oportunidade eu deixei, porque eu queria me esconder. Eu tinha vergonha de mim, muita vergonha.

TRIP Mas você se arrependia sempre da noite anterior?

R É aquela coisa: eu me achava rebelde, e a minha rebeldia era contra a minha consciência. Eu agia totalmente ao contrário do que eu na verdade desejava e era. Eu sou uma pessoa calma, que gosta de todo mundo, que é participativa. Então o que eu tinha de desejo mesmo eu não fazia. A minha revolta era contra mim. Era horrível, eu não me suportava, estar comigo era super baixo astral.

TRIP E você estava sempre namorando?

R Sempre usando as pessoas. Eu era muito carente. Eu percebo hoje, com 30 anos de idade, que eu nunca tive um sentimento verdadeiro, sempre distorcido. Sempre vivi muito mais a sensação, emoção e percepção. Sentimento verdadeiro, não. As pessoas eram como muletas, eu sugava a pessoa até ela não suportar mais e fugir. Tive muita dificuldade de manter um relacionamento porque eu era muito pedante, muito pesado, desgastante, uma pessoa sofrida. Aquela coisa: ou eu estava a milhão ou estava um lixo. Difícil alguém querer conviver. Normalmente, quando você encontra alguém, é alguém igual ou pior. Tinha muito relacionamento "químico", como se diz. Eu procurava parceiras que fossem da ativa, que usassem. Normalmente eram prostitutas, mulheres da noite, que eu tinha meu prazer sujo, podia estar na promiscuidade. E eu achava que amava alguém e que era amado.

TRIP Eram mulheres que trabalhavam mesmo...

R Mulheres da noite, não depreciando a classe —gosto muito delas— mas nem todas são como as pessoas que eu me relacionei. Eu sempre procurava um sapato velho para o meu pé doente. Bem dark, sujo, underground, gostava de entrar no meu quarto cheio de louça suja, gostava de Bukowsky, de não ter comida na geladeira, garrafa de bebida pra todo lado, carpete queimado de bagana, prato sujo de cocaína, higiene pessoal zero. Sabe, gostava da escuridão...coisa louca. Eram uns relacionamentos doentes. Muita briga , muita agressão física, muita ofensa moral, muita boatezinha do centro da cidade, muito motelzinho barato...

TRIP Onde você morava?

R Eu morava no Humaitá, Rio de Janeiro, mas estava sempre na rua do Lido em Copacabana, ou em Botafogo numa casa de massagem, ou enfiado num hotelzinho barato usando. Aqui em São Paulo também, foda...

TRIP Quando começaram as internações?

R O caldo entornou mesmo de uns cinco anos para cá, quando eu me envolvi com anfetamina. Não tem viagem psicodélica, não tem nada. Eu entrava em contato com um cara que tinha muita anfetamina —não foi no Brasil isso— trocava a cocaína pelas anfetaminas e tomava direto, todo dia. Aquilo começou a perturbar muito a cabeça. Ficava quatro, cinco dias sem comer e sem dormir. Cheguei a trabalhar, mas fiquei uns sete meses sem ter uma relação sexual, sem ter nada, só via droga. Eu comprava 150, 700 pedras, tomava quatro num dia, vivia adrenado. Voltei para o Brasil e trouxe pra vender, só que quando eu cheguei aqui eu guardei, porque se vendesse não teria pra mim. Comecei a tomar muito. Aí surgiu a primeira cadeia. Não fui presa com anfetamina, foi com baseado, mas eu estava anfetaminado. Isso foi em 89 e a minha família já abriu os olhos, me pôs num psicólogo, num terapeuta, comecei a frequentar Toxicômanos Anônimos, Alcoólatras Anônimos, mas por imposição externa, não era uma solicitação minha. Eu não queria ajuda. Achava que ainda dava pra segurar. Nessa fuga toda eu fui morar em Manaus, entrei em contato com a base, comecei a fumar base, parei de cheirar, só fumava pasta base da cocaína. É uma substância bege que parece argamassa de passar em parede, e você fuma com tabaco. Aquilo arranca teu peito, parece que você está fumando um pedaço de pano com querosene puro. Aquilo foi me deixando muito louco, meu. Chegou uma hora que eu já ficava louco sem usar mais nada. Acabei voltando pra São Paulo em desespero, e cheguei aqui mal. Não estava mais usando estimulante. Já sentia que estava totalmente abalado. Meu sistema nervoso estava um lixo, a minha noção de realidade estava totalmente deturpada e as reações físicas que eu tinha eram impressionantes: ou eu tinha diarréia ou muita prisão de ventre, ou muito sono ou insônia. É álcool pra dentro, álcool pra dentro, álcool pra dentro. Acabei voltando a ver as pessoas que eu não via. Não deu dois palitos e eu já estava cheirando de novo, só que eu cheirava uma fileira

"O modo de me destacar como surfista era usando e tendo acesso."

Material cliente

"Perdi cinco carros, de não conseguir sair por onde tinha entrado."

e parecia que eu tinha cheirado cinco gramas.

Estava num quadro psicótico. Eu também tive *delirium tremens*.

TRIP Como é?

R É quando tiram a substância química do seu corpo mas ele está tão habituado a agir mediante essas substâncias que na ausência delas ele provoca uma disfunção cerebral. Você começa a ver, ouvir, ter convulsões, enfim, pira. É o princípio da loucura mesmo, você pode morrer, ter um acidente vascular-cerebral, ter um derrame cerebral e morrer. Eu tinha esse delírio místico, tinha essa paranóia de perseguição, e eu sofri um acidente com um amigo, achei que o cara tinha ficado puto comigo. Eu tive uma fantasia em cima disso, achei que ele queria me pegar. Eu entrei na minha casa, acordei o meu pai, acordei a minha mãe, queria uma arma, queria matar o meu pai, a minha mãe, todo mundo, queria que-brar tudo, comecei a beber whisky, rir e chorar, rir e chorar, desmaiei, acordei às quatro da tarde e meu pai já tinha acionado psicólogo, médico e eu fui internado pela primeira vez. Foi em consequência de uma overdose, que é quando você passa do seu limite, realmente você se descontrola. Fiquei amarrado três dias numa cama sedado, depois eu passei para um aparta-mento só. Era uma clínica moderna, tipo spa. Fiquei 45 dias internado. Depois eu passei a trabalhar como contato comercial durante o dia e à noite eu dormia na clínica. Nos fins-de-semana eu ficava internado direto.

TRIP Como você se sentia quando estava normal, sem estar sedado?

R Você entra em confusão, você tem a síndrome da abstinência. Teu organismo pede, né? Em qualquer situação eu estava acostumado a estar me dopando, então sem ela é difícil. Por exemplo: qualquer situação de medo, vergonha, em vez de enfrentar a situação eu tapava tudo com um químico. O medo fica muito mais forte quando você para de usar, muito mais do que quando eu nunca tinha usado. Eu tinha muito medo porque tinha certeza de que estava louco. Na primeira semana eu tinha certeza de que nunca mais iria ser uma pessoa normal, que o meu fim seria ficar dentro de uma instituição, de um hospício pro resto da minha vida. Ou acabar me matando. Eu tinha vontade de dar um fim, queria terminar com a minha dor, com o meu sofrimento, e eu achava que o modo mais prático era me matando. E é muito forte essa vontade. Tanto que eles tiram tudo de você: pra fazer barba, eu tinha que estar com um enfermeiro porque eu poderia desmontar o barbeador e cortar o meu pulso. Não podia usar desodorante líquido porque eu poderia estar bebendo, não podia ter cinto, se eu fosse fazer alguma refeição longe do refeitório, só com colher. E mesmo assim tinha que estar me marcando, porque existe a possibilidade de você amarrar o cinto no chuveiro e se enforcar. Eu comecei a me prender muito à fé. Eu tinha que estar acreditando em algo maior do que a existência humana pra poder me dar razão. Eu rezava, tinha que pedir a Deus: ."Pelo amor de Deus, não deixa eu ficar louco, eu não quero ficar louco. Eu estava enganado, esse negócio de ser muito louco era brincadeira, não era sério. Pelo amor de Deus devolve a minha sanidade. Que mal eu fiz..." E era apavorante, muito medo, muito medo.

TRIP Você ficou zero de drogas quando saiu?

R Zero. E só posso agradecer a um cara, principalmente por ele ter me acolhido depois de tudo. Nessa época eu também fiz uma puta festa beneficiente em uma das casas noturnas mais badaladas de São Paulo. Me deram um espaço na noite para organizar festas, pediram para eu fazer uma assessoria na reforma dessa casa —nisso eu não estava usando— e eu ia muito pra praia.

TRIP Você fazia uma puta força pra não usar?

R Eu nem questionava, achava que a distância entre a droga e eu estava muito grande, não fazia mais parte da minha vida. Mas aquela coisa: voltei a frequentar os velhos lugares, andar com os velhos amigos, e num determinado momento eu achei que dava pra usar moderadamente, que agora eu tinha o controle, que tinha sido uma fase. E eu me lembro bem: eu estava na Barra do Saí fazendo um trabalho para aquela casa noturna, namorava gostoso, estava namorando uma pessoa ótima, era um relacionamento bom —acho que foi a primeira vez que eu tive uma relação sexual sem estar embriagado, sem estar drogado— foi diferente, era como se fosse a primeira vez. Estava tudo muito bonito, eu estava muito deslumbrado com essa nova visão limpa. Aí eu lembro que fui pedir uma vodca.

E eu tomei a vodca. Quando eu tomei parecia que tudo que tinha passado na minha vida — na época eu tinha 12 de uso—, aqueles 12 anos tinham se condensado naquele minuto, naquela vodca. Eu entrei numa crise, chorava, chorava, chorava, e eu tinha certeza que dali eu tinha voltado pra minha ruína. E foi exatamente o que aconteceu. O famoso "primeiro gole". Por causa de um copo de vodca eu ativei tudo, tudo aquilo que eu achei que estava quieto, amortecido, guardado, trancafiado, veio à tona. Deixei de fazer terapia, comecei a usar moderadamente e me chamaram para trabalhar na noite. Aí não deu 20 dias e estava na mesma merda: usando pra caralho, cheirando pra caralho, saindo com a mulherada, parando na cidade em motelzinho barato, indo para as casas de massagem, era assim. Só que cinco vezes mais intenso do que no dia em que eu parei. Impressionante como você retoma a coisa com muito mais sede. Parece que aqueles 90 dias sem usar tinham que ser compensados de uma vez. Uma sede, uma voracidade enorme pra estar drogado. E na hora TUDO começa a andar pra trás. Fui desligado da casa noturna por causa do uso de droga, fui mandado embora. Por me pegarem fumando um baseado no camarim com músico, por viver cheirado, cheirar no caixa, cheirar em tudo quanto é canto, vivia cheirado. Cheirava, cheirava, cheirava. E quando não estava cheirado, estava bêbado.

TRIP Era sempre até de manhã.

R Até de manhã. Ao meio-dia eu ia dormir e acordava às 7h da noite. Trocava a noite pelo dia, literalmente. Trabalhava das 8h da noite às 4h, saía e ia pra cidade —porque lá tem rock' n' roll até 9h, 10h da manhã—, saía de lá e ia para o motel esticar. Depois desmaiava. O sono é o alimento do cérebro. A partir do momento que você não está alimentando o teu cérebro, ele está ficando deficiente. Aí você começa a ficar xarope. Se você não comer, fica fraco, e eu estava com a cabeça fraca. Resultado: fuga geográfica. O mesmo processo, a mesma história de novo. Fui morar em Maresias. O que eu fiz? Abri um bar em Maresias!

TRIP E grana pra isso?

R Eu sempre tive uma estrela boa. Fui chamado para entrar como sócio minoritário.

TRIP Aí você bebeu e cheirou o bar inteiro.

R Claro. Era uma putaria, uma coisa inconveniente, e não deu certo, acabou o bar, acabou a sociedade, me vi de novo fudido...

TRIP E quando você se via assim não lembrava de como já tinha ficado das outras vezes?

R Mas é engraçado...você repete o erro. Por isso que eu digo que é a doença do não-percebimento. Você sabe mas não age, você tem consciência que está comendo merda e acha que está comendo caviar. Eu sabia que tinha problemas, que as pessoas se afastavam, que eu perdia oportunidades, que a minha moral estava suja, que eu já tinha problemas judiciais, tinha abandonado minha profissão —sou hoteleiro formado, tenho experiência internacional, falo idiomas— o meu nome está sujo no mercado hoteleiro, eu consegui queimar o meu nome...Então tudo isso vinha à tona, e quando vinham todas as cagadas, todo

as perdas, como trabalhar isso? Usando. Aí usava mais. Então já tinha perdido a oportunidade de trabalhar naquela casa noturna, do outro trabalho, "quero morrer... Não dou sorte...sou um perdedor...eu optei por perder...tenho consciência de que eu faço tudo pra perder...por que eu sou assim? Por que eu faço um castelo bem bonito de areia e depois caio sentado em cima?" A visão do perdedor. Eu criava aquele castelo, mas um castelo oco. Que nem um cenário de cinema: você vê o castelo, mas por dentro é só madeirite e prego. E quando não desmoronava por si só, eu tinha o prazer de ir lá quebrar. **Eu tinha —hoje não tenho mais— o prazer de destruir as minhas conquistas. Me sentia muito bem perdendo.** Coisa de doente, bem doente.

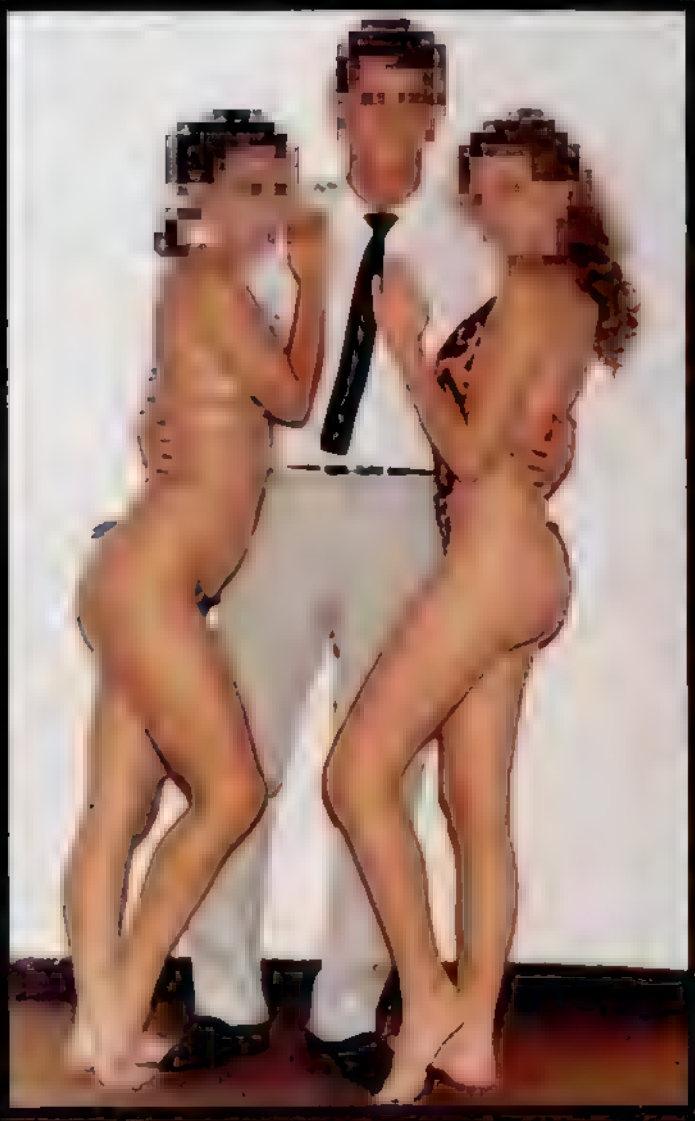
Nesses últimos dois anos, fiquei escondido nas praias. Eu procurava aparecer o mínimo possível em público, e quando aparecia, estava totalmente travado. Bebia bastante: uma garrafa, uma garrafa e meia, muito pinga, então eu vivia bêbado e me escondendo. Nessas a minha família começou a se preocupar e resolveu me sustentar na praia. Eles preferiam que eu ficasse lá, escondido, do que aqui. Por pior que fosse, eu estava menos exposto lá.

Mas aí eu comecei a entrar num quadro fudido de alcoolismo. Já estava desligado da cocaína, mas eu tinha seqüela da cocaína, o desgaste que ela tinha feito comigo. Eu entrei num quadro louco, completamente psicótico. Comecei a perder amigos —não diretamente pela droga, mas por acidente de automóvel, todo mundo drogado— e tudo levava para um drama, cresciam todos os problemas. **Eu me achava um lixo, a escória, a típica hiena —trepava uma vez por ano, comia merda todo dia e ainda dava risada. Eu era um merda.** E para amenizar essa coisa eu bebia, bebia, bebia, comecei a ter alucinação, ver coisas, não conseguia assinar meu nome...

TRIP Sem cocaína?

R Sem cocaína. E quando eu voltei a ter contato com a cocaína, foi impressionante: eu podia cheirar uma grama ou uma fileira, a reação era imediata: depressão profunda aguda, na hora, e síndrome de perseguição instantânea. Não tinha excitação, não tinha prazer. **Eu não tinha mais aquele ritual de ir na boca, pegar, esquentar o prato, quebrar as pedras, "vou esticar umas fininhas", tal. Era pegar e jogar dentro do whisky, ou comer mesmo —cheguei a comer, pôr o papelote inteiro na boca e mastigar.** Dilatava muito a pupila, tinha convulsão, tinha cólica de fígado, me retorcia todo e ficava trancado ali num canto, apagava a luz, desligava o som e ficava vendo morte... no meu quarto. Então eu achava que tinha um contato com o plano espiritual. E isso é delírio, é um quadro psicótico gerado pela droga. TODAS acabam te levando a isso. Umas com mais tempo, outras com menos. Não levam todas as pessoas, mas algumas levam. Eu sou uma delas.

A coisa foi piorando. Se eu fumasse maconha, ficava louco. E se eu não usasse álcool eu ficava louco. Então eu ficava louco com e pior sem. Comecei a entrar em pânico. A hipótese de não estar anestesiado pelo álcool era apavorante. Na minha casa tinha bebida escondida em tudo quanto era canto. Eu acordava às 2h da manhã suando, tremendo, mal, tendo cólica, eu tinha que ir na cozinha tomar dois copos de requeijão de pinga e dormia, mas eu acordava três horas depois. O organismo queria maaais! Às 5h30, 6h da manhã já estava tomando umas. Alimentação, quando muito eu fazia uma refeição por dia. E isso foi me debilitando, eu fui emagrecendo, não defecava mais, a urina era laranja-escuro, parecia um vidro de formol. Mijava e o banheiro ficava impregnado. Comecei a vomitar espuma preta, a comida não parava dentro do estômago. Fígado, rins, era tudo fudido. O teu fígado não consegue mais metabolizar, sai lá.



Fotos arquivo pessoal

"Eu sempre procurava um sapato velho para o meu pé doente."

Disfunção hepática. Uma vez, achei que tinha uma bolha, tipo aquela bolha assassina, que me perseguia. Saí gritando na rua, cortando a bolha com foice, caí na rua e comecei a tremer, espumar, me levaram para o pronto-socorro de Juquei, tive que ficar no soro, com sedativo, Fenergan.

Aí voltei para São Paulo, e não contente resolvi tomar conhaque com Coca-Cola. Nem álcool mais estava entrando, estava simplesmente no meu limite. Tomei dois Dreyers com Coca-Cola e comecei a vomitar, ter cólica de fígado e fui parar num hospital. Tive que ficar dois dias com soro, Plasil, Fenergan na veia, tomando papinha. Nos exames foi constatado que eu consegui adquirir nesse tempo todo —em 17 anos de uso de cocaína, álcool, maconha, ácido, tranquilizante, anfetamina, tudo— esofagite, disfunção hepática (ou seja, um convite à cirrose), hérnia por deslizamento do hiato, arritmia cardíaca, comprometimento sexual... Algumas dessas lesões são reversíveis, mas a longo prazo. Isso além de ansiedade, depressão, desequilíbrio emocional...

Mas mesmo assim não parava. Voltei pra praia e continuei usando. Aí despirocquei mais ainda. **Comecei a quebrar tudo.** E estava namorando. A menina me pôs no carro e falou que eu estava ficando louco. "Você não está mais falando coisa com coisa, está chorando e rindo, chorando e rindo, tua pupila retrai, dilata, retrai, dilata, retrai, **você está** cheirando, tomando ácido." E quando não usava, o quadro era pior. Eu bêbado, normalizava. Eu sóbrio despirocava literalmente. Que aconteceu? Me internaram num hospital psiquiátrico. Fui parar em um instituto de psiquiatria. Entrei com depressão alcoólica aguda: tremor, inchaço, veia saltada no olho, falta de vitamina, tudo derrubado, moral e espiritualmente. Não tem um campo da tua vida que salve. Nenhum. **Pra quem já viu "Um Estranho No Ninho", é você viver o filme.** Eu, quando acordei, já estava há vinte e poucas horas sedado, amarrado numa cama com um soro verde no braço. Tinha tomado um "sossega-leão", fui amarrado na cama, na cela dum pavilhão chamado Pavilhão 9! É o pavilhão de triagem, onde tem 16 loucos, esquizofrênicos, psicopatas, onde tiram o colchão da cama e você tem que dormir no estrado, uns ficam se masturbando e não trocam de roupa, um fixo, gente que come merda, gente que não toma banho, neguinho que precisa tomar choque, gente que não dorme. **Fui parar num hospício. Não queria ser muito louco?** Tal o que dá ser muito louco. Fiquei apavorado. Falava que não estava louco. Quando eu estava fudido, "pelo amor de Deus me ajuda. Dá-lhe Deus. Cadê Deus que me abandonou?" Como que te abandonou? Ele me carregou no colo. Desespero.

Fiquei três dias naquela luta, naquele esforço para estar retornando, tentando ter um momento de lucidez, um momento de discernimento para conseguir ter um diálogo com alguém, expor realmente. E eu consegui com uma enfermeira que me tirou do Pavilhão 9. Fui para um quarto com cinco leitos. E para você ter uma idéia, é uma instituição fechada, é um depósito de resíduo humano sustentado pelo Estado. Se a saúde pública já é precária, imagine um sanatório. Comida de bandeijão, pulga, higiene precária. É tudo que tem aqui fora tem lá dentro: comecei a me drogar lá dentro, só que são drogas distintas, são drogas de manicômio. Os enfermeiros vendiam remédios pra gente em troca de cigarros —alguns, não todos. Eu tomava Aldon, Daxomil,

Dalmadorm, tomava disco voador que eu não sei nem o nome, o que é, mas é um derivado da morfina, que adormece tudo: a língua, a boca, ficava em letargia. Além disso, a gente fazia cachaça lá dentro: pegava sobra de comida, pegava arroz, casca de laranja, de banana, e na madrugada desmanchava um chuveiro, tirava a resistência e cozinhava. Depois a gente tomava isso com tranquilizantes, e dava uma reação pra lá de louca. Eu ficava num estado catatônico: babava, tinha convulsão, caía no meio do pátio, me debatia... era realmente insanidade, **eu vivi a loucura na íntegra.**

Quando eu saí do instituto psiquiátrico tinha adquirido uma outra dependência, por tranquilizantes, anti-depressivos, anti-convulsivos, sedativos. Eu não cheirava, não fumava, não bebia, mas tomava 20mg de Lexotan por dia. Era um cara idiota, robotizado, e não tinha sono porque eu tomava Aldol. Eles te dão uma série de remédios: um antidepressivo, um anticonvulsivo, um antidisiônico, Complexo B, e um que quebra a potencialização deles. Imagina como você fica. Você fica um merda literalmente. Aí comecei a usar essa substância mais álcool, o que me gerou apagamentos, ou seja, em determinados momentos, meu cérebro desligava e eu agia não sei como. Então eu acordava domingo, todo fudido, com a cara quebrada, com a cabeça raspada, e só sabia que tinha saído de casa na sexta-feira às 8h da noite.

TRIP E o que tinha acontecido no meio, não lembrava nada?

R Nada.

TRIP Quantos vezes você bateu o carro drogado?

R Não dá pra contar. Eu perdi cinco carros, de não conseguir sair pelo lugar por onde tinha entrado. E não contente com essa situação, voltei a usar cocaína. Então usava: tranquilizantes, anti-convulsivos, álcool, tudo. Surto psicótico, quadro de delírio, delírio místico. Tudo de novo.

Resultado: fui internado de novo.

TRIP Seus pais que te mandaram?

R Meus pais falaram: "Ou você vai ou você vai morrer, vai ficar louco. Você está ficando louco." Eu estava morando aqui com eles, depois de dez anos fora de casa. Estou agora há oito meses com a minha família. E nesses oito meses eu tive duas internações. Em oito meses eu tive três empregos, em oito meses eu tive uma namorada. E há seis meses eu não tenho uma relação com ninguém. É a *coisa mais gostosa* como resultado de tudo isso: que a minha realidade estava uma merda. Quando eu encontrava alguém na rua, me perguntavam se eu ainda estava vivo. Todo mundo olhava pra mim e associava à droga. A droga do XXXXXX. Realmente a droga do XXXXXX. A bosta do XXXXXX. Se botar ele na água, ele destila, desaparece. Se você injetar na veia, nem barato vai te dar. É capaz de você passar mal.

Me puseram na última internação, que eu já posso dizer "com a graça de Deus". Fui parar numa clínica que não era nem como a primeira, nem como a psiquiatria fechada. Era um trabalho de conscientização. Eu fiquei numa unidade de desintoxicação durante 72 horas —que é o momento de pico, o momento mais grave, quando se tira a substância química de um dependente. Por exemplo: tem gente que quando você tira, morre. Nessas 72 horas eu posso ficar louco pelo resto da vida, ou ter um acidente vascular cerebral e ficar paralítico, ou morrer...e aquele momento. Isso é entre 72 horas e 21 dias. Depois de 21 dias, passa. Se não passou, não passa mais. Fui sedado, foi diminuindo, vão tirando a sua pressão continuamente, vão te dando líquidos, vão te dando açúcar, aumenta a taxa de glicose no teu sangue, vão trabalhando o teu fígado...Passei por isso e entrei em síndrome de abstinência. Eu tinha oscilação de pressão muito grande e parecia que o meu globo ocular ia sair pra fora e a minha cabeça ia explodir. Então eu perdi a audição e a imagem deslocava. Parecia que todo o sangue do meu corpo ia pra cabeça, ficava com a cabeça vermelha. E o meu coração batia muito rápido e parava. **Sofri pra caralho.** Nos primeiros 45 dias eu achei que não fosse mais conseguir sair dessa. Mas eles vão te dando informação: começam a te explicar que você não está sozinho, que não é só você que tem isso, que você fica louco, que você morre precocemente, que isso não é uma ficção, que o fim de quem usa droga e tem predisposição a desenvolver a dependência é instituição, prisão e morte precoce. Pode demorar cinco, pode demorar dez, pode demorar 20 ou 40 anos: o fim é esse. **Agora, se a pessoa não tem a predisposição física, tudo bem, pode cheirar, fumar, beber, que não tem problema. Mas 10% da população tem a predisposição para desenvolver a dependência química —física ou psicológica—, seja ela com tranquilizantes, cocaína, maconha, álcool, com o que for.** É quem tem, o fim é esse. Daí você vai vendo, isso vai te confortando. De um filho da puta, sem vergonha, você passa a ser um doente. **Eu posso transar, posso dançar, posso pegar onda, posso fazer tudo, só não posso usar substância química,** nenhuma substância química que altere o meu humor, que aja sobre o meu sistema nervoso central. E não só isso. Além de não poder usar, tem que ter uma ondula de vida. Eu tenho que ter regras, tenho que ter disciplina, tenho que ter responsabilidades, tenho que estar me percebendo, tenho que estar me conhecendo interiormente, tenho que estar me auto-analisando todo dia, por que eu tenho que mudar o meu modo de vida. Então eu reduzi a minha jornada de vida para um dia de cada vez, 24 horas. E durante essas 24 horas você se propõe a não usar química. **Se você for pensar na palavra "nunca" —pra quem em dois terços da vida só usou droga—, falar que nunca mais eu vou me drogar é muito pesado.**

TRIP Há quanto tempo você está limpo?

R Faz 115 dias, quase quatro meses.

TRIP E como que é, você tem ido a festas, tem se divertido, ou se distanciou de tudo?

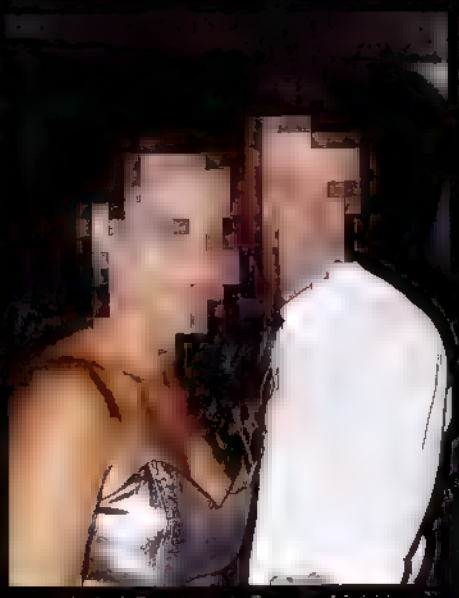
R Num primeiro momento você tem que se distanciar, evitar velhos hábitos, velhos lugares. Não que você não possa sair. Mas por exemplo: eu ia toda noite numa determinada casa noturna e saía sempre com um determinado grupo. Acontece que esse grupo e esse lugar estão tão relacionados ao uso que não tem motivo pra voltar lá, uma vez que eu parei de usar. Eu posso ir em outro lugar. Não tem motivo para não ir a um bar ouvir um jazz. Só que de preferência que eu vá com alguém que entenda o meu problema e que me dê abertura, que não vá ficar a noite inteira me enchendo com papo de droga.

TRIP Como foi o Carnaval?

R **Eu brinquei o Carnaval tranquilo, dei risada, me diverti. Não comi ninguém; antes, todo Carnaval eu tinha que comer alguém. Mas era assim: enchia a cara, ficava meio louco, encostava numa louca no final da noite e parava numa praia, parava num canto, depois nem sabia o que tinha acontecido. E isso já não aconteceu. Eu passei a ter seleção. Já olhava e falava: "Puta, olha o estado dessa mulher!"** Você começa a ficar mais seletivo. E por estar assim, as pessoas que me conheciam —principalmente onde eu estava, em Marésias, que eu fiquei dois anos completamente drogado— te olham e conhecem o drogado, o bêbado, o cheirado, o louco, o que traficava, e não eu. **As pessoas te abordam e não perguntam o que você está fazendo da vida, se você está legal, bem de saúde. Já chegam perguntando da "parada".** Só para você ter uma idéia, eu estava num bar tomando um suco de laranja, e toda vez que eu ia ao banheiro ia alguém atrás, achando que eu ia usar. Mas o que eu posso fazer? Infelizmente eu vou ter que conviver com isso. E não adianta falar que eu parei, porque eu já disse isso. Então eu falo simplesmente que "hoje eu não estou usando, estou acabado de ontem, cheirei que nem um louco...". E daí? Eu não mentia pra usar? Minto pra não usar também.

TRIP Você não dá explicação pra ninguém.

R De maneira nenhuma. Mas dá pra se divertir: dancei, ri, fiz novas amizades, fiquei um pouco tenso —lá me deu vontade de usar. Eu fiz um churrasco em casa e até tinha um cara tomando whisky, cerveja. **Eu não posso proibir ninguém de beber do meu lado. Eu não sou contra quem bebe, eu não sou contra droga, não sou contra quem usa. Só sou a favor de quem quer parar.** Sou a favor do respeito da decisão, da opinião que cada um tem. Se eu tomei essa decisão —porque se não tomasse ia ser caixão mesmo— então procuro pessoas que entendam. **Mas quem sou eu pra poder mudar alguém?**

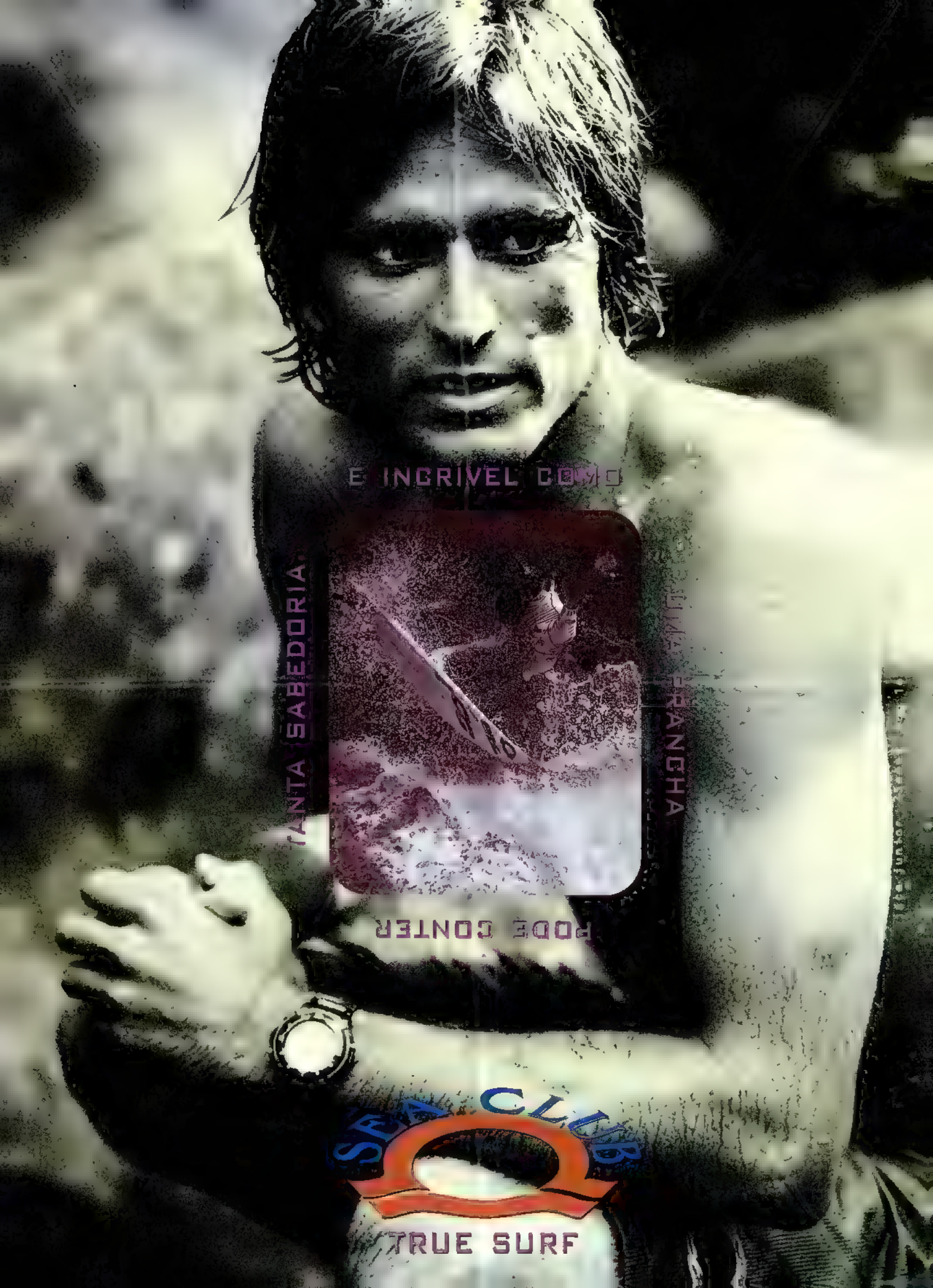


jacques quintas

"Tenho 30 anos e nunca tive um sentimento verdadeiro por alguém."

DIA DOS NAMORADOS
CAMISINHA & CAMISETA
FILOBEL
OCEAN PACIFIC
SHOPPINGS: MORUMBI, IGUATEMI, IBIRAPUERA, WEST PLAZA, PENHA, GOLDEN S. BERNARDO, CONTINENTAL, TAMBORÉ, MOGI, LIMEIRA, MAXI JUNDIAÍ, CADUI C. JORDÃO, TAUBATÉ, PQUE BALNEÁRIO SANTOS, A. LORENA 1635 AV DOS BANDEIRANTES 2829
FOTO: AGOBAR JR. POUSADA VERDE DO ROSA S/C

TRUE SURF
TÉCNICAS DE RELAXAMENTO,
ZEN BUDISMO,
TANTRA YOGA,
MEDITAÇÃO,


E INCRIVEL COMO
PODE CONTER
TANTA SABEDORIA
SEA CLUB
TRUE SURF

TRIP

EDITOR Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli
PROJETO GRÁFICO Rafic Jorge Farah

ARTE
DIREÇÃO Hector Hungria
CHEFE Waimir S. Graciano
ASSISTENTE Silvio Luiz Vieira
ARTE FINAL Raquel Duarte Armond
ARTISTAS CONTRIBUINTES Cassio Leitão Camareiro, Estação Manda e Marcelo Pallota
PRODUÇÃO GRÁFICA Carlos G. Sarli

GERENTE DE DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO
Mônica Mendes
ASSISTENTE
Patricia Soares

REDAÇÃO
DIREÇÃO Silvia Carone
EDIÇÃO DE VARIEDADES Ricardo Franca Cruz
ASSISTENTES Louise Chin e Thais Curia
EDITOR CONTRIBUINTE DE MÚSICA Fabio Massari
COLUNISTAS André Barcinski, Carlos Sarli, Ignácio Aronovich, Marcelo Tas, Tico Cavalcanti, Ricardo Bocão e Rogério Gallo
FOTO STAFF Aaron Chang, Anibal Neto, Ignácio Aronovich e Shoiti Hori

COLABORARAM NESSA EDIÇÃO
TEXTO: Arnaldo Jabor, Arthur Veríssimo, Edu K, Érica Li, Fabio Bolota, Flavius Colira, Lúcio Del Cielo, Marco Piva, Nik, Nixon e Rosangela Torres
FOTO: André Sader, Bia Guedes, Desi Alessandrini, Gordinho, Marco Piva, Paulo Vainer e Woody Woodworth

DEPARTAMENTO COMERCIAL
ATENDIMENTO Eza Helena Cardoso
REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA JUNTO À AGÊNCIAS DE PROPAGANDA
Sgarbi & Montalvo
tel. (011) 813-2428/814-7975
CONTATOS:
São Paulo - Ana Paula Wehba e Lúcio Miguel Delcielo (011) 829-4355
Rio de Janeiro - Chico Isnard
tel. (021) 226-4260
Rio Grande do Sul - Dennis Magalhães
tel. (0512) 31-6619

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA Shoiti Hori
ASSISTENTE Simone Soares
TRÁFEGO Roberta de Santos Gil
AUXILIAR André Pereira da Costa
ASSESSORIA JURÍDICA Silvio G. Shulzer

DISTRIBUIÇÃO
Fernando Chinaglia SA
rua Teodoro Silva, 907 - Rio de Janeiro - RJ
DIPUL Distribuidora de Publicações (Portugal)
IMPRESSÃO Gráfica Círculo

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista TRIP, uma publicação bimestral da TRIP EDITORA E PROPAGANDA LTDA. Nós vendemos espaço, mas não vendemos opiniões. Administração e publicidade à Av. Prés. Juscelino Kubitsheck 1479 São Paulo -SP CEP 045434-011

PARA FALAR COM A TRIP LIGUE OU FAXE E PABX (011) 829-4355

divulgação

O CAMINHO QUE KURT COBAIN NÃO VIU

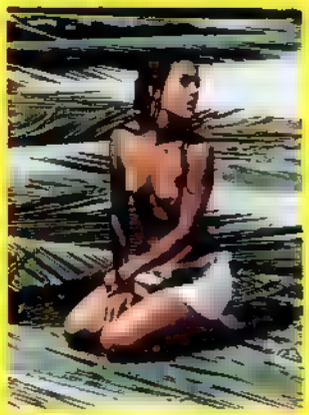
A última vez em que fez sentido pegar em armas foi na Revolução Francesa. A indignação do povo fez cair a Bastilha e mudou a história da humanidade.

De lá pra cá, as armas eficientes tornaram-se outras. Com metralhadoras, pouco ou nada de efetivo se conseguiu. Nem Che Guevara, nem o socialismo recentemente morto por inanição, nem qualquer forma nojenta de direita chegou a algum lugar. Pegar em armas está caído. Que armas restam para a juventude frustrada nos sonhos rebeldes?

A cocaína é droga dos idiotas, a maconha dos conformados, o crack dos suicidas desesperados, a poupança dos bancos necrosados pelo dinheiro, o futebol do Havelange, a política dos mediocres, a presidência do Itamar...E nós?

TRIP só acredita na resposta pela Revolução da Inteligência, em todos os seus sentidos, até no mais profundo —aquele que devolve lógica à irracionalidade de um vale-tudo no tatame. Não vamos assistir com o copo de cerveja na mão o Brasil escorrendo pelo ralo da corrupção, da hipocrisia, do impatriotismo e, acima de tudo, da burrice generalizada. Qual o caminho? Procurar o caminho. Ou perguntar ao guarda de trânsito.

Paulo Lima



← Myra Babenco em Maresias fotografada por Paulo Vainer em dia de swell de 2 metros.

O espelho do estrago feito pela cocaína, devastando uma geração. Foto André Sader. →

SURPREENDIDO A PRATICAR. NO INSTANTE, NO ENSEJO.

VISTO NO MOMENTO ABSOLUTO, EVIDENTE, MANIFESTO, PATENTE.

FLAGRA

WINTER 1994

ATO OU FATO QUE SE OBSERVA QUANDO OCORRE, NA OCASIÃO DE FAZER.

FLAGRADO

Fábrica: Rua Hipódromo, 317 - Brás - São Paulo - SP - Tel./Fax: (011) 264-9000 - Loja: Rua Augusta, 2792 - (Quase esquina com Oscar Freire) - Tel.: (011) 280-6172

corpo

SOB O IMPÉRIO DO SOL

Já li várias matérias sobre lesões na pele causadas pelo sol, mas quando acontece do nosso lado a gente acorda pra valer. O surfista e empresário Darcy Guimarães tem a pele clara, viaja regularmente para a Indonésia e anda de moto pelas montanhas e praias de Garopaba, muitas vezes, debaixo de sol.

Março de 94: Darcy retirou semana passada quatro pedaços do seu corpo numa cirurgia. Pequenos, em termos. Grandes o suficiente para sentir as pernas lhe faltando quando viu os pedaços. De volta ao Rio de Janeiro, liguei para o windsurfista e dermatologista Ricardo Barbosa Lima, o Ricardinho, e peguei as seguintes dicas sobre as lesões da pele:

Russel

OS TRÊS TIPOS MAIS COMUNS

* *Carcinoma Basocelular:* o mais comum e o menos perigoso;
* *Carcinoma Espinocelular:* pode se espalhar e é mais perigoso, principalmente no lábio. Estes dois se parecem com um carocinho, uma espinha seca, um sinal que pode sangrar facilmente ou uma carne esponjosa, tipo uma couve-flor pequena;
* *Melanoma:* o menos frequente e o mais maligno. Pode levar à morte porque se espalha externa e internamente através de metástases, primeiro nos gânglios regionais e seguindo pelos pulmões, fígado e cérebro. Fique de olho em alguma pinta, de nascença ou não, que comece a se modificar, doer, coçar ou escurecer.

GRUPOS DE RISCO

Pessoas de pele e olhos claros, alta incidência de pintas ou sinais, uma tendência de queimar ao invés de bronzear, casos anteriores na família e pessoas que ficam longos períodos expostas ao sol.

IDENTIFIQUE AS LESÕES

* Pinta ou sinal que comece a crescer, engrossar, sangrar ou trocar de cor; que tenha bordas ou pigmentação irregular;
* Pequeno machucado que não cicatriza;
* Ponto com visual de cicatriz, meio encerado e brilhante.

EVITE

O sol das 10h às 15h, não só na praia, como em trabalhos/atividades ao ar livre sem camisa e chapéu

CRIANÇAS E BEBÊS

Atenção, pois o dano solar é acumulativo ao longo da vida. Pele lesada na infância pode, no futuro, desenvolver o câncer

USE

Sempre boné, camiseta e protetor solar acima de 30 SPF nas áreas mais expostas (nariz, lábios...). Para os radicais, o ideal é o protetor 45 SPF.

Dos três tipos mais comuns de lesões da pele provocadas pelo sol, o Melanoma é o mais maligno, podendo até causar a morte

FOTO: TONY FLEURY

Amaro Matos international team member
Pipeline, Hawaii , inverno de 1994

b
i
k
e

ignácio aronovich

DESOBEDIÊNCIA CIVIL

Pedalar na cidade é um tesão. Podem falar da poluição, dos riscos, mas a maior satisfação de se locomover em bicicleta pela cidade é que não há regras.

Cada vez mais os motoristas são prisioneiros de seus veículos. Engaiolados, furiosos e atrasados, disputam cada palmo de espaço nas ruas.

Na hora do *rush* a satisfação aumenta à medida, que os carros param e as médias horárias das bicicletas superam facilmente as dos carros em *gridlock* total. Enquanto isso, os ciclistas trafegam com facilidade, sem fiscalização, com as autoridades muito ocupadas em manter a sua lucrativa indústria de multas, desconhecendo nossa existência. Perfeito.

Sem regras e com um pouco de desobediência civil, pode-se trafegar com liberdade total. Placas de trânsito servem somente como indicação da direção do fluxo de carros, sem impor qualquer limitação ao ciclista. Em outros países, chega-se a permitir o trânsito de bicicletas nos dois sentidos em ruas de mão única, com o uso de ciclofaixas. No Brasil vale tudo. O caos permite realizar trajetos que são impossíveis em veículos motorizados. Enquanto a bicicleta não é tratada como meio de transporte —e sim de lazer— aproveite. As ruas são suas.

■ Na corrida para achar substitutos para a gasolina —álcool e alternativas, como o metanol, baseado em milho— pesquisadores ignoram uma tecnologia que transforma comida diretamente em combustível: um ciclista pode pedalar 6 km com as calorias de uma espiga de milho. Andar de bicicleta consome menos energia por quilômetro do que qualquer outro meio de transporte, inclusive caminhar

■ O mountain bike —agora esporte olímpico— ganha terreno nos EUA. As modalidades de *downhill* e *dual slalom* têm obtido cobertura significativa na Network Television e saem dos canais dedicados exclusivamente a esportes. Com ação extremamente radical, tombos espetaculares e relativa facilidade para cobertura, as provas têm atraído cada vez mais patrocínios e espectadores.

■ Com o aval do Greenpeace, esteve no Brasil o austríaco Wolfgang Rauh, especialista em ciclovias. O vienense veio dar consultoria para a construção da ciclovia de Ribeirão Preto, SP. Wolfgang é contra o isolamento de ciclistas em ciclovias e prefere que carros e bicicletas dividam o mesmo espaço pacificamente. Para chegar a esse ideal, ele não acredita em campanhas educativas para motoristas, ciclistas e pedestres. Pensa que "education comes from the streets"

■ Boa notícia para quem pedala em SP: uma ciclovia ligará o Bosque do Parque do Morumbi à Cidade Universitária. Cinco quilômetros de ciclovia não são nada, mas é um começo. Há uma continuação prevista que ligará a USP ao Parque do Ibirapuera.

■ Ciclistas se dividem nas mais diversas facções. Para os ciclistas de Cristo há o International Christian Cycling Club, que mistura passeios e leitura da Bíblia. Para as mulheres, existe a Woman's Cycling Coalition, que promove passeios só para mulheres e fornece dados para fabricantes de bicicletas aprimorarem seus modelos femininos.

■ *To the point*: a campanha das bicicletas americanas Schwinn vai direto ao assunto com seu novo slogan: "Cars Suck"— algo do tipo "carros são uma merda".

■ O mais novo adepto do mountain bike é Anthony Kiedis, vocalista dos Red Hot Chili Peppers, que pode ser visto dando suas voltinhas em sua Barracuda Limited Edition.

■ Daniel Aliperti, mountain biker, melhor mecânico de bicicletas do Brasil e pai de família nas horas vagas, recuperou sua bicicleta que havia sido roubada à mão armada. Ao ver a Fisher Paragon enquanto pedalava no Ibirapuera, um amigo seu não teve dúvidas: chamou a polícia e, com a nota fiscal e número de série gravado no quadro, desfez qualquer dúvida sobre a propriedade. Restou ao ciclista que comprou uma bike roubada tentar se explicar ao delegado Comprar uma bicicleta de origem duvidosa só estimula o mercado de bikes roubadas...cuidado.

■ E os passeios noturnos são cada vez mais comuns. Depois dos W/Angels, da W/Brasil, agora foi a vez dos publicitários da Young & Rubicam —que fazem passeios bem-humorados com um único destino: a Cervejaria Continental.

■ É irônico ver pessoas pagando caro e indo de carro até uma academia para ficar paradas pedalando em bicicletas ergométricas. *Ride a bike.*

O colunista Ignácio Aronovich se aventurando no túnel da Av. 9 de Julho em São Paulo, na hora do *rush*

CARMIM

OBSERVANDO O FUTURO

Criação Andréa Velloso Foto Mônica Vendramini

Andréa Mattar, 24 anos, atriz, é **voluntária** na recuperação de menores de rua, uma vez por semana desde 1991 na **A D M E R** - Associação de Defesa do Menor de Rua. Se você quiser ser um **voluntário** entre em contato: 704-0906

batida

MORTE NO BRASIL

Henry Rollins passou pelo Brasil como um furacão. Um dos ícones do hardcore americano desceu em São Paulo numa sexta infernal de quente, pegou um táxi cheio de malas, passou pelo hotel para descarregar e começou, na sequência, sua maratona tropical — que terminaria na manhã seguinte, com a cara cheia de sangue para 100 mil felizardos, na praia do Gonzaga, em Santos (SP). Rollins se esforçou, buscou com seu militarismo punk um destaque calculado —calculista é outra conversa. Mas que saiu daqui como símbolo do *M2000 Summer Concerts*, saiu.

Deleitou a imprensa escrita (boa parte dos jornalistas procuravam revelar uma intimidade toda particular e exclusiva com o ex-Black Flag, "homem do ano" da revista *Details*), atropelou as rádios da cidade, entrando, fazendo o seu e saindo sem piscar o olho, num mecanismo esquisito, eloquente mas hermético, de emoção controlada. Sobre algumas rádios, Rollins disse que "simplesmente não sabem o que estão fazendo, não sabem fazer o seu trabalho". Foi à MTV —"Faço qualquer coisa para pôr minha cara na MTV"— onde aliviou um pouco a tensão original, sem poupar, porém, "câmeras" mais desavisadas: "quem é esse homem? Qual é a dele?"

Passar um dia com Rollins não foi das tarefas/prazeres mais fáceis. A idéia era gravar um programa *on the road* para o *Lado B* da MTV, mas o cansaço pós-viagem, o calor insuportável e as obrigações/correrias jornalísticas deram um tempero complicado à situação. O programa foi feito com um Rollins extremamente profissional (às vezes teimoso). Mas quando no *day after* a Astrid —então gerente de produção da MTV— me perguntou como tinha sido a barca, fui imediato: "Dá pra fazer uma conferência sobre o programa. O que repetir e o que NUNCA MAIS fazer num programa desses."

Conferências à parte, Rollins deixou um rastro plural de impressões, tanto musicalmente quanto de "atitude" e "postura". No meio disso algumas aspas difíceis de esquecer.

ROLLINIANAS.

■ Na hora de "poupar" o convidado, perguntei: "Por que você não vai para o carro do *manager* —que seguia a Veranelo da MTV— e descansa um pouco no ar condicionado?" Rollins olhou para a equipe com seu sorriso *serial killer* e respondeu: "Eu encaro qualquer coisa que vocês encararem."

■ Já na estrada, passamos por um acidente com vítima no canteiro. Rollins olha a equipe e diz: "Havia corpos ali". Frente à nossa hesitação — dizer o quê?— fuzila: "Corpos, sabem, do tipo gente coberta com pano branco." Mais silêncio da equipe e vem a final: "Um pouquinho de morte no Brasil, maravilhoso."

■ Depois do *soundcheck*, peço para gravar com Rollins o final do programa, no palco. Ele aceita mas ameaça mudar de idéia em seguida: "Essas meninas gritando "Black Flag" estão me irritando. Não sei se quero ficar aqui." Arrisco um "tudo bem, vamos para outro lugar", só para ouvir: "Não, agora eu quero fazer aqui."

■ "Não importa em que ordem vamos tocar, nós vamos massacrar todos elas." Quem viu Rollins em Santos sabe o que ele quis dizer.

Henry Rollins "suando sangue" no Gonzaga: "Um pouco de morte no Brasil, maravilhoso!"

Ignácio aronovich

FASHION VICTIMS
FUCK THE FASHION!
VISION STREET WEAR
SÃO PAULO - R. Bom Pastor, 1515 - tel. (011) 274-4188 - JUIZ DE FORA - R. Marechal Deodoro, 444 - lj.233 - GOIÂNIA - Av. T7 nº 260 - sala 13 - LONDRINA - R. Tupi, 223 - lj. 12 - JACAREÍ - R. Barão de Jacareí, 155 - FRANCHISING - (011) 274-4188

batida

INCÊNDIO LINDO

Meat Puppets ao vivo no ginásio da Fordham University, Bronx, Nova York: um daqueles shows "nada a declarar". Não é sempre que se cruza com uma instituição da independência-marginália americana (o retrato da noite, o fogo se abrindo em forma de ciclone, crescendo com as guitarras, arrasando com as cadeiras da ala comportada. Lindo!).

Na hora em que os "donos da noite" Blind Melon subiram ao palco, a imediata divagação pergunta: o Meat Puppets abrir o show para o Blind Melon? Screaming Trees e o Soul Asylum esquentarem o público para o Spin Doctors? Butthole Surfers dividir o pôster com o Stone Temple Pilots? Não há algo de errado nisso? Não há algo de malucamente injusto nessa duvidosa inversão mercadológica de valores, valores práticos, de estrada, estéticos, porra!? Valores de rock 'n' roll? Como ficam os anos de suor e as contribuições "linguísticas" nessa nivelada artística que detona o passado e mostra um presente comprometido?

É claro que o fogo positivo derrubando as cadeiras bateu a pergunta, mas quando tive a oportunidade de fazê-la a um dos protagonistas... David Pirner, vocalista do Soul Asylum, riu com prazer e emendou um "yeah". Dan Murphy, guitarrista, completou: "Essa sim é uma pergunta carregada." Cada um que a descarregue como quiser.

PS: **Meat Puppets** - *Too High To Die*, último disco da banda dos irmãos Kirkwood, do Arizona, é obrigatório. Os Puppets ultrapassam uma década de estrada com um disco de proto —country moderno— repleto de bons ganchos e as guitarras mais precisas do planeta.

PS 2: **Screaming Trees** - Mark Lanegan, vocalista do Screaming Trees, lançou, finalmente, seu segundo disco solo, *Whiskey For The Holy Ghost*. O nome já diz tudo: folk urbano melancólico, com fumaça, embriagado, e uma gangue de companheiros especiais convidados— "mudhoneys", "tads" e "dinosaur jrs."

PS 3: **MTV 1** - Vale a discussão: a quantas anda a validade, a credibilidade do que alguns chamam de "MTV Rock" (a existência do próprio termo é discutível), representado por bandas como as acima (Spin Doctors, Stone Temple Pilots, Blind Melon...) e outras tantas?

PS 4: **MTV 2** - Desde que

divulgação

RADICAL CHIC.

NOVA LX 1.6. MAIS ESPAÇO, MAIS LUXO, MAIS ESPORTIVIDADE.

•Motor 1.6 i.e. à gasolina •Novo revestimento interno •Novo painel •Ar condicionado opcional •Roll-bar com faróis auxiliares • Conforto, design e estilo.

Seu lugar é aqui.

MPM_UNITAS

colocou seu pé colorido na televisão brasileira, em outubro de 90, a MTV, —salvo raríssimas e discutíveis exceções— não foi tratada jornalisticamente como se deve. Tanto pedras quanto confetes insistem em ser atirados no seu frenesi formador de opinião, no seu colorido meteórico e vazio, no papel/desempenho dos seus VJ's. Talvez fosse hora de se prescindir do mesquinho distanciamento intelectual —este sim discutível— e começar a acertar a mira e a mão na hora de levantar o pano e revelar algumas verdades de mercado e editoriais — boas ou más.

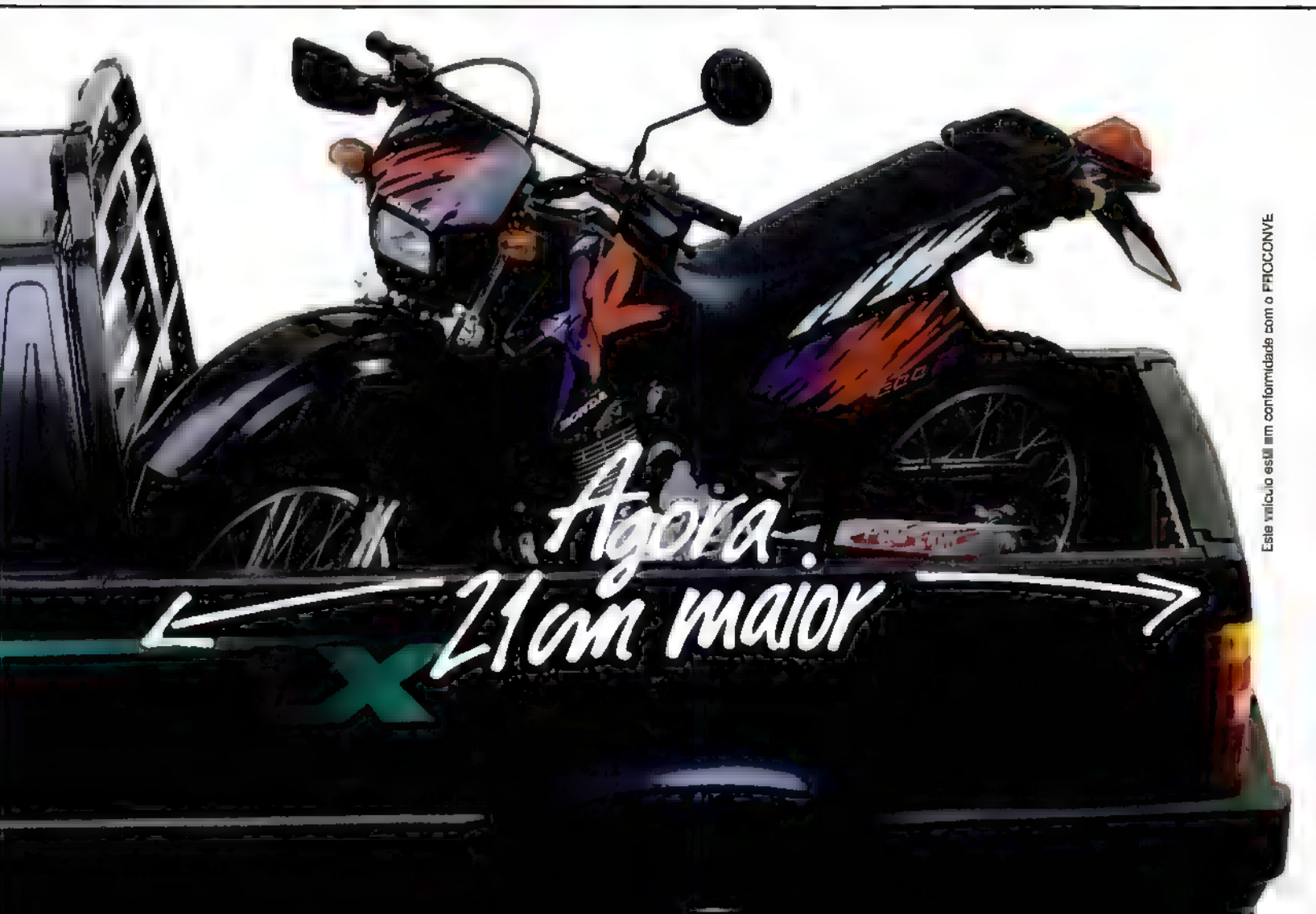
SUBTERRÂNEOS

Se o rock brasileiro vai bem? Pelo menos fala-se dele. A divulgação sobre a "situação" do nosso rock pode ir longe, mas, para onde quer que vá, se quer ser legítima, tem que passar por uma "coisa" chamada Inocentes e seu mais recente disco, *Subterrâneos*. Clemente & Cia vivem o nosso rock brasileiro há mais de uma década, distantes do oportunismo barato e dos esquemas de oba-oba promocional duvidosos. *Subterrâneos* é um *shut up and play your guitar* para os falastrões, um disco de rock básico capaz de esburacar o caminho, desviar. Daqui para frente as coisas não vão ser — não podem ser! — iguais.

A poesia urbana do Inocentes ganha uma cara universal pelo seu brilho direto, visual, visceral. "Eu sou o Mal", "Ninguém vai me obrigar a ser o que eu não quero ser", "Eu vi a face de Deus pichada no muro". Tudo em *brasileiro*.

No dia em que o grande livro do rock brasileiro for escrito, um dos principais capítulos será — tem que ser o deles — Inocentes.

INOCENTES: MAIS DE UMA DÉCADA NOS SUBTERRÂNEOS TOCANDO POESIA URBANA EM *brasileiro*



Este veículo está em conformidade com o PROCONVE

t
e
l
a

O FUTEBOL NA PRÉ-HISTÓRIA DA TV

Você se lembra da primeira vez em que viu TV na sua vida? Eu me lembro por uma razão muito especial: era a Copa do Mundo de 70. Tinha 10 anos e fui pessoalmente com meu pai buscar aquela caixa enorme que ocupou todo o porta-mala da Variant. Ou seria um TL? Não importa. Fiquei completamente siderado com aquela sensação de estar acompanhando ao vivo, em preto e branco, tudo que rolava nos gramados do México

Para vocês que nem tinham nascido em 70, vou contar. O Brasil acabou tricampeão mundial de futebol com uma campanha impecável. Sem nenhuma derrota, nenhum empate. Só com placares bem servidos: 4 x 1, 3 x 2, 3 x 1, 4 x 2...Apenas a Inglaterra nos assustou Fomos salvos por um mineirinho magricela chamado Tostão, que de costas encontrou Pelé, que deslizou com açúcar para Jairzinho —o Furacão da Copa— que mandou uma porrada para dentro das redes de Banks: Brasil 1 x 0. Foi um dos momentos mais tensos da minha vida.

Mas, vamos direto ao assunto. Numa madrugada dessas de insônia, fui pego desprevinido com um videotape na TV da grande final da Copa de 70: Brasil x Itália. Assisti na íntegra os 90 minutos e fiquei emocionado e decepcionado ao mesmo tempo Emocionado com a ira punk de Rivelino e a elegância africana de Pelé. E decepcionadíssimo por ver que a transmissão de futebol em 70 era tão boa quanto a de hoje. Ou seja: a transmissão de futebol não evoluiu desde a Copa de 70

A TV melhorou em quase todos os esportes Lembram-se do tempo em que assistir Fórmula 1 na TV era tão monótono quanto um congestionamento na Piaçaguera-Guarujá? Pois é, hoje a F1 na TV parece uma ópera em videogame. A gente tem visão do piloto, ouve a diferença dos roncos da Ferrari e da Williams, sente a tensão do *pit-stop*, vê até o pé do piloto pisando no acelerador ..E o futebol, o que evoluiu na TV durante esses anos todos? Praticamente nada. Talvez as últimas grandes invenções do futebol na TV tenham sido o *slow-motion* e o *replay* É muito pouco. E já existiam desde a Copa de 70

Por isso aguardo ansioso a Copa dos EUA. Os americanos não entendem nada de futebol. Mas sabem tudo de TV. Vamos torcer para que eles, inventores do cinema, ajudem a tirar o futebol da pré-história audio-visual em que se encontra.

A TV melhorou em quase todos os esportes. Mas as últimas invenções para a transmissão do futebol foram *slow-motion* e *replay*

Ilustração Spato/foto André Sodar

WINTER 94
COOL
BUT
WARM
COLLEGE JACKETS
PHONE (011) 814-1736
FAX (011) 815-4948

HAWAII PHOTO ESSAY: 1994

A LISTA DE CHANG

O mais versátil e bem-sucedido fotógrafo de surf do mundo viveu parte da adolescência e juventude no North Shore de Oahu e fotografa profissionalmente a temporada de ondas grandes há 25 anos. Passou por todos os lugares surfáveis do mundo – de Sumatra a Costa Rica. Apaixonado pelo Brasil, conhece o país com intimidade, de Trancoso até o túnel que liga a avenida Juscelino Kubitschek ao Morumbi, em São Paulo.

AARON CHANG aceitou nosso desafio de compactar em seis páginas uma das faixas de terra e água mais agitadas do planeta, no seu período anual de ebulição – o INVERNO DO HAWAII. Com fotos afiadas e sem retoques, Chang fez o serviço.

AARON CHANG

HAWAII 99

HAWAII

A REPORTAGEM DA TRIP VIAJOU PELA UNITED AIRLINES

Largada lenta em dezembro, muita chuva e surf pequeno. O evento mais importante da temporada foi o Pipeline Masters: as ondas eram uma perigosa combinação de swells de Norte e Oeste variando de 6 a 12 pés. Neste dia, Kelly Slater redefiniu o surf de backside para o esporte, alternando os volumes das viradas e sintonizando tubos profundos com arrojo e atrevimento antes só apresentados pelos mestres Derek Ho e Tom Carroll. Ho vence o campeonato e o título mundial, o primeiro a ficar com os havianos. Tom Carroll – o melhor surfista no North Shore – veste sua última camiseta de competição e se aposenta do Tour. Fábio Gouveia protagoniza a mais embaraçosa bateria na história do Pipe Masters não pegando uma única onda. Os havaianos Jaquias, Ho, Garcia e Gomes dominam a Tríplice Coroa. Waimea quebra em janeiro. As duas maiores ondas, com bem mais de 20 pés, não são surfadas. Brock tenta. Ross Clarke-Jones tenta. Ninguém se dá bem. À sua maneira, estas duas ondas definem o futuro do esporte.

9 9 4
YEAR OF THE HAWAIIANS

CARTA

Bonita, 22 anos, corpo perfeito, cheia de saúde, Carla se viciou em cocaína. Internada numa clínica/fazenda para tratamento, enviava cartas para o namorado em São Paulo toda semana. Você vai entrar na intimidade de uma garota que luta bravamente alternando a cada linha, força, ansiedade, solidão, desespero, amor, carência, tesão, morte e principalmente vida.

BRANCA

Carla morava em um apartamento nos Jardins (área residencial nobre de São Paulo) com a mãe e a irmã. Trabalhava numa das lojas mais importantes da "cena fashion" da capital paulista, em pleno shopping Iguatemi, daquelas que só aceitam garotas muito bonitas. À noite, saía com os amigos e frequentava as melhores festas, shows e casas noturnas da cidade.
Os fins-de-semana eram invariavelmente no litoral norte, nas praias mais belas e glamurosas do estado. Vida de princesa.
Só um pequeno problema: instigada pelos "amigos" e pela própria insegurança, ela vinha consumindo nos últimos meses quantidades significativas de cocaína, praticamente todos os dias. Um "tirinho" no trabalho para aguentar as peruas. Alguns mais para sair à noite. Outros tantos pra esticar na boate e mais alguns antes de transar.
No final de 93, ela já percebia, nos momentos de lucidez, que não tinha qualquer domínio sobre seu corpo.

O vício era fato.
A saúde e a cabeça estavam indo embora.
Na sequência, os problemas de grana, brigas sérias com mãe, irmã e namorado, crises no trabalho e o chamado "inferno astral".
Ela foi inteligente o suficiente para procurar ajuda.
Primeiro com a N.A. (Narcóticos Anônimos) e depois com uma das instituições mais sérias do país no trabalho de recuperação de viciados. Ela está desde 28 de janeiro internada numa fazenda no interior do Rio de Janeiro, mantida por esta instituição, num trabalho de desintoxicação física e mental, que deverá levar pelo menos seis meses.
A TRIP mostra as cartas semanais que ela enviava ao namorado em São Paulo. Você vai ter acesso à intimidade de uma pessoa que mostra em cada linha toda a ansiedade, força de vontade, insegurança e riqueza de sentimentos de quem luta para resgatar a própria vida.

28 de janeiro de 1994

QUERO VOCÊ, NÃO AGUENTO MAIS DE SAUDADE, DE FAZER AMORZINHO. ME ESCREVA.

Hoje é meu primeiro dia aqui, o lugar é legal, os aposentos um pouco "muquifo", mas é disso que eu preciso. Descobri uma coisa: aqui não tem vela "cristal", quando eu voltar você vai ter que tirar o atraso, e se estiver namorando com alguém, não quero nem saber. Quando eu chegar quero ser a primeira (isto é, se você quiser). Bom, chega de besteiro, amanhã eu escrevo mais, vou dormir, pois tenho que acordar às 5h20 da manhã. Até amanhã...

Acordei às 5h20, como tinha dito, ainda estava escuro e o céu estava todo estrelado, tomamos café e tivemos uma reunião, agora vamos cuidar dos bichos. Tem uma porca aqui que se chama Jezebel com 4 filhotinhos, um galo que se chama Nicolau. Trabalhei que nem uma cavalo, até "carpi" na horta, comecei a fazer ginástica hoje...

Descobri uma coisa hoje, daqui a 4 meses vou para SP passar uma semana, faz parte do tratamento. Vai ser uma semana de... vou fazer aquele filme "7 Dias de Amor", e se você quiser pode ser com você (há, há, há).

Bom, já estou no segundo dia, quer dizer, ainda, e com saudades, mais do que eu esperava. Queria estar sentindo menos saudades, você está fazendo falta de verdade.

Caso dê para você vir algum dia para me visitar, vou te mostrar: aqui é um matagal sem fim, e ficarei muito feliz. A minha mãe sabe os dias certos de visita, se você quiser ligar para ela para ter mais notícias —pode ligar— e não se esqueça que na 2ª feira, antes de vir pra cá, eu disse que havia saído com você. Cheguei um pouco tarde em casa e disse que havia pegado no sono. Se não entender, ligue para... bom, se não der para vir, em julho estarei aí cheia de amor para dar.

Beijos da... que te adora...

PUTA QUE PARIU, QUE SAUDADES DOS NOSSOS DOMINGOS.

OBS: A PRÓXIMA VAI SER DE SACANAGEM.

07 de fevereiro de 1994

Recebi sua carta e adorei. Adorei as sacanagens, mas não tenho corda para me amarrar na cama...

Olha eu de novo!! Acho que eu esqueci de dizer que ESTOU COM SAUDADES!!!

Beijos...

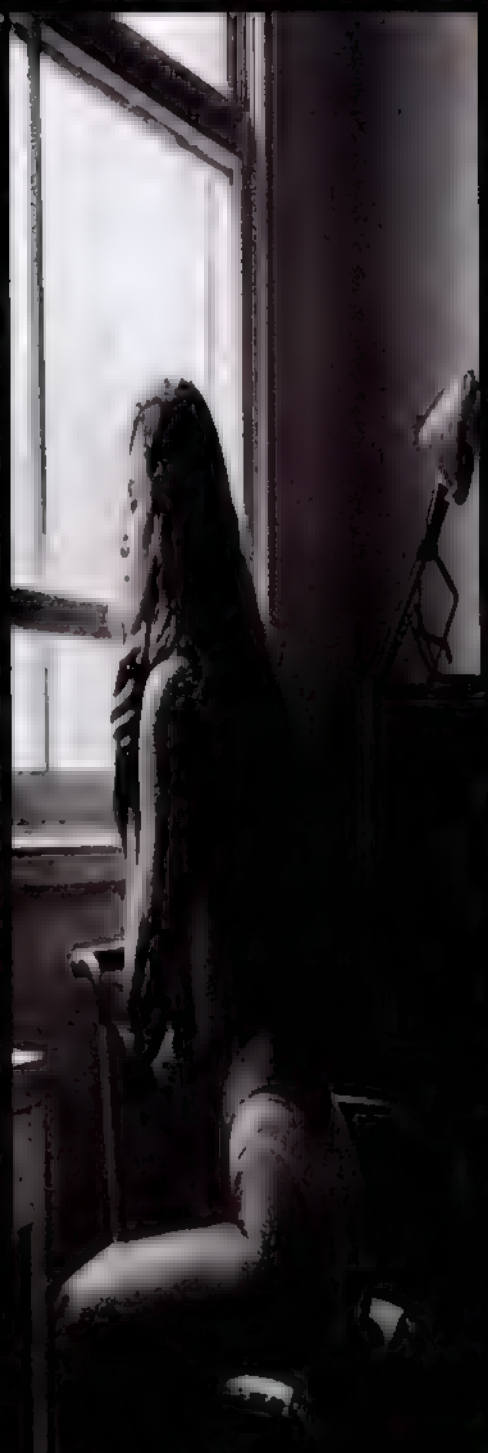
OBS: A respeito do presente, pode ser com creminho de morango ou de chocolate.

Não é porque estou na fazenda que você precisa ser tão rural, pois "galinha choca" é o P.Q.P.!!! Não pode ser galinha caipira?

...a respeito das visitas, agora dia 13 vai ter uma. As visitas são de 15 em 15 dias. Eu te escrevo para falar o dia das outras. Fico feliz só de saber que você não esqueceu de mim.

Adorei sua carta...

Beijos, te adoro...



20 de fevereiro de 1994

Já faz 12 dias que estou aqui, estou pegando amor pelo lugar agora. Às vezes bate uma puta deprê, mas isso é normal. Hoje é domingo, minha irmã deu uma passada aqui, pois ela estava voltando de Búzios.

E o seu Carnaval, como foi? E aí, está me traindo muito ou só um pouco? Eu imagino, galinho do jeito que é, já nem lembra mais que eu existo. Eu continuo na abstinência, estou já quase pegando fogo, estou pensando em até congelar as minhas calcinhas. Estou quase arrastando os dois conselheiros para a minha cama, só que vai ser impossível; além de serem muito ruins, ou melhor, péssimos, eu ainda tenho controle de qualidade. Agora vai uma letra de uma música da Maria Bethânia:

"Tô com saudades de tu, meu desejo, tô com saudades do beijo de mel, do teu olhar carinhoso, do teu abraço gostoso, de "transar" no teu céu. É tão difícil ficar sem você, o teu amor é gostoso demais. Quando estou nos teus braços, estou nos braços da paz".

Depois acordei, que bosta, mas tudo bem, em junho estou aí para fazer nanãm (da mentira, lógico, né!!)

Sonhei que estava transando com você hoje a noite inteira e acordei morrendo de saudades e de tesão, daí resolvi te escrever. Por sorte, consegui me "desamarrar da cama", (que nem aquela vez, lembra?), foi demais (o banho daquela vez, também)!

Você não sabia, né? Vou voltar em julho, perto do meu aniversário, espero que você me dê um presente bem gostoso e que me faça feliz. Adivinha o que é?

Até agora não recebi nenhuma carta sua, seu F.D.

Se não me escrever, não vou t... com você. Lógico que é mentira, porque daqui a 4 meses quero fazer amor várias vezes, se você quiser, senão adivinha, vou ficar triste, mas vou entender. Quem sabe eu não chego aí e você está namorando e apaixonado, daí vou ter que arrumar um namorado e fazer amor com ele!!

OBS: A resposta vai na próxima carta!!

25 de fevereiro de 1994

E aí, tudo bem? Estou com um gato lindo na cama, o nome dele é Kiko, tem 4 patas, é branco e preto e quando cheguei aqui ele já tinha nome. Mas pelo menos eu consigo matar um pouco da minha carência e tristeza com ele, ele é lindo!

Aqui está tudo mais ou menos, a primeira semana foi um inferno, estou na terceira e só agora estou pegando amor pelo lugar. Aqui é meio regime militar —por sinal, estou fazendo de tudo para não engordar, tô meio foda, mas eu vou conseguir.

Andei muito triste, acho que é carência e saudades de todos, minha mãe, irmã, meus cachorros... Aliás, eu não sabia que ia sentir tanta saudades suas, realmente você faz falta, viu!!!

Estou me acostumando a ficar sem sexo, não sei até quando, quem sabe aparece um príncipe aqui para fazer amor comigo nesse tempo, ia ser demais!! Vou sair em junho para visitas, não

sei se volto, tenho quase certeza que não. Por falar em sexo, não se esqueça de usar camisinha, viu? Quando chegar de viagem, mande mais notícias, é muito bom receber cartas. Por falar nisso, me faça um favor: ligue para a Juliana, fale que estou muito triste, pois já escrevi duas cartas e ela não me escreveu nenhuma. Pergunte "cadê aquela amiga que ela sempre foi?".

Bom, vou parando por aqui, estou com sono, com muitas saudades e quero que saiba que penso muito em você, mas ainda estou conseguindo controlar os meus sentimentos.

"Aqui o vento canta mais alto, fazendo em mim despertarem sentimentos antigos. E, quando este mesmo vento sussurra em meus ouvidos, sinto a alegria de poder nascer de novo..."

Estou com saudade do seu beijo e do seu carinho.

Beijos...

OBS: Caso você não tenha conseguido ler o final da outra carta, quer dizer "Te adoro, beijos".

1º de março de 1994

FALA, AMOR DA MINHA VIDA!!

Tudo bom com você? Já chegou de viagem? Tô com saudades... eu estou com muitíssima saudade de você!

Aqui está tudo bem, o mesmo dia-a-dia, às vezes bate a tristeza e a solidão, mas faz parte. Sábado me bateu tudo, tristeza, depre, saudades, agonia, tudo o que você pode imaginar. Fiquei chorando horas no quarto, com saudades da minha mãe. Mas tá limpo, dia 13 ela está aí. Por sinal, espero que em algum dia que tiver visita terei a honra de te receber (estou brincando, não espero nada, mas se vier vai ser uma felicidade muito grande!!).

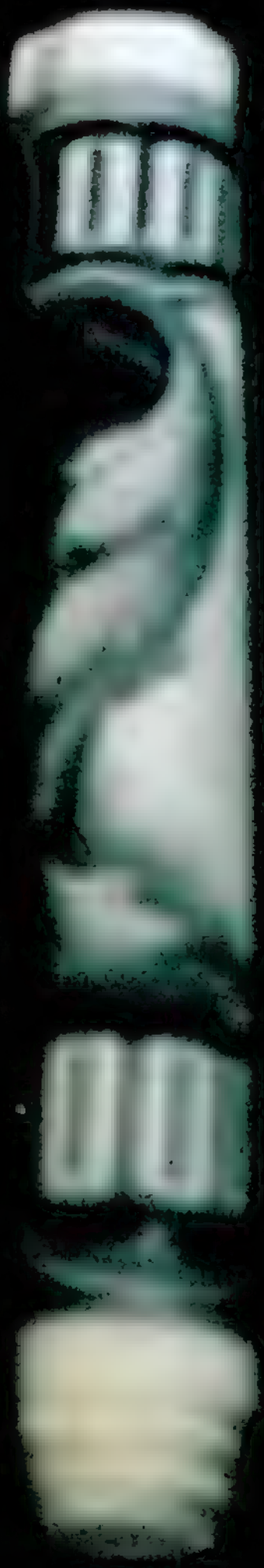
Vou te contar um pouco das pessoas que moram comigo: somos em cinco meninas, três conselheiros, dormimos nós cinco em uma casa. Só que, na quarta-feira, uma dessas cinco ficou na quarta com uma menina que já estava aqui, e você não acredita, elas começaram um romance hoje! É a maior melação a noite inteira, chega a dar nojo. Graças a Deus meu negócio não é esse, mas até que é engraçado. As outras são sossegadas, são todas bem humildes e meio boianinhas, mas descobri em cada uma delas um valor especial, coisas que eu nem sabia que existiam.

Estou ficando louca nesse lugar, louca de tesão, louca de vontade, louca de tarada, louca de amor para dar, ou melhor, cheia de amor para dar. Espero que seja assim para você, senão, paciência, eu aprendi a aceitar as coisas do jeito que são.

A FUBANGA da Juliana não me escreveu, estou muito triste com ela.

... vou dormir agora e pretendo sonhar com você.

OBS: Aprendi a fazer pão. Por sinal, delicioso!! Beijos e saudades (até mais do que eu imaginava)



06 de Março de 1994

Você já deve ter recebido as toneladas de cartas que eu te escrevi, mas é impressionante como eu não canso de te escrever!

E aí, como você está? Aqui está tudo bem. Sabe, aqui eu consigo reconhecer como a minha vida é boa, e quanta coisa eu tinha que não dava valor, não só pelo desconforto que eu tenho aqui mas também pelas pessoas que moram comigo. A cada dia fico sabendo histórias da vida delas que me deixam de cabelos em pé. Elas são muito humildes, de famílias humildes, de famílias pobres, tem algumas que não sabem nem escrever, é foda. Cada coisa... Tem uma que toda vez que ela chegava em casa "louca", o pai ia e transava com ela, tem outra que fazia programa, outra que largou tudo e foi morar na favela com traficante, é uma estória pior que a outra. Mas, com certeza, elas também têm histórias boas para contar. O romance das outras duas já acabou, graças a Deus.

Chega de falar dos outros. E você, já tá na hora de me escrever para contar como está, com quantas namoradas está saindo e sobre a sua vida, ou você já se esqueceu da "gazela"? Olha que, se esqueceu, quando voltar vou aí te morder... estou aqui para me adestrar, mas às vezes fico desobediente!!

Tô com saudades, fiquei super feliz, essa semana a Ju me escreveu e mais duas pessoas que você não conhece (mas que foram importantes na minha vida), é muito bom receber correspondência aqui!

Essa semana foi foda, briguei com um dos conselheiros, chorei para caralho, deu vontade de ir embora, pois fica muito só e carente aqui. Faz tempo que minha mãe não me escreve, e acho que fica tudo junto e vai acumulando. Estou começando a emagrecer agora, pois nesses 20 dias comi pro caramba, mas comecei um regime bravo —afinal, tenho que voltar com tudo em cima— e faço ginástica todos os dias.

Nessa semana que entra, vou começar a trabalhar na horta. Na semana passada fiquei cozinhando, aprendi a fazer várias coisas, estou lendo bastante, trouxe uns livros bem legais. Domingo que vem tem visita, tô morrendo de saudades da minha mãe, não vejo a hora de chegar dia 13.

Bom, vou parando por aqui e deixo vários beijos, abraços, tudo o que você quiser mais. Tá foda, a abstinência tá me matando de vontade, mas tô me segurando.

Mais beijos, da sua amiga (colorida).

Obs: Estou descobrindo alguma coisa dentro do meu coração.

Obs: Tô com saudades.

11 de março de 1994

E aí, tudo bem? Aqui está indo. Espero que você tenha recebido minha quinta ou sexta carta. Já fiquei sabendo que você anda frequentando os "inferninhos", as notícias correm até aqui no meio do mato, eu sei de tudo, por isso se cuida, hein?! (estou te enchendo, faça tudo que quiser, mas quando eu voltar pelo menos um dia tem que ser meu!!!)

E você, o que conta? Aqui, a cada dia que

passa, as saudades aumentam e o tesão também. Não vejo a hora de te ver, estou quase ficando louca. Até que não estou sentindo tanta falta das drugs, mas de sexo até D+.

Mas, como não nasci trepando, vou levando aqui do jeito que dá, "ABSTINÊNCIA TOTAL" (até sem dedo). Não me dou muito bem com as mãos, ou não sei fazer gostoso como alguém que eu conheço sabe!

...deu até para ficar com tesão com aqueles homens todos, pelo menos olhar eu posso, por enquanto.

Essa semana foi legal, passou rápido, depois de amanhã é dia de visita, espero poder um dia te esperar para matar as saudades, já andei até procurando uns lugares aqui, onde possamos... tchan-tchan-tchan-tchan!

Quando voltar em junho, espero que meu presente esteja em cima, como sempre foi, bonito, gostoso, às vezes com sabor de chocolate e outras com sabor de morango. Bom, por hoje é só, mande notícias quando puder.
1000 beijos e tudo + o que desejar, da sua...
OBS: Cuidado com os inferninhos da vida!!

15 de março de 1994

Hoje o dia foi especial: acordei pensando em você, passei o dia pensando em você e fui dormir pensando em você. Fiquei lembrando das nossas conversas no telefone, dos domingos, é impressionante como em tão pouco tempo você se transformou em uma pessoa muito especial para mim e conseguiu entrar em um lugar que poucas pessoas conseguiram, no meu coração. (que romântico!)

Não sei porque, mas hoje estou toda "melosa e apaixonada". Amanhã eu já não sei, mas tá sendo bom, ou melhor, foi bom o dia de hoje, foi como se eu tivesse passado o dia inteiro com você, foi um sentimento bem gostoso. Acho que a saudade está apertando, a carência, a distância, deve juntar tudo e eu fico assim, me abrindo toda, falando e admitindo o que eu realmente estou sentindo, e que está sendo bem gostoso descobrir.

Esses sentimentos, esses desejos, fico muito feliz em saber que não sou aquela pedra de gelo que eu pensava ser.

Nesse domingo que passou, minha mãe e minha irmã vieram me visitar. Quando elas foram embora, descobri o quanto eu fui idiota, não só esse tempo todo, mas nesse domingo também. Tive muito receio de chegar perto dela, de me envolver, de falar pra ela que sempre a amei. Não fiz nada disso, pus de novo a minha máscara de "tudo bem, eu estou ótima" e me mostrei durona, insensível e, por dentro, morrendo de vontade de abraçar e beijar e dizer que a amava, que ela era a melhor mãe do mundo. Mas nã consegui e depois eu pensei "porra, ela não é nenhum homem" para eu ter receio de me entregar e me abrir toda. Ela é minha mãe e eu fiquei triste de ter perdido mais uma oportunidade na minha vida. Mas tá limpo, outras virão.

Bom, chega de falar de mãe, sentimentos e tudo o mais. E você, como está? Espero que esteja bem e bom, do jeito que sempre foi e também espero que esteja com saudades, pois eu estou. E o trampo? Tá indo bem? E a mulherada? Se estiver feliz, eu também estarei. QUERO VOCÊ, HOJE TÁ FODA, A SAUDADE TÁ APERTANDO MEU CORAÇÃO (MAS EU AGUENTO).

Espero que esteja tudo bem com você e que esteja feliz. Desculpe se eu escrevi um monte de abobrinhas, mas eu não estava bem. Agora parece que eu acabei de desligar o telefone. Beijos e tudo o que você quiser, isto é, se ainda quiser, da sua amiga colorida, igual a essa carta.
Te adoro!!!
OBS: Me escreva.

19 de março de 1994

E aí, tudo bom? Aqui está tudo bem, trabalhando que nem louca, mas não tem problema, estou amando minha vida de careta e descobri que sou uma louca careta, parece que esse lugar é mágico, o céu é maravilhoso, com muitas estrelas.

Quando chove tem muitos relâmpagos e raios, eles cortam a luz e fica repleto de vaga-lumes. Dá medo, mas ao mesmo tempo transmite uma energia muito boa.

Sabe, a semana passada passamos um dia que foi bem típico de "Sexta Feira 13". Estávamos na cozinha, só nós, mulheres, era por volta das 8h da noite e o refeitório é meio afastado das outras casas —a nossa e a dos conselheiros. Estávamos lá conversando. De repente, aparece um homem na porta do refeitório, totalmente bêbado e com um facão enorme nas costas. Uma das meninas começa a se abrir toda para ele (o que a abstinência não faz?) e deu toda a letra, que nós dormíamos sozinhas e com as portas abertas. Eu já estava quase matando ela, o cara foi embora, mas ficamos com um pôta medo e fomos contar para um dos conselheiros. Eles falaram que o cara era o + louco. Resumindo, voltamos para casa, o céu tava demais, pegamos duas facas de cozinha. De repente, a luz piscava duas vezes e acendia. Foi foda, o conselheiro pediu para todas nós subirmos para o escritório e ficar lá, que também estava sem luz. Ele tava com mais medo que a gente. Ficamos umas duas horas sem luz pensando que fosse o cara que tinha desligado a chave geral. Mas a luz voltou depois e fomos dormir. Me deu muito medo. Depois eles conversaram com o cara e ele disse que não ia mais aparecer aqui, mas foi foda.

Bom, chega de historinhas. E você, como anda? Estou com saudades, acho que deu para perceber, pois escrevo toda semana, pelo menos mato um pouco as saudades escrevendo. Espero que algum dia você apareça pelo menos para me fazer uma visita, a próxima é dia 27 de março e a outra é por volta do dia 10 de abril. Cai sempre num domingo, vai até as 16h30 da tarde e pode chegar a qualquer hora. Bom, espero que esteja bem, eu estou cheia de amor pra dar.
1000 beijos e abraços
OBS: Me escreva, quero saber notícias suas!!!

22 de março de 1994

Gostou desse cartão? Daqui a pouco vou estar me sentindo que nem a Pig (brincadeira, continuo a mesma).

Recebeu minhas cartas? Hoje o dia foi fogo, fiquei super mal, chorei quase o dia inteiro, me senti perdida, mas depois vi que estou apenas me encontrando comigo mesma. A cada dia que passa me descubro mais e me vejo mais envolvida pela nova vida, as saudades às vezes apertam, mas depois passou. E você, como está? Apesar de não ter notícias suas, já esqueceu de mim?

Bom, durma bem, pois já vou dormir, fique com Deus.
Beijos e saudades.

31 de março de 1994

Acabei de receber sua carta, fiquei muito feliz, afinal pensei que você já havia me esquecido. Aqui está tudo bem, espero que aí também esteja tudo em ordem. Aqui as coisas estão ótimas, estou vivendo com uma qualidade de vida que nunca pensei em ter. Estou descobrindo uma nova Carla, que se gosta, que quer viver e ainda por cima ser muito feliz.

A vida aqui é difícil, mas não troco nenhum —nem o melhor dia da minha "ativa"— pelo pior dia de hoje. E só por hoje estou muito bem, mas com muita saudade de você. Realmente você faz falta e, sabe, meus dedos estão começando a dar certo. Teve um dia, eu estava sonhando que fazia amor com você, estava meio que no sonho ainda, e não tive dúvida: gozei muito e foi muito bom. Daí as outras vezes também foram muito boas, mas teve um fracasso e aí eu desisti. Mas estou treinando, é o jeito. Mesmo assim, a vontade de fazer amor é grande, e eu percebi o porquê da abstinência sexual aqui: para poder controlar minha vontade. E está sendo bom, mas...

... sabe, eu gostaria muito que você viesse aqui. Caso não dê, não faz mal. Apenas um detalhe: a saudade vai aumentar. Mas se você vier, vou ficar muito feliz.

Eu escrevi duas cartas para mim mesma, para ler sempre. Uma é "Despedida da Cocaina" e a outra é "Carta de Sofrimento".

"A Despedida"

Não sei como começar. Foram tantos anos dedicados a você, tantas coisas e tantas pessoas que eu deixei ir embora por sua causa, quanta coisa eu perdi e como eu sofri, quanto sofrimento. E o pior de tudo é que ainda sinto a sua falta.

Vim pra bem longe de você. Além de tudo eu estou distante das pessoas que eu amo. Quando as pessoas estavam perto de mim eu não dava valor, pois você sempre me rodeava e sempre era mais forte do que eu.

Agora que eu estou longe e sofrendo, não quero mais sentir aquilo que sentia, não quero mais lembrar de você e quero tirar você definitivamente da minha vida, pois foi muito sofrimento a troco de nada, ou melhor, a troco de uma vida inútil e sem valor algum.

De pensar que eu já quis me matar por sua causa...

Agora chega. Quero ser feliz e ter uma vida diferente.

Por isso não quero de te ver nunca mais, sua "DROGA" nojenta. Toda vez que penso ou dá vontade de usar, eu leio —e me resolve muito.

"Carta de Sofrimento"

Dia 25 de janeiro de 1994, foi quando tudo começou—e terminou—. Nesse dia, realmente descobri o que eu havia feito com a minha vida, o quanto de absurdos eu cometi. Em busca de quê? De uma vida infeliz, cheia de tentativas de suicídio, uma vida medrosa. Como eu fui idiota. Fiz da minha vida um saco de farinha. Quantas pessoas eu perdi, como eu me enganei. Fora as pessoas que destruí. E o pior de tudo, o quanto eu me destruí e acabei com a minha vida mental, espiritual e física. Virou uma bola de neve.

Comecei meu sofrimento aos 13 ou 14 anos, não me lembro ao certo. Mas teve uma parte boa, quando eu me divertia e era só alegria. Depois, os outros anos se transoformaram em obssessão pela "droga". Não respeitava mais ninguém e nem a mim mesma, e o que era pior: não me dava valor e não me dava chance de me render e lutar para viver feliz. Eu apenas trazia pessoas infelizes e sem gosto de viver para perto de mim. Foi um processo de autodestruição doloroso, e sem fim —pois ainda estou aqui, viva, com saúde e com força para conseguir começar tudo de novo, da estaca zero. Sinto-me perdida, mas protegida e segura, com uma certeza de vencer e ser alguém, e não aquela coisa ou bicho que eu era. Nunca posso esquecer do meu passado, vou viver com ele — e apesar de tudo ser amiga dele e de mim, pois a minha pior inimiga sou eu mesma. Mas agora quero ser feliz e ser minha melhor amiga.

CHEGA! Vou ser feliz e nada vai me impedir de reencontrar a felicidade e a paz interior.

PREVENÇÃO: UM CASO DE POLÍCIA

Alberto Corazza já foi menino de rua e levou cana no Juizado de Menores. Depois disso, se converteu ao cristianismo, estudou regência e hoje é diretor do Dipe (Divisão de Prevenção e Educação) do Denarc (Departamento de narcotráfico da Polícia Civel de São Paulo). É o único órgão do gênero no mundo. No Dipe, Dr. Corazza é conhecido como o *Zubin Mehta que virou xerife*. Corazza não acha que o problema central seja a droga, mas sim o que leva as pessoas —sobretudo os jovens— a experimentá-la. Aqui, trechos da entrevista em que Corazza fala do papel da polícia e do governo no mundo das drogas.

TRIP Qual é o envolvimento da polícia —do agente policial, do investigador e do delegado— no mundo das drogas?

CORAZZA Eu não vou te dizer que não há envolvimento, ninguém está tapando o sol com a peneira. O policial vem da mesma massa populacional consumista, aquela onde você vale o quanto você tem. O policial ganha mal e é assediado todo dia, porque as pessoas pagam o que têm para não irem em cana. Por outro lado, ele também tem a droga à sua disposição, sendo um cidadão exposto, com as mesmas curiosidades e vontades de qualquer um. Mas não existe saber que um policial está envolvido com drogas e não tomar alguma medida.

TRIP Existe impunidade?

CORAZZA Pelo contrário, existe severidade na punição. Às vezes, sem muita prova, o policial é recolhido ao presídio e é pedida a sua prisão preventiva. A polícia tem feito o máximo pra apurar seus casos.

TRIP Qual o real interesse dos governantes no extermínio das drogas?

CORAZZA Eu não acredito que, conscientemente, algum governo de grande potência tenha alguma ligação com o narcotráfico. Mas os governos do terceiro mundo têm. Dois ex-presidentes da Bolívia estiveram notoriamente envolvidos com o narcotráfico. A saída de homens sérios do cenário político faz com que os políticos que ficam assumam outros interesses.

TRIP Qual a saída para o jovem?

CORAZZA O jovem tem que vir para a guerra muito bem armado, e não com um estilingue. Que armamento é esse? Uma auto-estima equilibrada, um curso bem-feito, para enfrentar a competição e alcançar um lugar. O adolescente é aquele cara que chegou no meio do jogo e incomoda, porque quer sentar, pergunta quanto está o jogo etc. A sociedade vai se incomodar menos na medida em que abrir espaço e deixar ele sentar. Só eles podem mudar o mundo, porque vêm com cabeça nova. Mas se vierem com a cabeça viciada e drogada, vão sucumbir e deixar o mundo do jeito que está.

Por Lúcio Del Ciello

UM FALSO BRILHANTE

As estatísticas mostram que assim como os inalantes e o crack são as drogas dos favelados e meninos de rua, a cocaína é a droga preferida dos jovens de classe média e alta. A TRIP reuniu seis pessoas deste segundo grupo, com idades entre 19 e 26 anos, para discutir o assunto. Todos afirmaram usar cocaína, mas ter "controle" sobre o uso. Muitas declarações, no entanto, mostram que esse controle é —sempre— ilusório. Aqui, as declarações mais significativas.

"Eu comecei a usar faz uns cinco anos. Não é uma coisa que eu curto, mas quando pinta na frente não consigo negar. Acho que tem uma influência grande dos amigos. Você está numa festinha e de repente alguém te chama, parece impossível falar não."

"Alguém me apresentou, mas eu já estava interessado. Tinha uma namorada que cheirava, eu embalei na da namorada e pintaram uns caras comemorando o meu primeiro dia, já incentivando. Houve uma época em que eu parei, desencanei um tempo, mas o máximo de tempo sem cheirar foi seis meses."

"Eu tenho 18 anos, já cheirei bastante, já enrolei a língua uma vez, mas não cheiro mais. Graças a Deus eu parei, não cheiro mais

"Tenho 20 anos, experimentei faz uns três, quatro anos. Nunca fui de consumir muito, porque quando eu consumi a mais tive piripaque. Tive um na praia que foi punk: enrolei a língua, acordei e não sabia nem onde eu estava. Então eu tenho um puta medo dessa droga."

isso aí. Não vou mais usar porque eu peguei bode do negócio. Passei mal, meus amigos tiveram que segurar a minha língua, não gosto."

"Eu estava na cozinha do salão de festas do meu prédio. Só lembro que um dos caras estava esticando as últimas. Um amigo meu disse que eu levantei, caí e já comecei a tremer, enrolar a língua, ter convulsão, daí me seguraram... Eu não lembro de nada porque eu apaguei."

"Quando eu tinha 17 anos, ficava até meio-dia acordado "fritando" na cama, não conseguia dormir, ficava assistindo televisão até de manhã."

"O cara começa a falar e não deixa ninguém falar. Ou então ele fica travadão num canto e não fala mais nada."

"Amigos meus puseram. Eu nunca comprei , no começo. Cheirava de vez em quando. Mas quando eu tinha uns 15 anos comecei a gostar. Comecei a trocar o walkman, comecei a cheirar o walkman, esse tipo de coisa. Tem gente que cheira carro. Cheirei bastante, já varei umas duas noites direto. Com 16 anos, eu comecei a fazer esporte direto e parei por dois anos, sem encostar."

"Não adianta falar. Só se aprende quebrando a cara, só depois que acontece a desgraça. Eu sempre falo quando eu vejo que meu irmão cheirou. Eu conheço a cara de todo mundo depois que cheirou."

"Você começa a mentir para os teus amigos, para todo mundo. Você não vai assumir que cheira. Daí é um passo pra você começar a mentir nas outras coisas. Não é nada legal. Você fica totalmente na contramão."

O CORPO PADECE

A cocaína provoca a pior das revoluções no corpo de quem usa. Cada vez que a droga entra em contato com o corpo —não interessa por quais vias—, ele responde:

* No SISTEMA NERVOSO CENTRAL, por ser um estimulante, a cocaína aumenta a atividade do SNC. O excesso de atividade pode terminar em convulsões. Pela mesma razão, durante o uso são comuns as alucinações visuais, auditivas e sensoriais. Isso sem falar na perda do sono. Depois de passado o efeito, a situação se inverte: o SNC fica deprimido e a pessoa entra em estado de letargia, tem dores no corpo e entra num quadro depressivo.
* No APARELHO CIRCULATÓRIO, provoca taquicardia (acelaração dos batimentos cardíacos), arritimia (alterações dos batimentos) e até parada cardíaca. A cocaína também aumenta a pressão sanguínea e provoca vaso-constricção. Para quem cheira a cocaína, o uso prolongado provoca lesões na mucosa nasal.
* No APARELHO DIGESTIVO, ocorre aumento da motilidade intestinal, que provoca diarréia, náusea e vômitos. Além disso, há perda de apetite e possibilidade de desnutrição profunda no uso intenso e contínuo.
* No APARELHO GENITO-URINÁRIO, há aumento da diurese (provocada pelo aumento da pressão sanguínea) e distúrbios da função sexual —há aumento da libido para ambos os sexos, mas a vaso-constricção provoca impotência.
* No APARELHO RESPIRATÓRIO (para usuários de crack), pneumonia e bronquite.
* Na PELE, o efeito é o aumento da sudorese, que leva à perda de água, potássio e outros sais minerais.
* Para usuários de cocaína injetável, além de todos os problemas citados, ainda há risco (grande) de flebite (inflamação da veia que foi perfurada), endocardite (inflamação da membrana da válvula do coração), septicemia (infecção generalizada), hepatite e outras viroses —inclusive HIV.

Fonte: Dr. Walter Labonia, diretor clínico da Vila Serena (centro de recuperação de drogados)

"Cocaína é uma coisa tão individualista que nem sexo tem a ver. Eu não consigo parar e me concentrar pra fazer sexo quando eu cheiro."

"90% dos meus amigos cheiram. Os outros 10% eu não conheço muito bem."

"Quando eu cheiro, falo sobre mim, sobre a minha vida, sobre o que eu ando fazendo, mas é uma coisa que eu não faço se eu estou careta. Você fica muito individualista, eu não gosto disso.

Eu não consigo nem beijar a menina. Você sente aquele puta mau hálito na boca, fica seco, seco, não dá tesão. Com cocaína, você começa a olhar para o lado."

"De repente alguém te olha feio e você fica encanado. Parece que está todo mundo te olhando."

"Acha que não é uma droga legal, é uma droga que vicia inconscientemente. Você fala mal, mas quando vê, não consegue recusar. Eu já consegui recusar vários vezes, mas nas vezes em que você está no embalo, está ali na frente... Você até fala não na primeira, mas na hora que o caro estica a segunda você pede pra ele esticar mais uma. Acho que vicia inconscientemente. Vamos atrás pra conseguir mais, passa no banco 24 horas, saca uns CR$ 30 mil e vai embora. Cocaína é muito fácil de achar."

"No Rio tinha papelote de CR$200,00 de cocaína que era um tirinho — isso antes do Carnaval."

"Tudo some à sua volta. Só a sua vontade que fica."

Os nomes usados nessa matéria foram alterados. As imagens e fotos são apenas montagens alusivas ao tema, sendo que os autores, modelos e cenários nada têm a ver com o consumo de drogas.

PRINCIPAIS RAZÕES DE USO DE DROGAS DENTRE OS ADOLESCENTES :

	GERAL	MASC.	FEM.
Influência dos Amigos	1,72	2,42	1,06
Esquecer Problemas	1,43	1,51	1,35
Sentir Prazer	1,18	1,21	1,16

Dados comparativos de consumo de cocaína obtidos através de estudos feitos com 303 adolescentes encaminhados à uma escola-internato em decorrência de conduta anti-social (GRUPO A) e com 330 adolescentes carentes que estudam em nível de primeiro grau residindo com seus familiares (GRUPO B), ambos no Rio de Janeiro, em 1988.

GRUPOS	USARAM COCAÍNA	NÃO USARAM
A	70,6%	29,4%
B	13,3%	86,7%
AB	40,8%	59,2%

Com base nos grupos anteriores, abaixo há dados comparativos dentre os que já usaram cocaína em relação a necessidade da substância:

QUANTO A NECESSIDADE	GRUPO A	GRUPO B	GRUPO AB
sente muita necessidade	33,2%	6,8%	28,7%
consegue viver sem a cocaína	66,8%	93,2%	71,3%
TOTAL	100%	100%	100%

FONTE PESQUISADA: CEBRID/EPM — Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas

A DROGA DO SUPERMAN

Maconha: a droga dos 60, dos anos dourados e utópicos, dos que puseram os pés na estrada e acabaram atropelados pela história e pela desilusão com o socialismo real. A cocaína: a droga do 007, do Superman, da onipotência. Da voracidade por falar e fazer qualquer coisa, da vontade compulsiva de se ultrapassar em direção a nada, da transformação do eu em *ninguém*, das carreiras ou do pico no banheiro, alimentando os traficantes — bandidos de primeira. Cada época consome os distraídos (que se imaginam espertos) com uma droga datada, de moda. E que moda chinfrim.

Cocainômanos colidem com o Código Penal, na esperança de uma hiper-sensibilidade, ou de uma hiper-atividade, valorizando sempre o individual. A cocaína consolida a noção —falsa— de contestação das injustiças sociais e assim acaba por servir ao que de pior existe: a abdicação da vontade soberana de existir e até a liberdade de ser.

No fundo, no fundo, o usuário é um fraco tentando ser Deus, um covarde que se imagina o Lawrence das Arábias — além de ser um provedor de vagabundos e marginais que são os traficantes (da desgraça alheia).

O usuário merece tratamento médico adequado. O traficante merece condenação, pela vantagem que leva sobre a fragilidade do outro.

Releve-se que Freud alertou para os perigos do uso dessa droga.

Jacob Pinheiro Goldberg
(analista de comportamento)

"Com 1g ou 20 g, você tá a um passo de chegar nesse estágio. Tá a um passo. Se viciar em cocaína é um passo. Não interessa se você cheirou dez, vinte, se você comprou cinquenta."

Sangue e na madrugada

Carlos Sarli
Chang

Num vale-tudo sem regras, rounds ou categorias, no mais puro estilo Street Fighter II e O Grande Dragão Branco, um brasileiro franzino vence pela segunda vez o desafio entre 16 mestres de artes marciais —e leva US$ 60 mil.

pornada

O campeão do *Ultimate Fighting* Royce Gracie

"A morte é barata". Com esse título, o *New York Times* abriu a matéria a respeito do *Ultimate Fighting Championship II*. Exatos US$14.95 era o preço do *Pay-per-view*, TV a cabo que transmitiu o evento ao vivo para cerca de 300 mil monitores —três vezes mais que no primeiro UFC, quando o brasileiro Royce Gracie saiu vencedor. A manchete sensacionalista do *Times* refletiu a realidade de muitas lutas do evento. Não, ninguém morreu, mas...

Os que pagaram para ver pela TV tiveram seu *share* de violência garantido na telinha. Melhor que qualquer filme ou noticiário no ar naquele horário, com uma vantagem em relação aos filmes: era de verdade.

Para os muitos japoneses, americanos, brasileiros e outros presentes no *Mamooth Event Centre* em Denver, Colorado, a adrenalina foi forte. O barulho seco de socos e pontapés, expressões de dor, de medo e de ansiedade, lutadores desacordados e o ringue tingido de sangue faziam o clima. A tensão só aliviava quando as garotas de biquíni anunciavam as modalidades da próxima luta, ou quando os brasileiros presentes resolviam agitar bandeiras, gritar e pular.

As lutas no chão, que foram maioria, não contavam com a simpatia do público, que preferia ver chutes voadores, rodadas e golpes do gênero, ainda que ineficientes. Dezesseis lutadores fizeram chaves de eliminatórias simples: oito, quatro, dois, até o *ultimate*, o melhor.

Sem regras, sem divisões de peso, sem rounds ou tempo de duração, as lutas eram definidas das seguintes possíveis formas: desmaio, o segundo a jogar a toalha, intervenção médica ou o próprio lutador, por submissão, bater com a mão quatro vezes no chão.

Ao vivo e com sangue

Todas as lutas de Royce foram limpas. Seu estilo, aliás a técnica do jiu-jitsu Gracie, permite a finalização sem necessariamente ter que machucar o adversário. Só na final Royce deu a entender que, se for o caso, ele também sabe dar porrada.

A 1ª luta, contra o japonês Minoki Ichihara (karatê) foi a mais demorada: 5'06". Finalizou com um estrangulamento de pescoço, deixando o grande contingente de torcedores japoneses desolados. A 2ª foi contra o americano Jason de Lucia (kung fu). Royce entrou rápido e montou. Quando Jason levantou para conseguir distância para seus golpes, o público vibrou, mas uma chave de braço o obrigou a bater com a mão para todos os lados, pedindo o final da luta em apenas 1'02".

Na semi-final, Royce pegou o holandês Remco Pardoel (jiu-jitsu, judô), 38kg mais pesado. Em apenas 1'29" Royce submeteu seu oponente a um estrangulamento de pescoço com o quimono.

Passando pelas outras chaves vinha Pat Smith (kickboxing). Local de Denver, contava com a torcida, além de ter um dos físicos mais "sarados" do evento. Não teve maiores dificuldades para chegar à final. Finalizou suas lutas rapidamente, uma delas em apenas 23 segundos e chegou inteiro para decidir o título.

Na final, mais uma vez a técnica apuradíssima que vem sendo desenvolvida há 65 anos pela família Gracie funcionou. Uma vez no chão, rapidamente Royce obrigou Smith a desistir, em 1'17". Passou a guarda, montou e, depois de quatro ou cinco socos no rosto, o americano amarelou.

Vantagem brasileira

Ao que tudo indica, o UFC começa a se tornar um evento popular na América. Não fossem as limitações impostas pelas comissões de boxe, o evento não seria realizado no Colorado, único estado americano sem regulamentação para o boxe, e certamente teria maior repercussão. Imagine se ao invés da fria e distante Denver o *Ultimate* fosse em Los Angeles ou Nova York.

Apesar das perspectivas, os números para os padrões americanos ainda são discretos. O maior reflexo disso são os US$60 mil de prêmio para o vencedor, enquanto uma decisão de título dos pesos-pesados do boxe oferece alguns milhões de dólares.

A razão desse "relativo" sucesso na América pode ser explicada de duas maneiras: a consciência de que eles (americanos) não são os melhores. Tal como acontece com o futebol, que apenas a três meses da Copa não consegue nem uns poucos segundos ou centímetros na mídia por lá.

Pode ser também devido à falta de regras. Não faz muito sentido, mas como comentou o fotógrafo californiano Aaron Chang, "nós não conseguimos viver fora das regras. Veja por exemplo o futebol ou o basquete, esportes que fazem o maior sucesso nos EUA. Eles são absolutamente cercados de normas." Vendo por esse lado, parece que os brasileiros já levam uma ligeira vantagem.

"Se alguém me ataca com uma faca e eu quebro o seu braço ou coisa parecida, é aceitável. Mas se eu apunhalo o cara com sua própria faca me igualo a ele."

Remco Pardoel

Com a vantagem do peso e o conhecimento "de chão", após a terceira cotovelada Pardoel apagou o francês e chegou a ficar assustado com a falta de reação do oponente

ORLANDO WIET
ARTE MARCIAL: *thai-boxing*
IDADE: 28
ALTURA: 1m77
PESO: 77kg
PAÍS DE ORIGEM: França (Nancy)
CAMPEÃO MUNDIAL DE *THAI BOXING* 1991 E 1993

REMCO PARDOEL
(DE QUIMONO)
ARTE MARCIAL: *judô/jiu-jitsu*
IDADE: 24
ALTURA: 1m92
PESO: 118kg
PAÍS DE ORIGEM: Holanda (Oss)
Faixa Preta 1º grau de *judô, jiu-jitsu e tae kwon do*
CAMPEÃO MUNDIAL PESO PESADO DE *JIU-JITSU* PELA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL, CAMPEÃO DINAMARQUÊS, HOLANDÊS E BELGA DE *JIU-JITSU* 1993

"Normalmente, a minha estratégia é segredo, mas para você eu digo: eu planejo chutar a bunda dos meus oponentes."

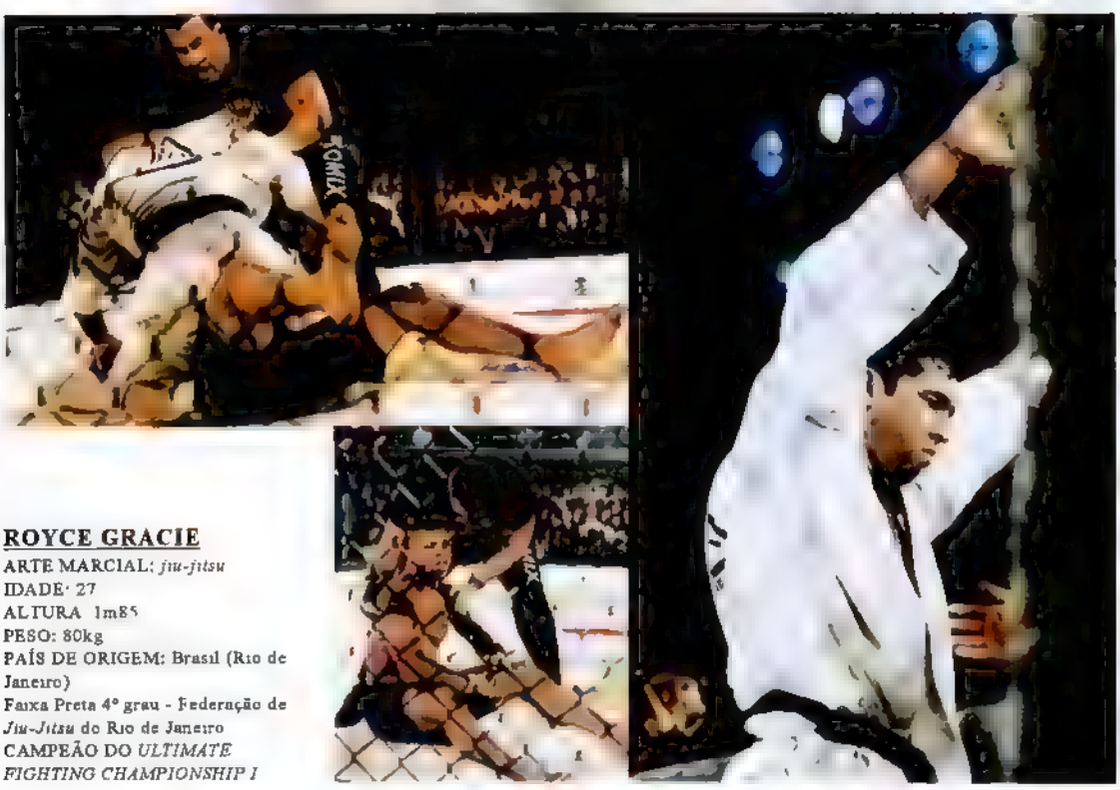
Orlando Wiet

C E N A S F I N A I S

"Noventa e cinco por cento das lutas de verdade são agarradas e terminam no chão. Obviamente, quem sabe lutar no chão leva vantagem. Se você quer bater num tubarão, não vai lutar com ele na água."

Royce Gracie

PAT SMITH
(SEM CAMISA)
ARTE MARCIAL: *kickboxing americano*
IDADE: 30
ALTURA: 1m87
PESO: 99kg
PAÍS DE ORIGEM: Estados Unidos (Colorado)
Faixa Preta 1º grau de *robotae*
Faixa Preta 3º grau de *enshin karatê*
CAMPEÃO DO DESAFIO SABAKI PESO PESADO DE 1993



ROYCE GRACIE
ARTE MARCIAL: *jiu-jitsu*
IDADE: 27
ALTURA: 1m85
PESO: 80kg
PAÍS DE ORIGEM: Brasil (Rio de Janeiro)
Faixa Preta 4º grau - Federação de *Jiu-Jitsu* do Rio de Janeiro
CAMPEÃO DO *ULTIMATE FIGHTING CHAMPIONSHIP I*

O ABC DA PORRADA

Você sabe quais são as diferenças entre kickboxing e thai boxing? Para esclarecer essa e outras dúvidas, a TRIP preparou um glossário com todas as artes marciais que participaram do UFC II

JIU-JITSU

A mais antiga técnica de combate japonês, criada há mais de 2.000 anos por samurais de classe superior para o combate desarmado. O jiu-jitsu "brasileiro" dos Gracie é uma variante que elimina algumas técnicas consideradas artísticas mas ineficazes no combate real. Inclui chaves, torções, imobilizações e enforcamentos apropriados para situações de *clinch*.

KARATÊ

Karatê significa "mão vazia". Desenvolvido originalmente em Okinawa há séculos, é baseado num sistema de socos, chutes e defesas. Se propagou no Japão, sofrendo mudanças consideráveis em cada região do país. Sua versão mais nova e mais violenta é o *kyokushin*, que mantém as tradicionais sequências de socos e chutes.

KICKBOXING

Meio termo entre o *full-contact* americano, *thai boxing* e karatê. Incorporou a maioria de seu arsenal de golpes do box moderno, incluindo *jabs*, ganchos e cruzados. Valem chutes nas pernas e os protetores são opcionais nos campeonatos profissionais. Não valem golpes com os joelhos e cotoveios.

KUNG FU

É a mais antiga arte marcial. Seus mais de 400 estilos incluem todas as técnicas de combate: socos de punho fechado e com os dedos, palmas das mãos, chutes, torções e arremessos. Criado na China por monges taoistas a partir da observação das técnicas de luta dos animais, era usado há 4.000 anos contra os soldados invasores japoneses. Dá ênfase a movimentos circulares sem ataques lineares diretos.

NINJITSU

Antiga arte japonesa que prepara o ninja para o combate desarmado, utilizando elementos do muay thai, o chamado *taijutsu* ou *aikido* (*aikijitsu*). Inclui o uso de espadas, chutes, saltos e arremessos.

PENCAK SILAT

Técnica de luta desenvolvida na Indonésia similar ao *kali-escrima* das Filipinas, utilizando inclusive as mesmas armas. Dividido em quatro estilos principais: *sorah* (aprimorado por Dan Inosanto e incorporado ao *jet kune do* de Bruce Lee), *cikalong*, *cimade* e *sucihati*. Um estilo mais novo, o *pencak silat ratu adil*, inclui os outros quatro.

TAE KWON DO

Arte marcial muito nova (menos de 50 anos), extremamente aeróbica. Utiliza quase que exclusivamente as pernas, numa tentativa de desenvolver outra coordenação motora além da manual. É a versão coreana do karatê e o esporte oficial daquele país.

THAI BOXING

Conhecido no Brasil como *muay thai*, é considerada a mais violenta forma de combate. Emprega, além de chutes com as canelas, cotoveladas e joelhadas em pontos vitais. Socos, chaves e arremessos completam a técnica.

Nikl Nixon

Brutalidade gratuita? Pura violência? Técnica e precisão? Qual a sua opinião sobre um confronto sem regras entre 16 lutadores profissionais? A TRIP convidou três pessoas de áreas diferentes, sem qualquer ligação direta com o mundo das artes marciais, para assistir o videotape do UFC II.

TROGLODITAS DE CIRCO

Sentado no colo do pai com um copo de coca-cola na mão, um menino de no máximo dez anos assiste à primeira vitória da Gracie. A criança nem repara no cara desmaiado com o pescoço destroncado que firma o jiu-jitsu como o método de luta mais eficaz — com pouco esforço físico, o adversário é conduzido ao chão e rapidamente derrotado. Nenhum outro lutador teve chance de mostrar sua habilidade, movimento ou golpe emocionante. Tudo sempre acaba no chão fastidiosamente e com a bandeira do Brasil sendo agitada ao fundo.

O desejo de vencer uma luta num evento desses é imenso. Nessas horas, parece que foi perdida a noção do limite entre vida e morte. É extremamente prazeroso ter o oponente nas mãos. Assim como tem gente que acaba dedicando a vida a tomar conta de carro ou ser segurança de casa noturna, existem caras que dedicam-se exclusivamente à luta e sonham com um título mundial.

Os fãs ficam excitados com as gostosas que desfilam de biquíni anunciando o próximo combate, mas não assumem que sentem o mesmo quando os machões exibem toda a sua força do alto de um tablado cercado de grades.

Assistir a essas "fortalezas" nesse suntuoso acontecimento pode levar à satisfação — do vitorioso, sua família, amigos e fãs — pelo triunfo, e à indignação daqueles que nada vêem de interressante ou divertido num circo formado por trogloditas que se debatem num jogo de habilidade e força — desperdiçadas — para provar ao mundo quem é o *ultimate*.

Érica Li, 22 anos, é estudante de comunicação e repórter free-lancer

TRISTE SINA DA VIOLÊNCIA FRIA

Os rostos apresentam-se, em pastel, descoloridos. Não existe entusiasmo, arrebatamento, êxtase. Pelo contrário, são máquinas de músculos exercitando uma dança pobre. Nos murros e golpes, a virilidade se reafirma nos corpos que se abraçam e se espancam. É uma derivação homoerótica, beirando a homossexualidade, sempre tão presente na violência não-assumida.

Sado-masoquismo, o prazer de infligir dor e de sentir o outro como adversário. Proibida a paixão do inimigo. O espetáculo é o ritual de passagem que leva a razão à desrazão. E tudo celebrado (uma espécie de missa "noir"), a título de vangloria.

O cérebro infantil, vestindo um corpo adulto que não percebe a maturidade. Menos que imoral, o "show" é inautêntico por despersonalizar os elementos em pauta. A lembrança é de uma tourada sem toureiro, na qual só os touros se massacram.

Lembrar que o apaixonado pelo gênero, Hemingway, acabou se suicidando com um tiro de espingarda.

Os povos primitivos exorcizavam seus fantasmas nas cerimônias sacrificiais, em que os deuses se deleitavam com a morte de suas criaturas. Hoje, pela TV, o exorcismo é do vazio, duma época sem sentido. Mas existe gosto para tudo, até para o desgosto. Não obstante, rendo minha homenagem a um jovem que, saindo do clima de barbarie e pobreza do Rio de Janeiro, se destaca pelo apego e dedicação a uma modalidade esportiva e se transforma em campeão do mundo. Não é o esporte de minha escolha, mas também não sou o juiz das condutas e padrões do mundo. O cara é formidável no que faz e isso merece atenção, sem inveja e sem despeito. Melhor ser campeão do mundo em porrada (salvo todas as restrições morais) do que uma besta quadrada torturando na delegacia de polícia de bairro.

Jacob Pinheiro Goldberg, 63 anos, é analista de comportamento

BRASIL CAMPEÃO DO MUNDO

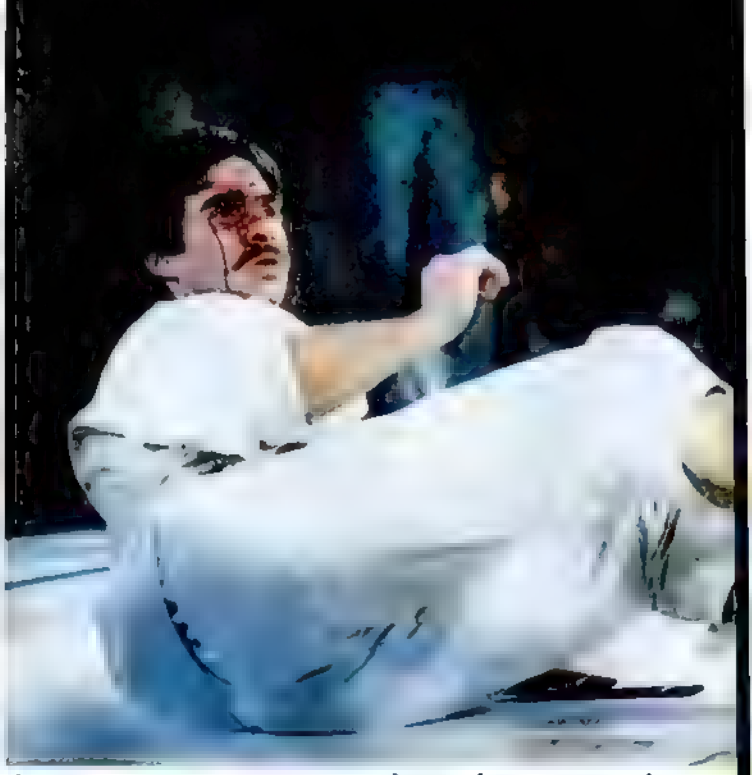
Com o mesmo cenário de uma briga de galo, mais violência que os filmes do Van Damme e com produção de uma luta de Mike Tyson, corpos grandes com cabeças não tão grandes enfrentam-se até quase à morte. Isso nada mais é que a versão século 20 da antiga arena de gladiadores.

A humanidade parece ter necessidade constante de vitória através da violência. Seria bom se as guerras fossem resolvidas assim, só na arena. Pelo menos só lutariam pessoas que gostam disso e o Brasil seria o país mais forte do mundo (representado pela família Gracie, claro).

O grande problema disso tudo, do videogame ao UFC, é que a maioria dos praticantes não vê a luta como uma profissão, uma filosofia, nem mesmo como um esporte. Se tornam fortinhos, babacas e folgados, brigando na rua por qualquer motivo.

Por outro lado, se não fosse pelo esforço de algumas pessoas que dedicam suas vidas a isso, não haveria esportes tão desenvolvidos como o jiu-jitsu e outros. Apesar da imbecilidade desse evento, não posso negar meu orgulho de saber que entre tantos "Rambos" e "Bruce Lees", o Brasil seja campeão mundial com a técnica menos violenta e mais eficaz dentre todas as lutas.

Hector Hungria, 30 anos, é diretor de arte da TRIP



Imagine o que pensaram os alunos deste mestre de karatê ao assistir a esta luta

O espanhol Alberto Cerro Leon, o "El Toro", esbanjou estilo, indumentária e papo. Só faltou mesmo desempenho no ringue — perdeu de prima

Com os irmãos Rickson (dir.) e Relson (esq.) no *corner* e mais 65 anos de tradição e técnica, Roice Gracie subia ao ringue seguro e tranquilo

ROBERT LUCARELLI
(no chão)
ARTE MARCIAL
kickboxing
IDADE: 29
ALTURA: 1m87
PESO: 111kg
PAÍS DE ORIGEM:
Estados Unidos
(Nova York)
ORLANDO WIET
DAVID LEVICKI
(no chão)
ARTE MARCIAL: kung-fu
(estilo wing-chun)
IDADE: 28
ALTURA: 1m94
PESO: 124kg
PAÍS DE ORIGEM.
Estados Unidos (Utah)
Faixa Preta 1º grau
Tang Soo Do
JOHNNY RHODES
(por cima)
ARTE MARCIAL
karatê
IDADE: 39
ALTURA: 1m82
PESO: 95kg
PAÍS DE ORIGEM.
Estados Unidos
(Nevada)

EU ERA ASSIM, FIQUEI ASSIM.

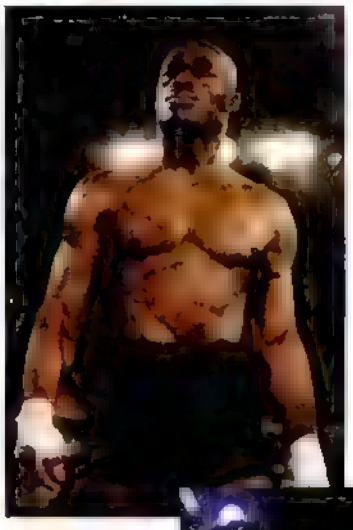
Eles entravam no ringue corados e cheios de marra. Mas nem sempre saiam com a mesma disposição.

antes...

"Vi Royce Gracie ganhar o título no ano passado e tive vontade de enfrentar esse perigoso lutador."
Minoki Ichihara

depois

MINOKI ICHIHARA
ARTE MARCIAL: *karatê*
IDADE: 25
ALTURA: 1m68
PESO: 80kg
PAÍS DE ORIGEM: Japão (Tóquio)
Faixa Preta 2° grau de *karatê-do daido-juku*
CAMPEÃO DO TORNEIO HOKUTOKI DE PESO LIVRE 1993



antes...

depois

Na hora de entrar no ringue, Gracie era acompanhado por seus irmãos numa espécie de "corrente de força". No jantar de confraternização, duas horas após o UFC II, poucos lutadores puderam comparecer. A maioria não teve condições de se apresentar em público. Com apenas um arranhão no rosto, o campeão Royce Gracie sorria como se tivesse acabado de chegar de umas boas férias

FORA DO RINGUE
CONAN NO UFC II

O cineasta John Milius, aluno de Rorion Gracie, concebeu o Octagon e todo o visual do evento. Milius dirigiu, roteirizou e escreveu filmes onde os protagonistas são submetidos a grandes testes de honra, coragem e força como *Conan, The Barbarian, Red Dawn* (roteiro e direção) e *Apocalypse Now* (roteiro), além de ser um estudioso dos grandes combates e combatentes da História. O UFC é uma evolução dos desafios de vale-tudo que rolam no Rio de Janeiro há cerca de 65 anos, geralmente envolvendo membros da família Gracie e praticantes de luta livre.

GANGUES DE L.A. SE CRUZAM FORA DO RINGUE

A equipe de segurança do UFC II foi composta por membros das duas maiores e mais iradas gangues de Los Angeles — os Bloods e os Crips— envolvidos num programa de reabilitação social criado pelo ex-jogador de futebol americano Jim Brown, um dos comentaristas televisivos do campeonato. O *Amer-I-Can Program* prevê o aumento da produtividade desses indivíduos e sua reintegração à sociedade através da disciplina física e mental das artes marciais. Em função do pouco tempo de implantação, é difícil dizer se o *Amer-I-Can* realmente funciona, mas pelo menos fez com que os gangueiros estabelecessem um acordo de paz durante os combates.

FIGHTMANIACS

A US$ 434 por cabeça, os fãs de lutas via *cable* que não se contentaram em ver a pancadaria pela TV puderam viver mais de perto as emoções do UFC II. A empresa Katella Travel preparou um pacote VIP incluindo passagens aéreas, estada de três noites no hotel Denver Marriot (onde ficaram hospedados todos os lutadores e organizadores do UFC), transporte de ida e volta do hotel para a arena, cadeira ao lado do ringue, acesso à festa que rolou depois das lutas e tickets VIP para uma bela noite de sábado, com jantar num cassino da área. Por US$ 107 a menos, os *fightmaniacs* poderiam adquirir o pacote *De Luxe* sem direito a um lugar do lado do ringue, à festa e ao jantar no cassino.

DEU NO L.A. TIMES

Depois do UFC I, o colunista Howard Rosenberg, do jornal *Los Angeles Times*, escreveu:

* "Sim, como um telespectador assíduo eu iria poder assistir à minha porção de violência. Mas desta vez, inclinado na ponta da minha cadeira em frente à TV, eu estava propenso a recuar de susto, perplexo, arrepiado e preparado para berrar aterrorizado como nunca."
* "Todos estavam lá, exceto David 'Kung Fu' Carradine."
* "Foi fascinante assistir (Royce) Gracie empregando suas estratégias e golpes de jiu-jitsu. 'Encontrei o meu esporte', disse Brown (um dos comentaristas). Eu também."

WAGON LINE
BR Surfeeling
WAGON LINE

MINI-SAIA FORUM PULL OP

Brincando nos campos

Myra Babenco é uma cena rápida:

difícil de pegar e difícil de entender.

A **TRIP** convidou o cineasta e jornalista

ARNALDO JABOR e o fotógrafo **PAULO VAINER**

para interpretar a produção mais exata de Hector Babenco

MINI SAIA SUPER
do Senhor

Myra

foi se fazendo aos poucos. Eu vi o começo. Corria entre os joelhos do pai Hector e da mãe Raquel Arnaud mas já lhe luziam em volta os horizontes de praias americanas e brasileiras que ela viria a pisar.

Como é a passagem de uma menina para o reino da mulher? São pequenos indícios que começam a surgir; elas nos inspiravam cuidados, de repente nos é que temos que nos precaver contra os raios que surgem dos seus olhos. Buscamos nos refugiar na criança que antes conhecíamos, mas ela não está mais ali. Em seu lugar, temos uma nova máquina moderna do deseja. De repente, ela nos nos olha como parte de seu passado, a nós que achávamos que ela seria o nosso futuro. O cuidado que vira renúncia diante daquela nova mulher que emerge.

Myra é uma síntese entre velocidade tecnológica americana e um desenho antigo da índia praieira, um mix de Santa Monica com Iracema, verdes mares e super-highways nos informando sempre do nosso arcaísmo.

Myra fica no circuito Brasil-Califórnia, mas na verdade gosta é de percorrer os litorais. Está sempre na borda dos continentes, pronta para migrar.

Não é que ela "ama" a natureza, como as antigas gerações "ecológicas". Ela "é" natureza. Aqui, na Jamaica ou em Bali, faz parte da praia que está a sua volta.

Myra não sabe ainda quem é, se é índia ou viajante hi-tech. Se vai partir para a administração ou a poesia, os negócios ou o amor. Myra é difícil de segurar como um pássaro ou um peixe.

Ela não sabe ainda se vai partir para a babilônia do mundo poluído ou se vai ficar brincando nos campos do senhor.

Arnaldo Jabor

Nos intervalos das sessões de fotografia, alguns fotógrafos buscam um quarto com ar condicionado. Paulo Vainer preferiu o salão refrigerado a água em Maresias

VESTIDO ZOOMP

BIKINI 775. BLUSA DE LESIE SUPER BACANA

Coordenação de produção:
Mônica Mendes

Edição de moda:
Erika Palomino

Produção:
Patrícia Soares e
Jackson Araujo

Make up & hair:
Andre Claret
(Trucco e Cappeli
& Sebastian)

agito
VOS
METAL
DANÇA
NATUREZA
TEATRO
SOL
TEEN
FM
ASTRAL
GENTE.
Humor
PUNK
HITS
opiniões
AVENTURA
OPINIÃO
AAAH!
AAH!
FESTA
ETC.
TALENTO
ROCK
Discos
Revolução
TUDO NA

Chegou Zap! O caderno mais novo do Estadão, que vai sair toda quinta, no lugar do Cola. Só que totalmente diferente. Zap! é um caderno que só vai ter matérias que interessam. Tem Bussunda, da turma da Casseta & Planeta. Tem a coluna "Na Real", com mais espaço para você soltar o verbo. Zap! vai continuar falando de vestibular e universidade, vai falar de política e economia sem ser chato (difícil, não é?). Mas você vai ver. Leia Zap! Ele é muito mais do que você está pensando.

TERRA EM

textos e fotos Marco Piva

1 TRANSE

Reportagens escondem sempre um diário de bordo que revela o outro lado do jornalismo. Dessa vez, a viagem combinava um país em paz com a natureza —o Quênia—, outro com os homens em pé de guerra —a Somália. A TRIP embarca nesse bastidor com o repórter Marco Piva e sua aventura pela África.

8 de dezembro

O vôo sacolejante da Kenya Airways promete. Além do atraso de duas horas na saída de Joanesburgo, o serviço é péssimo. A bordo, uma porrada de indianos, negros e, de quebra, alguns brancos — entre eles eu e minha mulher, Vera. O objetivo é conhecer o Quênia, que tem se destacado por sua política de preservação da vida animal, e também a Somália, que vive há três anos uma guerra civil, onde obviamente não se fala sequer em preservação da vida humana.

9 de dezembro

Iniciamos o reconhecimento do territó-rio. Nairóbi é um vi-larejo com aspirações de metrópole. Apesar da pobreza evidente, as pessoas parecem levar uma vida mais digna do que no Brasil. Estranho mesmo são os hábitos adquiridos dos ingleses. Ternos tipo Casa José Silva para os homens e tailleurs para as mulheres.

Os leões almoçam em Masai Mara e impedem a passagem até o fim da "festa"

12 de dezembro

Em Nairóbi, os dias não passam, se arrastam. Tudo acontece pela metade. É como se diante de um problema, todos combinassem e dissessem juntos: "Tomorrow". Não queremos aqueles programas babacões de turista que põe meia três quartos preta, bermuda, bota e chapéu e diz que fez safári na África. Querem nos enquadrar de qualquer jeito na categoria "jet set"internacional, a US$ 100 a diária.

18 de dezembro

Alugamos um carro através de um amigo indiano. É um velho Range Rover, que os quenianos insistem em chamar de "Range Rova" (eles tem a mania de cortar os "r"). O preço bom do aluguel fica descompensado na hora da bomba de gasolina: 5,5 km por litro.

21 de dezembro

9h - O destino agora é a reserva Masai Mara, na fronteria com a Tanzânia. Mapa na mão, pegamos a estrada em direção a Kijabe.

A certa altura, uma imensa cobra verde cruza a estrada. Trezentos metros adiante, aparecem os leões. Eles começam a comer sua caça pelo cu. Arrancam sem jeito as entranhas do animal, abrindo um enorme buraco onde enfiam a cabeça, que logo depois estará completamente ensanguentada. O chefe do grupo deita-se diante do carro, satisfeito com a refeição. Acelero, mas ele não se mexe. É como se quisesse nos obrigar a continuar vendo aquele espetáculo.

Esperamos quase meia hora até que o leão curasse sua preguiça matinal. O velho Range Rover retoma a savana com preguiça leonina (e se o motor pifa em pleno território dos leões?). Devagar, alcançamos o pedaço dos elefantes.

Scombi aponta para uma elevação próxima, onde uma forma arre-dondada ganha o céu. É um balão, usado por turistas milionários que preferem ver a savana por cima a ter de enfrentar os riscos de uma aventura em terra.

27 de dezembro

7h - Uma visão extraordinária do Monte Quênia e seu pico eternamente nevado. São 5.199 m de altura, dos quais pretendemos atingir pelo menos 4.000 m . A primeira etapa é de carro até uma cabana especialmente construída para o descanso, a 3.000m de altitude. A partir dali, é puro climbing e a próxima parada somente nos 4.000 m.

6 de janeiro

Finalmente marcamos nossa ida para a Somália.

7 de janeiro

7h30 - Depois de duas horas e meia de vôo, a paisagem muda completamente. A vegetação espessa do Quênia cede lugar a uma região desértica, pontilhada de arbustos baixos e secos.

A aterrissagem é precedida de três voltas ao redor da pista para confirmar as condições de segurança. Cinco jovens armados com metralhadoras chinesas AK-47 são encarregados da nossa proteção. No trajeto até a sede da organização entendo a preocupação com a segurança: prédios destruídos e saqueados, veículos queimados são sinais de um país sem governo e sem lei.

10h15 - O comércio insiste em funcionar, apesar do racionamento imposto pela guerra. A variedade de produtos é proporcional a sua inutilidade. Tem até shampoo para cabelos loiros.

13h00 - No único restaurante que sobrou em pé, fazemos a refeição possível: macarrão e omelete servidos com a mão, e uma coca gelada, US$4 a latinha. Na cozinha, pratos e talheres são lavados com a mesma água não se sabe há quanto tempo. O dono é conhecido como "Big Man" graças a sua altura fora dos padrões somalis. É um tipo simpático e bonachão, e isso de alguma forma tem garantido a imunidade de seu estabelecimento contra os saqueadores.

A chegada do arroz, trazido pela Cruz Vermelha

alexis duclos/siglo

COMENDO NA MÃO

Quem chega ao Quênia pensando que só vai encontrar negros, tem uma surpresa. Pelo menos 20% da população é formada por gente de outras raças, especialmente do Oriente. São os indianos que dominam o comércio e constituem aquilo que chamamos de burguesia. Nenhum deles anda de "matato". Frequentam apenas lugares exclusivos e procuram manter suas tradições.

Dediquei um domingo inteiro para conhecer de perto esse povo que chegou ao Quênia trazido pelos ingleses na metade do século passado. O almoço foi na casa de Pupandra Sha, que está sempre de olho em novos e bons negócios. Casado com Nila e pai de três filhos, ele é um dos proprietários da Master's, uma padaria que fez fama com receitas belgas e uma happy-hour bem ocidental. Em sua espaçosa casa em Roseland —o bairro mais arborizado de Nairóbi— almoçamos.

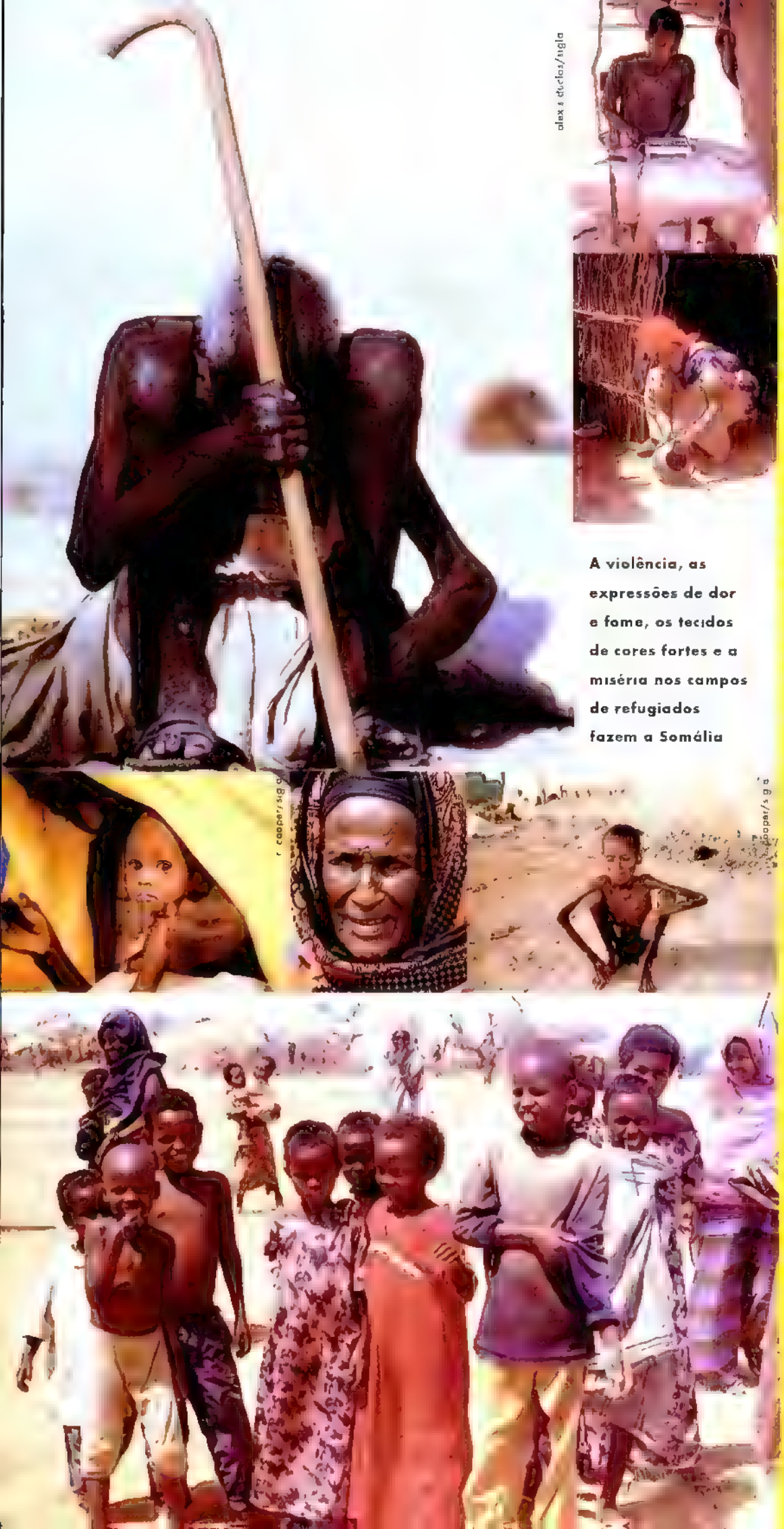
Como a comida é típica, o ritual também é. Já embalados pela boa cerveja queniana, dançamos e, finalmente, comemos —com as mãos. Não há talheres para atender forasteiros. É com as mãos e ponto. Observo as unhas pintadas de vermelho de Nila misturadas com o amarelo da comida (fico imaginando a paciência indiana para lixar delicadamente aquelas sobra de comida entre a unha e a cutícula...).

alexis duclos/siga

Acima, um soldado vigia a Cruz Vermelha. Ao lado um dos seguranças do Food for the Hungry, a caráter. *Outras cenas africanas:* o "matato" (no canto à dir.) um restaurante semi-destruído (dir.) e o campo de refugiados. Abaixo, a cena mais típica, famílias famintas

SEMPRE CABE MAIS UM

[illegible] tolerância. Acostumei [illegible] mulheres. A frase pintada na vida [illegible] é um "matato", de uma série de tipo de transporte coletivo que existe no Quênia. Sempre lotado e passando horas [illegible] bem [illegible] guardam semelhanças com os [illegible] brasileiros que não perdem a chance de fazer uma gazeta [illegible]. Mas a grande [illegible] do "matato" é o reggae que toca sem [illegible] através de um aparelho de som devidamente instalado atrás do banco do motorista e de frente para os passageiros. O botão de volume fica no último traço. Os ouvidos estremecem e [illegible] pra casa de chapéu com a loteção que não para de crescer.



alex s. duclos/sigla

A violência, as expressões de dor e fome, os tecidos de cores fortes e a miséria nos campos de refugiados fazem a Somália

SERVIÇO

O Quênia está na rota do turismo internacional. Nas reservas —onde são feitos os safáris ou nas praias do Oceano Índico de tradição muçulmana— os hotéis cinco estrelas ganham espaço e poder de sedução. São verdadeiros oásis no deserto. Os pacotes turísticos nem passam por Nairóbi, a capital. São fechados diretamente em Londres, Paris e New York. No ano passado, mais de 800 mil turistas passaram pelo país. Um turista sempre pagará dez vezes mais caro do que um queniano ou um estrangeiro residente. Portanto, os pacotes não são para o bico de qualquer um.

Mas sempre existe um jeitinho de baratear as coisas e poder descobrir as belezas do Quênia. Na chegada, os gastos necessários de visto de entrada —concedido no aeroporto por US$10— e o táxi até o centro —mais US$20— onde estão os hotéis mais baratos, na faixa de US$20 a US$40.

A comida é relativamente barata. Pode-se comer um bom prato por US$2.50. Com o transporte público sempre lotado, o jeito é apelar para o táxi, cujo preço sempre depende de negociação.

O Quênia é um grande "simbão" com 45 reservas naturais, que cobrem 15% do território. Os safáris são imperdíveis, mas é inevitável ir nas mãos dos grandes hotéis, que não cobram menos de US$100 a diária de casal. A reserva mais importante e famosa é a Masai Mara, na fronteira com o Triângulo, onde o povo Masai vive tranquilamente entre leões, búfalos, elefantes, rinocerontes e turistas.

As praias do Índico se transformam em "point" internacional na alta temporada de julho e dezembro. As diárias dos hotéis badalados são mais salgadas que as águas do Mar Morto. A alternativa são os hotéis e pousadas de Mombasa, onde se chega através de uma bonita viagem de trem, com passagens entre US$ 20 e US$ 40.

O Monte Kenya —segundo maior da África— com 5.150 m é um passeio imbatível. Ao contrário dos safáris —controlados pelos grandes hotéis— a escalada pode ser feita à partir de Narok e redondezas, onde estão pousadas mais baratas que fazem programas de climbing com duração de um a três dias. No inverno, entre junho e agosto, é indicado para gente com experiência em alpinismo.

Gina
North Shore
Hawaii

Pocho Ahina
Reef Brazil World Team
Oahu

REEF BRAZIL

THE ESSENCE OF THE SANDAL

The Convertible Sandal

Reef Brazil, USA 2015 Garnet Ave., Suite 104-121, San Diego, California 92109 (619) 691-0490 FAX (619) 691-0594 **Reef Brazil Worldwide Australia** Reef Australia 52/61 5500 **Belgium** Transind 02/521 9502 **Canada** Voca 604/984-8793 **Canary Islands** M. Guerra 922/21-3722 **Chile** L & V Ltd 02/231 5239 **Costa Rica** Mango 25 1067 **Denmark** Chalmer 031/625-752 **France** Hoff 56 63 07 34 **Germany** Peter Eicker & Co. 081/615-0207 **Greece** Ekan S. A. 01/807-8535 **Holland** Riptide 20/645-1940 **Italy** Wings Italia 051/744-475 **Japan** Hasco 06/774-0091 **New Zealand** Reef New Zealand 09/485-6308 **Portugal** Luis Falcao 01/726-4116 **Spain** Transimex 94/457-0614 **Sweden** Fjalldepolen AB 0171/67780 **Switzerland** Sunshine Diff. 032/95-2018 **Tahiti** Amax 42-1145 **U.K.** Watersports Co. 0243/786-056 **Uruguay** The Surfshop 02/90-5421 **Venezuela** Rep. Pipeline 02/793-1635
Distribuidor Exclusivo no Brasil Hang Loose Ind. Com. Ltda. - Tel (011) 221-3288 FAX: (011) 223-0689

Não dá
pra não
torcer.

Para se preparar desde já para a Copa, convoque o Caderno de Esportes da Folha. Para saber de todos os detalhes, escale o DataFolha. Para entrar no clima, entre em campo com Alberto Helena Jr., Matinas Suzuki, Silvio Lancellotti e os titãs Marcelo Frommer e Nando Reis. E para ser tetracampeão, reze pelo Parreira - e torça pelo Romário.

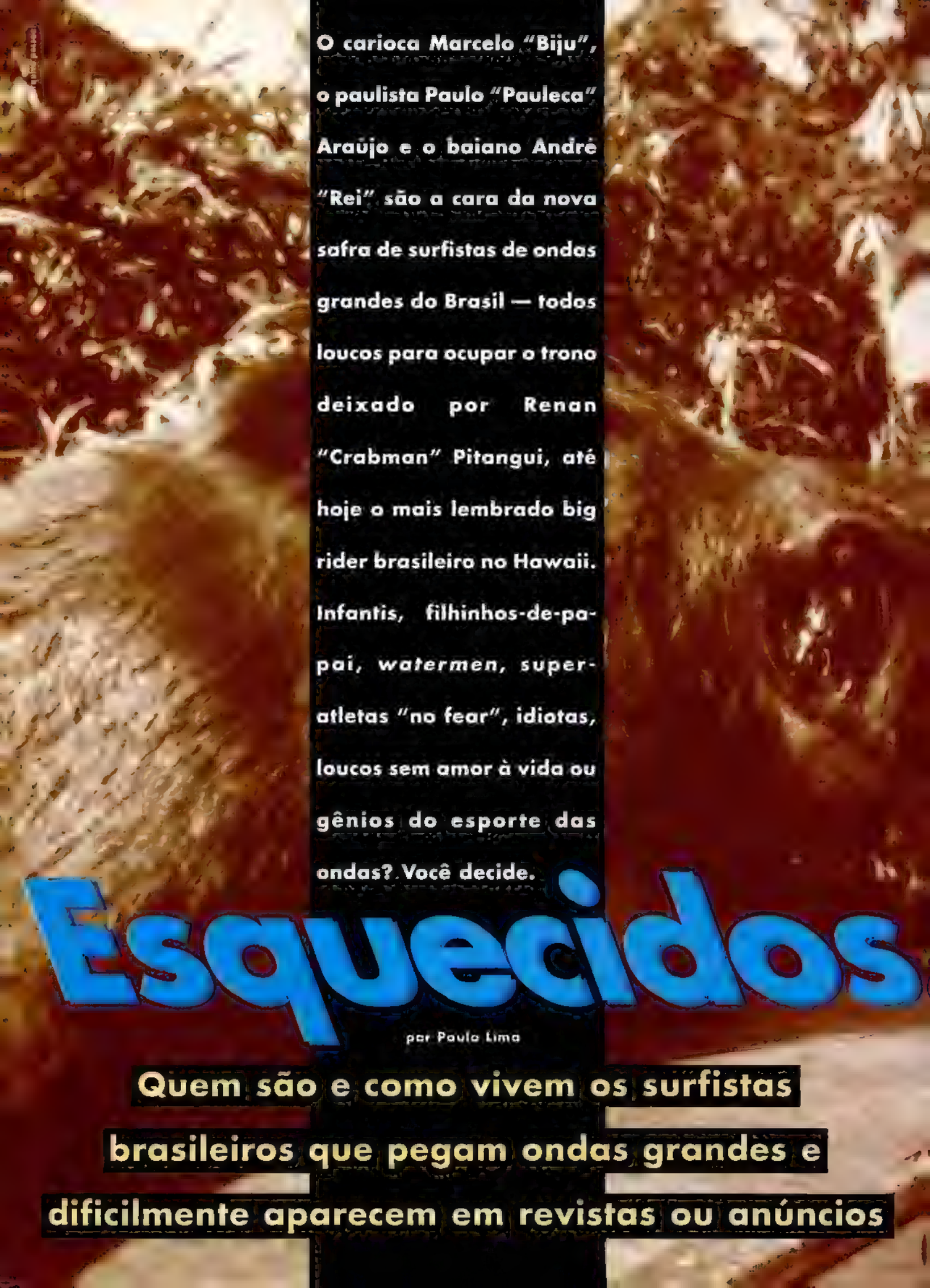
FOLHA

Não dá pra não ler.

94, o ano Folha.

W/Brasil

Materiał chroniony prawem autorskim



O carioca Marcelo "Biju", o paulista Paulo "Pauleca" Araújo e o baiano André "Rei" são a cara da nova safra de surfistas de ondas grandes do Brasil — todos loucos para ocupar o trono deixado por Renan "Crabman" Pitangui, até hoje o mais lembrado big rider brasileiro no Hawaii. Infantis, filhinhos-de-papai, *watermen*, super-atletas "no fear", idiotas, loucos sem amor à vida ou gênios do esporte das ondas? Você decide.

Esquecidos

por Paulo Lima

Quem são e como vivem os surfistas brasileiros que pegam ondas grandes e dificilmente aparecem em revistas ou anúncios

Entre um swell e outro, Marcelo "relaxa" caçando javalis. Na sequência, Pauleca (prancha branca) dropando em Waimea respeitavel sendo rabeado por Mark Foo

no Paraíso

sequência fotos ro...

Vai encarar?

Misto de surfista doido e caçador de javalis, Bijú é um daqueles caras que vê água e se atira, sem se importar com o que esteja embaixo nem com quem esteja em cima. Se diverte arriscando a vida no Hawaii, encarando ondas acima do limite de segurança e falando português em alto e bom som, numa terra onde isso pode significar um "vem pro pau!".

TRIP Quem, diabos, é o tal Marcelo Bijú?

B Marcelo Corsei Corrêa, 25 anos, homem — mas não tenho nada contra viado, não sou racista, não tenho essa parada. O que vale é a atitude.

TRIP Por que você está com a mão assim, toda machucada?

B Isso aí é...eu fico batendo saco, treinando, mas eu não sei bater direito.

TRIP E caçar javali aqui no Hawaii, como é?

B Um amigo que me mostrou tudo no Hawaii, que me fez aqui, me deu a maior força. O cara é caçador, ele me ensinou. Quem caça, na verdade, são os cachorros. Eu só sigo os cachorros, mato e carrego o corpo do javali de volta pra casa. Você vai com os cachorros e, pô, eles são treinados. Leva um tempão pra treinar.O cara leva os cachorros na montanha e ensina.

TRIP Isso é na montanha, no meio do mato?

B No meio do mato.

TRIP Algum outro brasileiro vai atrás de javalis?

B Fora eu, já foram o Luisinho, que morreu, e o Kiko Pacheco, do boogie board, que é meu amigão e tá sempre comigo. Outro que foi algumas vezes foi o Kiko Hebert, que também fez boogie board.

TRIP O que você acha do boogie board, por falar nisso?

B Maneirissimo, dou a maior força.

TRIP Você gosta de brigar, Bijú? (risos e mais risos) Por que você acha que o pessoal está rindo?

B Porque, porra, cara, eu sou agitado, disritimia agitadaça...eu tenho tanto medo de brigar que a minha defesa é o ataque. Eu ataco antes.

TRIP Do que você tem mais medo na vida?

B Medo de ver as pessoas que eu gosto sofrendo sem que eu possa fazer nada.

TRIP E de morrer, você tem?

B Medo? Não.

TRIP Esses nomes que você tem tatuados no braço são de amigos seus que morreram, não é isso?

B Dois amigos meus.

TRIP Por que você tatuou o nome deles?

B Uma é de um cara que andava sempre comigo. Eu estava passando e ele morreu na hora, de moto. Foi um lance muito triste, o corpo dele ficou jogado no chão, o rabecão demorou horas pra vir, passavam as pessoas que conheciam o cara e riam — "Olha lá o presunto". E, pô, o cara era meu amigo e morreu sendo meu amigo. Eu vim para o Hawaii em 84 e aqui todo mundo tatua nomes. Fiz amizade com uns havaianos nativos e todos eram tatuados. Aí eu me achei havaiano e fiz logo uma tatuagem em homenagem ao meu amigo.

TRIP Você apanhava dos seus pais quando era pequeno?

B Meus pais nunca me bateram.

TRIP E a molecada da rua?

B Eu tinha medo do Brabão, que sempre tomava uma camisa minha.

TRIP Quem é o Brabão?

B É o cara mais local do pontão do Lebion, o cara mais assim...sei lá, diferente. Boa pessoa ele.

TRIP Quem são seus ídolos na vida?

B Meu pai, que é campeão de caça submarina.

TRIP Agora vamos para o departamento "porrada". Em quem que você já bateu aqui no Hawaii?

B Não bati em ninguém.

TRIP Então de quem você se defendeu?

B Já fiquei nessa adrenalina aí, o cara é gringo, food stamp, vitamina, o caralho, puto contigo porque tu é brasileiro. "Esse latino aí...mas a mulher dele é boa". E, porra, aquela coisa: eu não sou faixa preta, não sou bom de luta, campeão, nem nada. Então a adrenalina já aumenta. Se eu fosse o maior na porrada, não tinha nenhum problema. Eu não dou motivo.

TRIP Você teria medo de brigar com alguém aqui no Hawaii?

B Eu não. Nem eu nem muitas pessoas teriam.

TRIP Você acha que perde de alguém aqui no Hawaii na porrada?

B Não sei, quem sabe. Na hora é que se vai saber.

TRIP Dá a impressão que você não tem medo de ninguém e não vai perder de nenhum.

B Defes? Não porque eu não vou dar motivo pro cara se dar bem comigo.Você dando motivo está arriscado a se dar mal.

TRIP Você acha que a brasileirada tem muito medo dos havaianos? Qual é a tua posição?

B É chato porque os caras vêm do Brasil loucos pra pegar onda e, porra, de repente o cara toma uma dura mesmo. Havaiano não gosta — já tem aquele lance de não gostar de brasileiro —, o cara vem aqui amarradão, pra curtir, pegar uma onda e de repente toma uma cuspida, um tapa, a batida não é essa. Tem muita gente inocente levando dura dos caras. Mas quem é profissional, quem sai na revista e ganha dinheiro com surf, tem que entrar na água como brasileiro, com a camisa do Brasil.

TRIP Você se sente de uma certa forma o protetor dos brasileiros, o "guardião"?

B Sinto que se eu estiver na água e o cara for lutar com alguém do Brasil, eu não vou deixar. Eu entro pra brigar também. Não deixo juntar ninguém.

TRIP Quais são os brasileiros bons em onda grande aqui?

B Tem vários: Ianzinho (Antonio Martins), Renan Pitangui, Carlos Roberto Santos — da Bahia — Carlos Burle, Pauleca...da minha galera tem vários.

TRIP Qual o maior mar que você pegou?

B Pô, já caí em Waimea com mais de 15 pés. Já caí em Pipeline com mais de 15 pés, também. Waimea nunca vi grande.

TRIP Quem você acha que tira uma de big rider e não é big rider?

B Carlos Burle, Eraldo Gueiros, Bocão, tem uma porrada...mas os caras são boas pessoas.

TRIP O Bocão não pega as grandes?

B Pega.

TRIP E as bem grandes?

B Pega também.

TRIP E qual é o problema?

B Problema nenhum! É um dos caras que se beneficiaram com esse lance de big rider.

TRIP Explica melhor.

B Os caras que põem foto na revista, como um outro que fez calção, lançou marca, botou a foto na camisa. E eu fui lá e comprei a camisa. Era moleque. Porra, comprava todas as fotos desses caras aí. Eram meus ídolos. Chegou aqui, o cara vira e fala: "Hi, what's up?". Vai tomar no cu!

TRIP De quem você está falando?

B Nem sei, é uma injustiça eu falar.

TRIP Bijú, me fala uma coisa: quantos brasileiros você acha que no North Shore pegam as ondas grandes mesmo? Dá uma lista restrita, porque Renan e outros que você citou já não vêm mais.

B Pauleca, Cinira, Júlio, André Rei, os caras que caíram comigo...Não posso falar isso.

TRIP Você está a fim de morar aqui?

Brothers in arms: Pauleca (esq.) e Bijú (dir.) têm algo em comum

B Não.

TRIP Qual é o seu projeto de vida para os próximos 12 meses?

B Aqui é ver se a onda quebra. Ver se dá a tal da onda de 25, 30 pés.

TRIP Como é que você vem pra cá: É patrocínio ou "paitrocínio"?

B "Paitrocínio" e "vótrocínio".

TRIP Você acha que deveria ser patrocinado?

B É até pecado eu falar isso, porque tem milhões de amigos meus que não têm nem uma prancha pra vir pra cá. E, porra, eu tenho vários amigos no Leblon que pegam onda pra cacete. Eu era moleque e os caras já pegavam onda. Tem vários. Não, tem um: Serginho Reco. É o que mais pega.

TRIP Você luta jiu-jitsu?

B Estou aprendendo. Fiz um comecinho de boxe e só. O resto é estar na razão.

TRIP Não sei quem falou aqui outro dia que o Bijú só pára de falar e descansa na hora que dorme. É assim mesmo?

B Não, cara. É a adrenalina da onda grande no Hawaii mesmo.

TRIP Agora há pouco você falou de agressividade. O Rio de Janeiro é só agressividade?

B O Rio de Janeiro é a cidade mais agressiva. Você vê o cara passando de BMW e o cara morrendo de fome. Rico com pobre, os caras morrendo de fome e ao mesmo tempo neguinho esbanjando. É isso. E a informação gira em torno daquela minoria que tem a finalidade de deixar o resto sem saber nada.

TRIP Mas no Rio de Janeiro você é calminho, tranquilo, vai à missa todo domingo?

B Sou calmo. Saio pouco, fico com a Flávia em casa. Vou treinar, malho, fico em casa. Lá eu sou um vagabundo que tem a guarda do pai e da mãe.

TRIP Você se considera o mais fiel retrato do Rio de Janeiro?

B Depende. Um cara que tem as possibilidades de fazer o que eu faço, ir para o Hawaii, ter a casa da avó, a casa da mãe pra comer, as molezas que eu tenho e de ficar indignado com o que acontece, as pessoas que... Tem gente que não está nem aí. Mas eu não posso mudar as coisas.

TRIP Você se acha o "Menino do Rio" dos anos 90?

B Não sei. Quem pode falar são os outros.

TRIP Se você fosse americano, com a tua disposição, você estaria bancado?

B Tudo o que eu preciso é uma passagem pra vir pro Hawaii na época da onda grande, só isso. Prancha, camiseta, calção, essas coisinhas a gente faz na hora. Só a passagem mesmo.

TRIP O que você acha quando os próprios brasileiros falam *fucking brazilians*?

B Eu acho que esses brasileiros que falam *fucking brazilians* não falam na minha frente, porque se falarem levam uma aquietada na hora. Não sei qual é a condição financeira de quem vem pra cá. Deve ser gente que não tem mais nada na vida lá, vem para a América e se sujeita às maiores humilhações para poder ficar aqui.

TRIP Para resumir a sua postura no North Shore, você diria que os havaianos têm que respeitar um pouco mais os brasileiros e que os brasileiros não têm que abaixar tanto a cabeça. É isso?

B Cada um sabe da sua, quem tem amigo sabe que vale ouro. Essa é a principal.

TRIP Outro dia você comentou que não achava legal o esquema da lista de convidados para o Eddie Aikau. Qual o problema?

B Não é problema, não. Tem vários caras aí do Hawaii que não estão convidados. Quem sou eu, Marcelo Bijú, para falar de Waimea? Pergunta para o Ricardo Bocão, pra esses caras que são big riders em Waimea. Agora, eu nunca vi Waimea grande. Disseram que o pessoal mais velho vai ser cortado do Eddie Aikau. Mas, se o mar do Eddie Aikau estiver enorme e eu não for convidado e quiser cair, vou lá, pego a prancha e caio. Não tem essa de convite, não. Pulo o muro.

TRIP Quem você acha que tinha que estar e não está nesta lista?

B Quem deveria ser convidado? Renan Pitanguí deveria ser convidado, depois lonzinho — por idade, porque os dois pegam ondas grandes. Vai indo por idade e por respeito às pessoas que pegam onda grande.

TRIP Entrando em Waimea você fica cumprimentando todo mundo em português, até os gringos. É isso mesmo?

B Não cumprimento ninguém, não. Eu vou lá e peço pro cair. Chego lá, tem um cara local e eu pergunto se posso cair, digo que não vou atrapalhar ninguém e espero pra ver o que o cara vai falar. Se ele falar alguma coisa que eu não gosto, entro na água e sai todo mundo, eu vou ficar sozinho lá dentro. Quebro as pranchas todas. Meto porrada em todo mundo dentro d'água.

TRIP Se você tivesse que ir para uma ilha deserta e só pudesse levar três coisas, o que você levaria?

B A Flávia e os meus dois cachorros!

TRIP O que é essa tatuagem que você tem no peito?

B Isso aqui foi uma viagem escrota.

TRIP Você escreveu o quê aí, o nome da ex-namorada?

B Botei o nome da mulher, lógico.

TRIP E ela falou: "Essa está marcada, homem é que nem gado!"

B Lógico, lógico.

TRIP Você se sentiu como uma vaca marcada?

B Me senti um otário. Mas eu deixei a tatuagem e neguinho falou que eu tinha pirado.

TRIP Você tatuou o quê em cima?

B Nada. Cobri depois de um tempão, quando eu já tinha outra namorada que não se importou com isso — que é a Flávia.

TRIP Como ficou a tatuagem depois da coberta?

B Parece um corno, um chifre de cabeça baixa...a cancela de fazenda pra cobrir...olha que merda! Ficou horrível, cara.

TRIP Se desse, você tiraria?

B Se pudesse voltar atrás não faria.

TRIP Já pode tirar, sabia? Com laser.

B Tudo bem, mas eu não tenho essa vaidade.

gordinho

Pipeline servido a *storm*. Dá pra encarar?

Uma loira e 8 mil dólares

Paulista da capital, Pauleca está no Hawaii há dois anos mas já começa a se preparar para encarar terras brasileiras outra vez. Depois de pegar muita onda, sua próxima virada vai ser cair no trampo, provavelmente ao lado de seu pai. Mas já garante: Hawaii, pelo menos uma vez por ano.

TRIP Por que você está aqui?

P Porque eu sempre quis pegar as ondas grandes. Já estava a fim de vir há um tempo.

TRIP Desde moleguinho você queria pegar as maiores? Você é um big rider de nascença?

P Sempre gostei de pegar as ondas grandes, desde pequeno.

TRIP Onde você pegava onda no Brasil?

P Eu pegava bastante onda em Ubatuba, em todas as praias. Ultimamente eu estava surfando mais no Félix, mais no norte.

TRIP Mas você é de São Paulo, não é?

P Sou.

TRIP E você estudou até que grau?

P Eu parei no primeiro ano colegial.

TRIP Você está com quantos anos?

P Vinte anos.

TRIP Qual o seu nome completo?

P Paulo de Araújo Pinto Neto.

TRIP Esse nome é de família rica. Você é milionário?

P Sou trilhardário! (risos) Brincadeira. Meu pai tem dinheiro, mas não é tanto assim. Trabalho, tem uma firma — vou começar a trabalhar com ele.

TRIP Você está aqui há quanto tempo?

P Vai fazer dois anos.

TRIP Entre os brasileiros, quem pega bem onda grande no Hawaii?

P Nesse tempo que eu estou aqui, tem bastante gente. É difícil dizer... Tem o André Rei, Bijú...

TRIP E quem são os big riders falsificados? Tem algum?

P Tem vários.

TRIP Qual é o lance? Os caras posam de big riders, chegam aqui e amarelam?

P Cada um faz o que quer. Os caras gostam de pegar onda pequena.

TRIP Você pega as ondas pequenas também?

P Pego. Surfo todo dia. Aqui dá onda o ano inteiro, 12 meses por ano.

TRIP Pegou onda no verão aqui?

P Peguei.

TRIP Que prancha você tem hoje em dia?

P Tenho uma 6' 8", 7' 8", 8' 8", 10', e 10' 8".

TRIP E a grana? Como é que você faz tantas pranchas aqui?

P Fui fazendo aos poucos. Por exemplo, a 7' 8" eu troquei pela bicicleta que a minha irmã deixou aqui. A 8' 8" o Marião shapeou de graça, deu uma força, e o Luizinho cobriu. Outras eu trabalhei pra comprar.

TRIP Trabalhou com o quê?

P Trabalhei já de várias coisas: seis meses entregando pizzas, trabalhei em construção, pintei casa, limpei casa, fiz de tudo.

TRIP Agora você virou empresário?

P Agora eu sou empresário! (risos) Sou um comerciante nato.

TRIP Você faz alguma coisa pra se preparar pra pegar onda grande, algum tipo de treino ou só fica aí largado?

P Não, tenho um preparo psicológico, que eu acho o mais importante.

paule lima

TRIP Como é que é isso?

P É você querer mesmo.

TRIP Mas tem um ritual, você senta virado pra Meca...

P Tem um ritual. Eu sempre estou pensando nisso, está sempre na minha cabeça.

TRIP Você faz algum preparo físico?

P Pego onda todo dia e dou umas pedaladas de vez em quando, mas na manha.

TRIP E alimentação? Come o que tiver ou seleciona os alimentos?

P Já comi muito *junk food*, mas agora estou fazendo comida em casa, que é muito melhor, mais saudável, mais econômico. Faço café da manhã, almoço e jantar.

TRIP Você já apanhou de alguém no Hawaii?

P Graças a Deus nunca tive nenhuma confusão aqui.

TRIP Já teve que bater?

P Já briguei com um brasileiro quando cheguei aqui, mas não foi nada sério.

TRIP Quem era?

P É um cara que está morando agora na Califórnia, o Renato. É um cara gente boa. Não tenho nada contra.

Levando a vida calma do North Shore, Pauleca se transforma quando o mar sobe

gerdinho

TRIP Brigou por quê?

P Ah, porque o cara estava muito estressado, tinha brigado com a namorada e quis descontar em mim achando que eu era mais fraco. Mas não foi bem como ele pensava.

TRIP Qual é o seu plano de vida daqui pra frente?

P Eu vou ficar aqui até o final do inverno. Mas talvez vá para o Brasil começar a trabalhar com o meu irmão, meu pai. E vou querer vir aqui todo ano pegar umas ondas nas ilhas.

TRIP Quer ganhar dinheiro agora, é isso?

P Quero, não. Preciso. Se não fosse isso, talvez eu ficasse por aqui mesmo, porque a vida aqui é demais. Mas tem um lance lá que eu quero construir.

TRIP Quando você pega as ondas grandes dá medo de morrer?

P Não. Eu fico mais contente. Às vezes a gente passa uns apuros, mas é demais.

TRIP Qual foi a a maior onda que você já pegou?

P A maior onda? Foi de 18 pés.

TRIP E se quebrar maior, você acha que encara?

P Estou com vontade. Tenho prancha, tenho leash, tenho calção.

TRIP Até que tamanho você acha que vai encarar?

P Só vendo na hora.

TRIP Pelo o que você vê nas revistas, comparando com o que você já sabe que é lá dentro com 15, 18 pés, até que tamanho você acha que dá para entrar?

P O que vier aí estou caindo.

TRIP E essa lista do Eddie Aikau, você acha que é justa? Tem gente ruim lá dentro, tem gente que deveria entrar? O que você acha do Bocão ser o único brasileiro?

P Eu conheci o Bocão em Bali, não tenho muito contato com ele, mas pelo que eu vejo — eu estou aqui no meu segundo inverno — o cara pega bem, pega as ondas.

TRIP E os outros gringos da lista, você acha que está certo ou tem algum que não deveria estar ali?

P Eu acho que todos merecem. Acho que tem mais gente que pega onda grande — não digo brasileiro, digo gringo mesmo, que pega, que só faz isso.

TRIP Como é que você faz pra arrumar mulher aqui nesse tempo todo no North Shore — que, todo mundo sabe, não é dos lugares mais floridos?

P Isso é uma velha técnica que não podemos revelar (risos).

TRIP Você passou uns tempos solitário?

P Ah, passei. Principalmente quando eu cheguei, não falava nada de inglês, então é mais difícil porque não tem a comunicação. Só com brasileiro. Mas depois você aprende inglês, aí embala.

TRIP Você arrumou quantas mulheres aqui nesse período de dois anos? Você é solteiro, pode falar.

P Sou solteiro graças a Deus...Eu namorei com uma menina antes de ir para Bali. Namorei três meses, mas quando voltei de viagem ela já tinha ido embora para a Califórnia.

TRIP Voltando para o Brasil, você pretende casar?

P Casar? Família? Não sei. É difícil de dizer. Pode acontecer ou não.

TRIP O que você mais gostaria de ter hoje na vida?

P Aqui e agora? Uma loira e US$8.000! (risos).

geralinho

Da Bahia para o mundo, André "Rei", o primeiro brasileiro a dropar Waimea para a esquerda

O novo baiano

Na década de 90, alguns novos nomes começaram a surgir nas rodas de surfistas brasileiros que gostam de discutir o surf de ondas grandes. Uma das poucas unanimidades nestas rodas é o baiano André "Rei", que com sua prancha vermelha e grossa desce o que surgir na sua frente. Modesto e simpático, não gosta de falar de seu surf. Nem mesmo da esquerda inacreditável que pegou em Waimea. A TRIP pediu a Flavius "Cinira" que falasse um pouco sobre seu colega de line-up em Waimea.

Depois de muito surf, loucuras e algumas confusões André Reis resolveu trocar Salvador pelo Hawaii —para isso com que sempre sonhou. Hawaii para ele sempre significou Waimea. Seu quiver é de apenas três pranchas, sendo a menor uma 10' 2", além de uma 11' e da sua preferida uma 12' vermelha —que é a sua Ferrari.

Logo que chegou no Hawaii, foi morar com a família Keawes, que depois de muito suor, trabalho e dedicação, o tem hoje como filho e protegido. Acorda todos os dias às 5h da manhã para tratar de seus porcos, pelos quais tem o maior carinho e orgulho, não ligando para a gozação da galera. Mas seu coração bate forte, forte mesmo quando a baía quebra. É nessa hora que ele se sente o próprio rei. E a verdade no amor pelo surf pulsa forte em suas veias. Faz disso sua razão única de viver, pois trocou uma vida de luxo e conforto por um lugar de destaque no line-up de Waimea, descendo sempre atrás do pico, nunca querendo provar nada a ninguém. Nem mesmo neste inverno, quando foi o primeiro brasileiro e um dos poucos da história do esporte a surfar a esquerda de Waimea. Como ele mesmo diz: "Ó Rei, eu só quero dropar. Gosto mesmo é da emoção. Não me importa a foto na revista e muito menos fama. Eu quero é DROPAR!"

Flavius Cinira

Nesta matéria, poderiam estar vários nomes que surfam muito e aparecem pouco. Só para citar alguns, Romeu Bruno, Rogério Alemão, Alemão de Pernambuco, Flavius Cinira, Ian Zinho.

Bolinha calmante

Vendidos em lojinhas de curiosidades espalhadas pelo mundo inteiro, as bolas de aço chinesas ou *Iron Balls* possuem sinos internos. Ao manuseá-las, é possível ouvir os sons graves e agudos se combinando. Além da música que acalma, as bolas pesadas e lisas serviriam para massagear suavemente as partes das mãos que teriam terminações nervosas correspondentes a vários órgãos do corpo humano.

Por último, girando as bolas em sentido horário e anti-horário com apenas uma das mãos, a coordenação motora do usuário perceberia notáveis evoluções.

Mesmo não acreditando em nada disso, você vai curtir ter essas bolinhas simpáticas e muito bonitas ao alcance das mãos. Custam entre US$8 e US$10 nos lugares honestos. *Paulo Lima*

foto: Ria Guedes

Muito longe do Nirvana

No dia 6 de abril, o vocalista do Nirvana, Kurt Cobain, deu um tiro na cabeça em sua casa em Seattle (EUA). Tinha 27 anos. Como despedida, apenas um pedaço de bilhete onde se lia "eu te amo, eu te amo, eu te amo". Só isso.

foto: Ignácio Aronovich

Kurt Cobain no Hollywood Rock de 1993

R.I.P.

Em circunstâncias dramáticas, morreu durante a temporada de surf no Hawaii Datinho Pereira, um dos grandes nomes do longboard competitivo brasileiro. Logo depois de fazer ótima figura em eventos internacionais, Datinho, irmão de Tadeu Pereira —hoje entre os 44 melhores surfistas do mundo e certamente um dos mais simpáticos do cenário nacional — foi vítima de um acidente vascular-cerebral em pleno North Shore

No mesmo época, em Santa Catarina, morreu o jornalista Marcos Bicudo, um dos poucos profissionais que pôde ostentar o título de jornalista especializado em surf .

foto: Gordinho

Datinho Pereira em sua última temporada havaiana

Acertando na Myra

Mais difícil que conquistar é manter a liderança. A marca mais tradicional do *surfwear* brasileiro passou nos últimos meses por um processo de modernização radical para se manter entre os *top* do mercado. A estratégia que passa pela terceirização de grande parte de sua produção, a desativação de várias lojas exclusivas, o investimento na abertura de novos clientes, a realização de um campeonato de surf num local inédito (Imbituba) e o projeto de lançamento da marca Stüssy no Brasil, parece estar no caminho certo. Na pesquisa *Top of Mind* da revista ***Trip College*** realizada entre 400 estudantes paulistanos, a OP foi a marca mais lembrada no item *beachchwear*. Reforçando ainda mais sua posição, a marca saiu na frente e contatou a *Trip Girl* desta edição, Myra Babenco, para estrelar seus anúncios de inverno.

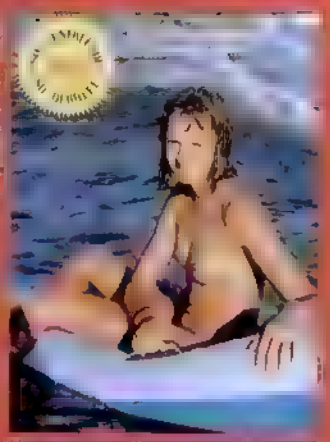
foto: divulgação

A TRIP GIRL Myra Babenco iniciando decolagem na carreira de modelo no Brasil

Baixinhos, pelados e bonzinhos

Há 20 anos, a imagem de crianças nórdicas nuas mergulhando em águas geladas era utilizada para vender margarina. A campanha era considerada assexuada, ainda que o produto estivesse sofrendo uma reavaliação sócio-sexual através da polêmica provocada pela manteiga de Bertolucci em *O Último Tango Em Paris*.

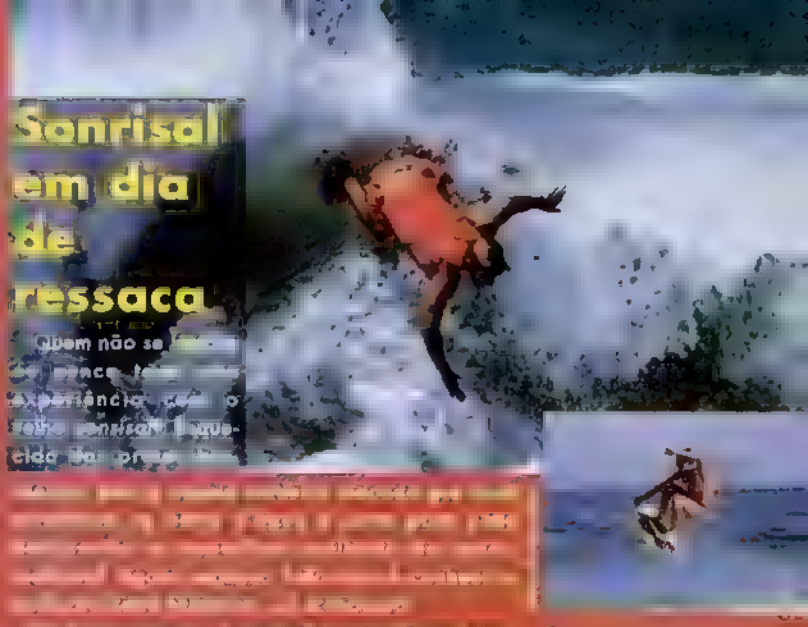
A revista alemã dos "amigos do sol e da natureza" — *Sonnenfreude Sonderheft* — promove a filosofia naturista pelo seu lado mais idílico, com fotos de crianças e pré-adolescentes



Mostrando crianças e adolescentes nus, a revista alemã *Sonnenfreude Sonderheft* só excita os mais etéreos

Sorrisão em dia de ressaca

Quem não se [illegible] experiência [illegible] sorrisão [illegible] aquecida da praia [illegible]



As manobras do skimboard são muito semelhantes às do surf. Na foto, um skimboarder californiano em Laguna Beach. No detalhe, o carioca Hugo Fonkert na Lebion — Rio de Janeiro

[illegible] -cócos, as pequenas ondas que quebram [illegible] questão.

[illegible] US$ 50 e US$ 260.

(021) 234-2329

Fábio Bolota / Tribo

And the winner is...

Os leitores da TRIP escolheram a *Brotinho* com [illegible] a garota do poster e fritar.

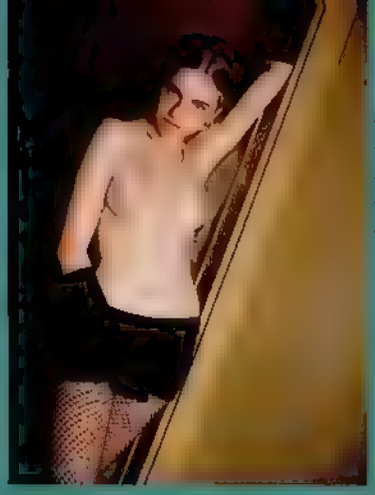
Pé de atleta

Os milhões de dólares investidos em tecnologia e pesquisa fazem dos tênis de hoje, em dia, algo próximo da perfeição. Materiais cada dia mais leves e flexíveis tornam os calçados esportivos modernos mais confortáveis do que andar descalço.

Até agora, porém, este conforto ficava restrito às horas de esporte ou lazer descontraído. Em situações de trabalho, as festas e eventos mais formais é difícil escapar do velho [illegible] que a concorrência [illegible]

Saída

Capa da TRIP com PC



claudio lucchesi

Ana Claudia, a garota da última capa da TRIP, pode aparecer a qualquer momento na tela do seu computador

Para virar as páginas de uma revista com um *mouse*, você tem que gravar um nome na memória: *NEO*. Essa é a primeira revista interativa do Brasil (e terceira do mundo), que acaba de lançar seu primeiro número. Fazer a revista funcionar é simples —desde que você tenha um PC e um leitor de CD Rom: operando o *mouse*, as páginas vão sendo "folheadas". Em cada matéria, o leitor pode abrir os assuntos, ouvir música, assistir um vídeo e ver mais fotografias etc.

O primeiro número da *Neo* tem 21 matérias, que vão de Chet Baker a neurologia, de culinária a uma viagem pelo México. A TRIP participa de mais este projeto pioneiro. Ao navegar pela *NEO*, você vai dar de cara com o suplemento TRIP INTERATIVO.

Lembra da garota da capa da última TRIP? Você pode vê-la dentro do seu computador: o ensaio do fotógrafo Cláudio Lucchesi com Ana Cláudia está na *Neo*, na íntegra, num suplemento da TRIP "encartado" na *Neo*. E tem mais: nosso editor, Paulo Lima, narra *ao vivo* o acidente onde o surfista Titus Kinimaka fraturou o fêmur numa onda gigante em Waimea —tudo fotografado por Aaron Chang. Encomende a Neo pelo tel. (011) 820.7747, nas lojas Itautec ou nas livrarias Siciliano. Custa 37 URVs.

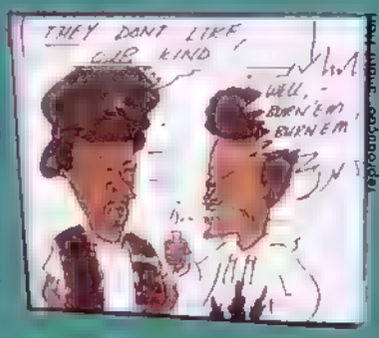
A volta dos que não foram

reproduções. Shoiti Hori

New Kids on the Block e Vanilla Ice de volta? *Vade Retro!*

Oh, não! Os New Kids on the Block —agora NKOTB —estão de volta, com o disco *Face the Music*, fazendo um sam*zinho mellow* com aquelas letras "faz cabeça de meninha". Como se não bastasse, Vanilla Ice também *is in the house*. Tatuado, com o cabelo lisinho transformado em dreadlocks, pelo menos ele não está com nenhum disco pronto para ser lançado. Isso nos dá mais alguns meses de sossego.

Americanos skrotinhos



reprodução

Os imbecis *Beavis & Butthead* sofreram mutações genéticas sob o traço de Otis Brayboy II, nas páginas da revista norte-americana *Vibe*. Se transformaram nos manos *Rufus & Tyrone*. Prefira os *The Little Black Skrots* do Angeli.

Onde há fumaça...

reprodução shoiti hori

Aproveitando a onda do *legalize* que está rolando nos EUA, a gravadora Tommy Boy resolveu arrecadar uns trocados a mais. Lançou a compilação *Big Blunts* (blunt é aquele charuto que, devidamente preparado, é usado na confecção de "cigarrinhos caseiros") com 12 hits da reggae que falam sobre a erva. Tem U-Roy, Yellow Man, Ninja Man e um remix de "Under Mi Sleng Teng", de Wayne Smith, com produção do DJ Muggs e os vocais nasalados do B-Real, ambos do Cypress Hill. A capa é inspirada nas pequenas embalagens dos *rolling papers* Bambú (no detalhe), feitos com papel de cânhamo. Vale matar a curiosidade.

Ricardo Franca Cruz

Vendas no pico

Ao que parece, os fabricantes de roupas e equipamentos de surf já podem voltar a sorrir, depois de uma longa entressafra. Segundo o que publicou o *L.A. Times*, as vendas deste tipo de produto —que sofreram uma queda meteórica conforme iam se aproximando os anos 90— voltaram a crescer. Só para se ter uma idéia, os fabricantes americanos estão prevendo uma venda de 315 mil pranchas de surf e mais de 465 mil peças de roupas de neoprene para este ano.

Enquanto isso, a Wagon criou um sistema de venda de pranchas por telefone que podem ser encomendadas pelo (011) 829-3544. É só escolher o tamanho, desenho e o tipo de rabeta. As entregas acontecem 25 dias depois.

foto: Ana Luedes

Saída

Marcapasso

Quem gosta de manter a forma correndo ou caminhando deve saber que é fundamental variar os percursos para que o corpo não se "acostume" com o roteiro, diminuindo o aproveitamento e perdendo os benefícios do exercício.

Uma das desvantagens de quem varia o percurso é a dificuldade de controlar a metragem. Preso à cintura, o pedômetro é um pequeno computador onde o atleta registra o comprimento da sua passada. Quando acionado, o aparelho vai contar automaticamente o tempo de treino e a metragem percorrida. Uma espécie de pêndulo no seu interior vai oscilar a cada passada, registrando o número de centímetros equivalente e multiplicando ao final do exercício

P.L.

Fim de semana tem TRIP no rádio
Sexta 20h. pela 89FM - SP
sábado 19h. pela 98FM - Santos
Nove anos de independência no ar

Paulo Francis e Indiana Jones no Mar Morto

Depois de seu tradicional banho de ervas comemorando o fim da Quaresma, Arthur Veríssimo dá suas dicas de leitura —alguns lançamentos recentes, outros nem tanto.

Trinta Anos Esta Noite (editora Companhia das Letras) Se você é daqueles que sempre quis saber o que se passou no Brasil da obscura época dos anos 60 até os dias atuais, nada melhor do que adquirir imediatamente o mais recente livro do jornalista e escritor Paulo Francis. A síntese do livro, segundo o próprio, é a seguinte: "Este livro é um relato pessoal de 1964. Participei como jornalista e conheci algumas pessoas que tiveram bastante a ver com aquele desfecho que influi (quanto?) na nossa história. Perguntei a amigos sobre nomes, ocorrências e alguns dados de que me sentia incerto de memória. Faço algumas referências ao período depois de 64, porque pertinentes, acredito, ao evento, mas o que interessa é o antes e o durante". Esta abordagem se encontra à disposição de todas as gerações que queiram entender, pelos olhos de Francis, o que acontece e aconteceu dentro e fora do Brasil

Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto (editora Imago) - Os manuscritos do Mar Morto são uma das mais importantes descobertas no campo dos estudos bíblicos. Tais documentos acrescentaram uma nova dimensão ao nosso conhecimento das origens do cristianismo. Um enigma contudo persiste: por que os estudiosos que têm o controle dos manuscritos insistiram em manter tantos deles secretos? A resposta se encontra neste livro organizado por Hershel Shanks, editor da revista *Biblical Archaeology Review*. O livro reúne matérias essenciais de vários eruditos e explica este misterioso descobrimento, que veio à tona num dia de primavera de 1947, quando um jovem pastor beduíno atirou uma pedra na abertura de uma caverna na região de Qumram, às margens do Mar Morto. A partir de então, beduínos e arqueólogos empreenderam uma corrida desenfreada à procura de outras cavernas na região, em busca de mais manuscritos.

Ao Vivo do Calvário (editora Rocco) - O escritor norte-americano Gore Vidal (o mesmo de *Kalki*, *Criação*, *Juliano* e outros) mescla o início da era cristã com os nossos dias. O livro vai de São Timóteo —herdeiro espiritual de São Paulo — a televisores Sony, além de Shirley McLaine se materializando diante de São Timóteo e pessoas se manifestando holograficamente no mundo antigo pela *Agência de Viagens no Tempo*. Tudo isso para tentar desvendar quem é o sujeito chamado "Pirata" que destruiu com um vírus fatal todas as fitas de computador onde estava registrada a história do início do cristianismo, descoberto a tempo pelo departamento de informática da General Electric. Neste emaranhado, uma equipe da NBC retorna ao passado para filmar a crucificação de Cristo.

Indiana Jones e os Sete Véus (editora Salamandra) - Um dos heróis mais marcantes do cinema de aventuras , Indiana Jones, vai atrás do explorador e cientista Coronel Percy Fawcett, que percorreu de 1906 a 1925 as fronteiras da Bolívia, Peru, Equador e principalmente do Brasil, se concentrando pelos interiores do Mato Grosso à procura da mística cidade perdida de Ceiba. Mas o que interessa é a epopéia de Indiana e sua fascinante parceira Deirdre Campbell para resgatar o que realmente aconteceu com Fawcett. Obviamente o que rola é pura aventura e suspense num livro que faz jus à saga do aventureiro/arqueólogo. O autor, Rob Mac Gregor, é jornalista, organizador de viagens às cidades perdidas e lugares desconhecidos. Escreveu também *Indiana Jones e a Última Cruzada*, filmado por Spielberg.

A ilha dos dragões

reportagem e fotos: Rosangela Torres
texto: Silvia Carone

Numa ilha na Indonésia onde para entrar você precisa assinar um termo de responsabilidade sobre sua vida, vivem verdadeiros dragões. São lagartos gigantes carnívoros, venenosos e nada amistosos.

Imagine uma ilha perdida no meio da Indonésia, com praias totalmente desertas. Agora pense que nessa mesma ilha existem monstros venenosos, que adoram carne fresca. São verdadeiros triatletas: correm, nadam e ainda por luxo sobem em árvores —ou seja, se ele estiver com fome, você não tem escapatória.

Não é ficção. Eles existem e moram na Ilha de Komodo, atendendo pelo nome de "dragões de Komodo", se parecem com lagartos, vivem cerca de 50 anos, têm 2m de comprimento, pesam até 180 kg e a ilha está povoada por mais de 3 mil bichinhos desse tipo. Há vários casos de turistas e nativos devorados

Antes de visitar Komodo você vai ter que assinar um termo de responsabilidade. Ninguém da Indonésia vai se responsabilizar se a sua curiosidade terminar mal. Uma vez lá, um "segurança" vai andar ao lado dos turistas, tocando os monstros com uma varinha, até o centro da ilha, onde existem alojamentos —inteiramente cercados, mas com comida ruim, água nem um pouco potável e ratos que podem invadir as cabanas à noite. Na hora de ir à praia, cuidado: além dos dragões, a ilha também oferece tubarões e cobras d'água venenosas, que podem ser vistas da areia

Resta saber por que os turistas querem visitar uma ilha tão cheia de atrativos. A fotógrafa brasileira Rosângela Torres foi uma das que se aventurou, durante a viagem de oito meses que fez à Indonésia. Diz ela que foi "inesquecível" a sua visita a Komodo. Deve ter sido.

S E R V I Ç O

Pode-se chegar até Komodo Island com barcos de expedições para mergulho que atracam na ilha para uma visita de três horas, a um custo de US$ 500. Outra opção é voar de Bali até Flores e depois tomar um *ferry boat* até Komodo Island —um total de 10 horas de viagem com um visual de várias ilhas desertas, cardumes de peixes, golfinhos e tubarões

Para quem dispõe de mais tempo e menos dinheiro, a viagem pode começar no porto de Padangbai, com uma balsa rumo a Lombok, uma ilha com inúmeras praias e vulcões. De Lombok, toma-se uma embarcação até a Ilha de Subawa e outra até Komodo. *R T*

SEJA O PRIMEIRO A SABER

Só há uma publicação preocupada em antecipar o que há de mais quente quando se fala em young trends.
Assine TRIP já e saiba antes o que rola em São Paulo, no Brasil e no mundo.
Sua revista chega rápido, num envelope protetor personalizado, pelas mãos de portadores motorizados.
O preço fica congelado e você não toma pau da inflação.

"No mês de julho, a revista "Interview Sexy" vai fazer o que "Playboy" ainda não decidiu: estampar Regininha na sua capa. Quem saiu na frente foi a revista "TRIP", que já mostrou a loira poltergeist nua em uma série de fotos feitas no Méier..."

REVISTA DA FOLHA (F.S.P.)
Domingo, 13 de junho 93

"O interesse constante pela inovação pode ser sentido a partir da hora em que se procura a TRIP na banca e descobre-se que se pode optar entre duas capas diferentes."

REVISTA PROPAGANDA

"Apesar desse visual heavy, Dadá é baixista da banda de rock Os Normais e foi escolhido como o Mel Gibson dos surfistas — em eleição livre e direta — pela revista "TRIP", especializada em young trends."

REVISTA INTERVIEW SEXY
junho 93

ASSINE JÁ

e receba a TRIP por um ano (seis edições)

24.61 URVs

PROMOÇÃO VALIDA ATÉ 31 05 94

Mesmo que você não assine a TRIP, responda nossa pesquisa e envie para a redação (Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1479 - São Paulo - SP - CEP 04543-011).

NOME IDADE
ENDEREÇO CEP
FONE CIDADE ESTADO
QUE RÁDIO VOCÊ OUVE?
QUE MARCA DE CAMISETA VOCÊ PREFERE?
QUANTAS VEZES POR MÊS VOCÊ VAI AO CINEMA?
QUE MARCA DE CADERNO VOCÊ USA?
QUE MARCA DE TÊNIS VOCÊ USA?

Os brutos também vendem

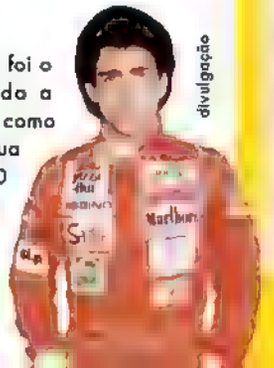
foto Bia Guedes

Basta uma camiseta dessas para se tornar amigo dos mais temidos surfistas havaianos

Muita gente por aqui ainda acha que o *Hui O He'e Nalu* do Havaii —clube formado há décadas pelos famosos e temidos surfistas *black trunks* (calções pretos), os fodões do *North Shore* — dedica-se à preservação da fauna e da flora e do espírito de *aloha* do esporte de seus antepassados reis. Na verdade, como quase toda associação entre mais de dois seres humanos, o clube descambou ao longo dos últimos anos e teve alguns de seus membros envolvidos em problemas como corrupção, drogas, brigas e porte ilegal de armas. Já que em pleno 1994 não se pode viver de lendas sobre reis que deslizam cobertos de flores pelas ondas, a nova diretoria resolveu abrir mão do espírito de gangue e tornar o *Hui* mais acessível e menos assustador. O auge desta política foi o lançamento da grife *Hui O He'e Nalu*, que já é sucesso principalmente entre os *haoles* (forasteiros), que em troca de US$ 28 podem ter uma camisa e um adesivo onde se lê: "SOU AMIGO DOS *HUI*".

P.L.

TRIP nas pistas


divulgação

Depois de cinco anos na Inglaterra, André Ribeiro foi o primeiro brasileiro a fechar contrato para toda a temporada 94 da Fórmula Indy Lights, que serve como "vestibular" para admissão na Fórmula Indy. Em sua estréia pela equipe Tasman Motors, no último dia 10 de abril em Phoenix (EUA), ele se deu bem e ficou em 4º lugar. Nas 24 horas brasileiras, realizadas este ano em Interlagos, André teve o apoio da TRIP.

tico ao tubarão

Tico Fernandes

BODY CRÊ!

Nunca compreendi o *racismo* de alguns surfistas em relação aos bodyboarders. Não sei porque pensar que o instrumento que se usa para dropar uma onda é que deve definir quem tem a preferência dela.

Por este raciocínio, quem dropa com pranchinha e fica em pé nela é dono das vagas como que por orientação de Netuno, sem considerar o talento e o direito ao surf dos outros seres surfantes

Em 1975, no Hawaii, a performance em Sunset e em Waimea de uma gata chamada Philis numa dessas "esponjinhas" chocava a todos, enquanto os babacotes que se diziam os grandes locais de Velzyland e Rocky Point sumiam da praia nestes dias. Noutra ocasião em Uluwatu, um australianinho sem uma das pernas passava as sessões do *inside corner* como jamais se viu ninguém fazer: usando uma tábua de mão e pé-de-pato no único pé! Sem sacanagem, quando ele caía, a galera subia no penhasco para "dar dois" e tentar entender os tubos do cara. Parecia um golfinho!

Os legítimos heróis do surf são aqueles que, de um jeito ou de outro —e não importa com que instrumento—, fazem coisas em cima de uma onda que transcendem a "casca-grossice", radicalidade, genialidade ou versatilidade, e que contribuem para elevar os limites do esporte, mostrando que o impossível é possível quando se trata da arte de "correr ondas".

Dois dos meus heróis: o inesquecível Xandinho e o Paulo Esteves, bodyboarders com quem convivi por anos e que muito me mostraram sobre a fantástica arte de surfar nestas ditas "esponjas". Numa expedição para a Indonésia, em 89, levei os garotos —um pouco contra a vontade de alguns surfistas que queriam a expedição só de "surf". Pois bem, bastou o couro comer solto nas enormes ondas de Ombak Tuju e os meninos droparam como se estivessem brincando na banheira de casa para a galera resolver tratá-los como "surfistas" de verdade até o fim da expedição e para sempre.

aaron chang

Xandinho reinando na "esponjinha"

Diz um velho ditado no Hawaii: *"Talk is cheap, go grab it!"*. Torço para o bodyboard brasileiro ganhar de volta uma revista forte. Nossos bodyboarders são ídolos no exterior de uma forma que não se faz idéia. O Xandinho na Austrália não ia a canto algum sem ser assediado por inúmeros fãs. No inverno havaiano de 92/93 fiquei bobo de ver a galerinha da "esponja" numa época de muita chuva, sem ter nada para fazer, ir brincar em Pipeline totalmente *storm* cabuloso, vindo espuma não sei mais de qual *reef*, só para tirar o sebo. Isso é que é casca em surf. E me lembro dos nomes: Marcelo Siqueira, Xandinho, Marcelo Pedro, Fabio Aquino, Paulo Esteves e —tchan, tchan, tchan, tchan! — Guilher-me Tá-me-gal

Há pouco tempo a revista *Surfing* publicou uma matéria que perguntava ao mundo do surf se Mike Stewart não estaria acima do nível dos Toms, Curren e Carroll, sendo o melhor do universo. Tinha ganho não sei quantos Pipelines Masters de bodyboard seguidos, foi considerado imbatível. Boa matéria aquela. Fez com que o surf abrisse o olho para a real do bodyboard.

E não é que vai lá Guilherminho neste último Pipe Masters, atropela Mike, o "inatropelável", escancara os limites e traz o caneco? Ele é o primeiro brasileiro campeão mundial profissional de qualquer coisa que drope ondas! Saravá Guilherme. O body está com tudo!

O ZOADO DA BOCADOLIXO

Você já encontrou algum diretor de cinema brasileiro na rua? A TRIP já. Num rolê pela Boca do lixo, no centro de São Paulo, o cineasta Ozualdo Candeias conta suas verdades sobre o cinema nacional.

Tudo o que eu sabia sobre o cineasta Ozualdo Candeias estava nas duas páginas de seu currículo: que já havia trabalhado com argumento, direção, montagem, produção técnica e atuação de 1956 a 1994 em fitas de todas as metragens. E que seu último trabalho em 35mm, o longa *O Vigilante*, recebeu o prêmio especial do júri no XXV Festival de Brasília em 92. Quando chegamos —com meia-hora de atraso — no restaurante O Soberano, no centro de São Paulo, Candeias havia acabado de sair, mas deveria estar por perto. Em cada lugar da rua do Triunfo em que procurávamos por ele, éramos obrigados a ouvir os depoimentos não solicitados dos frequentadores dos bares e funcionários das poucas distribuidoras de vídeos pornôs que sobraram na região. A maioria parecia conhecer Candeias pessoalmente e insistia na idéia básica de que todo cineasta brasileiro é louco.

No dia seguinte encontrei Candeias e, como ele havia prometido por telefone, eu o reconheci "por estar mal vestido". Mesmo assim não se encaixava na imagem do excêntrico que esperava. Consegui então um depoimento dos mais esclarecedores sobre a história do cinema *bocadolixo* —que se confunde com a própria história do cinema brasileiro. Para ele, apesar do protecionismo, o cinema no Brasil sempre deu prejuízo. As leis não eram cumpridas e produtores incompetentes não pesquisavam o mercado. "A Vera Cruz só conseguiu fazer um filme lucrativo —*O Cangaceiro* —, isso porque foi distribuído no exterior pela Columbia. No final dos anos 60, esta mesma rua concentrava a maioria das grandes distribuidoras, que começaram a investir em produções nacionais. Surgiu a pornochanchada, que com a maleabilidade da censura —mais preocupada com citações subversivas do que com o nu frontal — evoluiu para a pornografia explícita. O gênero, cada vez mais pobre, se transformou no teatro de sexo explícito, quando chegaram ao país produções sofisticadas como *Garganta Profunda* e *Calígula*."

Trabalhou com Mojica como ator e também na produção técnica de *Esta Noite Encarnarei No Teu Cadáver*, mas prefere evitar comentários sobre eventuais injustiças contra nosso internacional *Coffin Joe* em seu próprio país. Candeias continua ativo, fotografando, filmando e compilando material para exposições. Pretende adaptar recursos de multimídia a seu *notebook* e manter um arquivo digital de suas fotos. O que acha dos que o consideram um excêntrico? "Nada! O único comentário que considero verdadeiro e me agrada a meu respeito é o da atriz Cláudia Alencar: sou o único diretor brasileiro que pode ser encontrado na rua."

Niki Nixon

ONDAS TROPICAIS - A MÚSICA DO 4º MUNDO - COM SÔNIA ABREU - BRASIL 2000 - 107,3FM - 2ª A 5ª DAS 21 ÀS 22H.

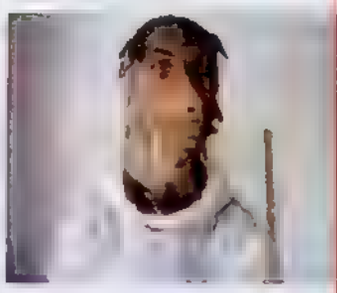
R. Gregório Serrão, 254
CEP 04106-040 São Paulo SP
Tel.: (011) 549-2766
Fax: (011) 575-1224

O SEU BANCO DE IMAGENS

tripas

HELTER SKELTER Não, não é a música do álbum branco dos Beatles que inspirou Charles Manson e sua Família a sair por Los Angeles matando à vontade. Depois do *Doggy Style*, do Snoop Doggy Dogg, esse é o disco de rap mais esperado dos últimos tempos porque marca o tão esperado reencontro —temporário — de Ice Cube e Dr. Dre. Essa é a primeira vez que os manos escrevem, produzem e gravam juntos (não vale contar as participações especiais dos dois no *Hey, Man! Smel my Finger...* do George Clinton) desde os velhos tempos do N.W.A. Também é ansiosamente aguardado *Doomsday*, do Boo-Yaa T.R.I.B.E.

VIDA DE CACHORRO O *Doggy Style* saiu por aqui. Com uma levada maconhada e sotaque jamaicano, Snoop prova que não basta saber rimar para fazer rap bom. Seu segredo é compor na base do *free style* —em bom português, na improvisação. A produção do Dre é *phoda* mas mostra que, por enquanto, o cara não vai muito além daqueles teclados de fundo com samplers de p-funk. Nas participações especiais —Dre faz questão de divulgar os outros contratados da Death Row Records mas só aparece numas palinhas —, o destaque é a Lady of Rage, que em breve lança seu solo. O vídeo de "What's my Name", produzido por Dre e Fab Five Freddy, do *Yo! MTV Raps*, e a capa do CD poderiam ser mil vezes mais legais. No mais, compre, ouça e dance. Só não vá entrar numas e sair por aí dando uns pipocos na rapaziada.



TATUAGEM BRASILEIRA NA GRINGOLÂNDIA Alguns dos bons tatuadores de São Paulo estão de saco cheio do mercadinho brasileiro, e de tatuar um monte de pechincheiro que não dá valor prum trampo nível "A". Zé, da Silver Skull, e Maurício, de São Caetano, estão de passagem marcada para o exterior, seguindo os passos de Luiz Segatto e Hércule, que se estabeleceram em Miami e Portugal, respectivamente. Quando os gringos se ligarem que os caras daqui são tão bons quanto ou melhores que os de lá, tomara que o mercado exterior não se feche para os brasileiros. Mais detalhes sobre toda essa história na próxima edição da TRIP —isso se nenhum mané chupinhar a pauta antes.

JABA, THE HUT Enquanto isso, em São Paulo, Sérgio Maciel, o Led's da Led's Tattoo, um dos melhores (senão o melhor) brasileiros na arte, inaugurou em abril sua nova loja Tattoo You, contando com o traço de gente como o Crazy (veja nas próximas TRIP COLLEGE), Paulão Tattoo e um profissional (o único do Brasil) de *body piercing*. Teve até festa no Columbia, com direito a desfile daqueles modernos pau-no-cu e suas "fantásticas" tatuagens. Se você tá numas de tattoo, vá até a Tattoo You, diga para o mano Jairo que você leu esta TRIPAS e ganhe um copo d'água. É por minha conta.

SEWASIDE Com o suicídio do Kurt Cobain tive, pela primeira vez em todos esses anos de roqueiro muito lôco, a oportunidade de acompanhar a ascensão e a queda, ou melhor a morte, de um pop star. Comecei a ouvir música com uma desvantagem: Hendrix, Bob Marley, Bon Scott, Sid Vicious, entre outros, já tinham ido pro saco. É a mesma coisa que se apaixonar pelo futebol do Botafogo e descobrir que o Garrincha já era.

chips & salsa

André Barcinski de Los Angeles

● A TV interativa já é uma realidade aqui nos Estados Unidos. Firmas de computação, estúdios de cinema e empresas telefônicas estão se juntando para lançar um novo meio de comunicação que vai revolucionar o mundo. A grosso modo, a coisa funciona assim: em uma central ficam arquivados milhões de programas, séries de TV, telejornais, filmes, etc. Através de um sistema que permite enviar sinais de vídeo por cabos telefônicos, essas imagens serão transmitidas para qualquer casa. Você vai poder escolher o que quiser assistir, na hora que desejar. Quer ver *Platoon*? É só clicar sua tela de TV na opção "Filmes", correr até a letra "P" e escolher.

● Já imaginou? Você vai poder assistir a antigos jogos de basquete, velhos seriados de TV ou mesmo o telejornal da noite anterior. Sem depender da boa vontade e competência dos programadores das emissoras. Aliás, a tendência é que emissoras de TV e videoclubes acabem de vez. Por que alguém iria sair de sua casa para ir até o videoclube, se pode pedir qualquer filme sem sair do sofá?

● Um projeto experimental de TV interativa já está instalado aqui no sul da Califórnia, em uma cidade chamada Cerritos. Fui visitar um amigo que mora por aquelas bandas e fiquei impressionado com a engenhoca. A companhia de TV a cabo que está montando a TV interativa ainda tem alguns problemas operacionais, mas garante que no prazo máximo de seis anos tudo estará funcionando com perfeição. O problema hoje é que os gigantescos arquivos de informações —chamados *file servers* — ainda não podem ser acessados individualmente pelos usuários. Assim, quando você pede um filme, um operador na central tem que correr até uma estante, pegar a fita e transmitir para sua casa. Mas a gente chega lá.

● Não tenho a menor idéia se a TV interativa vai um dia chegar ao Brasil, mas imagine só as possibilidades: você vai poder gravar seus próprios programas de TV com sua *camcorder* e transmiti-los para onde quiser. Ninguém vai sofrer com a falta de opções na TV ou com um novo programa da Maria Paula. Basta um *clic* e surgirão na sua tela cenas inesquecíveis de *Clube dos Esportistas* ou do *Cadeia Nacional*. Em vez de passar um trote telefônico sacaneando seus amigos, você poderá transmitir para eles as cenas do *Verão Vivo* em que o Elias Jr. cantou "Ives Brussel" com Jorge Ben Jor.

● Sei que vai ser difícil acreditar nisso, mas por favor se esforce: este ano chegará a Califórnia um enxame monstruoso de abelhas africanas, que vêm migrando há mais de 30 anos e que já matou mais de 1.500 pessoas em dez países. Adivinhe de onde as abelhas vêm? Acertou, cara-pálida: do nosso Brasilzão! O que houve foi que um entomologista idiota soltou as abelhas por engano em Piracicaba em 1957. O enxame subiu pelo norte do país, passou pela Amazônia, América Central, México e agora chegou aos Estados Unidos. Se a imagem do Brasil no exterior já era boa antes, imagine só agora.

peter jordan/gamma/liaison

Não é ficção 8. Abelhas afro-piracicabanas ainda vão picar muito norte-americano

● Então o Thunderbird vai ter um programa só dele na Globo? Boa sorte...para os telespectadores.

● Aí vai uma lista dos shows recentes que pintaram por aqui, com as respectivas cotações: Pavement (muito esporro: nota 8), Prong (barulheira meio industrial, só que às vezes caía para o lado do metal farofa: nota 7), NOFX (hardcore legal: nota 8), Alice Donut (nota 9: duro foi aguentar o show que veio depois, Blind Melon), Urge Overkill (jóia —nota 8— o bis foi demais, com participação do pessoal do Sonic Youth). O Nine Inch Nails fez um show-surpresa num clube de Los Angeles. Perdi, mas falaram que foi maravilhoso. Até a próxima!

A Escola Americana

Fã das rimas, o vocalista, DJ e o diabo a quatro Edu-K, do De Falla, foi convidado pela TRIP para escrever sobre alguns nomes da New School do rap. Procure nas importadoras.

Das EFX - *Straight Up Sewa-side*

"Bum stiggedy bum stiggedy bum!" —um dos principais clichês da dupla Drayz e Scoob que está de volta trazendo dos subterrâneos este peso-pesado produzido por Solid-Scheme e puxado pelo hit "Freakit". Saia de cima da tampa do bueiro: os rappers mais copiados do momento decretam morte ao estilo *Diggity-Wiggity* mas continuam inigualáveis em faixas como "Undaground Rappa" e "Host Wit Da Most". Hardcore da era pós-EPMD que mata a pau.

Wu Tang Clan - *Enter the Wu Tang (36 chambers)*

Os bons tempos do hip-hop estão de volta! Wu Tang Clan, de Staten Island, ressuscita o início dos anos 80, quando B-Boys (dan-çarinos) se inspiravam em filmes de kung-fu e o rap era sinônimo de habilidade e originalidade. Prince Rakeem (aquele mesmo de "OOOH! We love U Rakeem!") produz esse disco áspero e cru, com batidas mais lentas e quebradas —e oito MC's com línguas mais afiadas que a espada de Shaolin.

Shaquille O'neal - *Shaq Diesel*

Além das *slam dunks* pelo Orlando Magic, Shaq resolveu marcar pontos no hip-hop, tornando-se o primeiro atleta/rapper profissional da história. Com um *dream team* de produtores como Erick Sermon (o "E" do falecido EPMD) e Def Jef, lançou um disco de rap pop acessível.

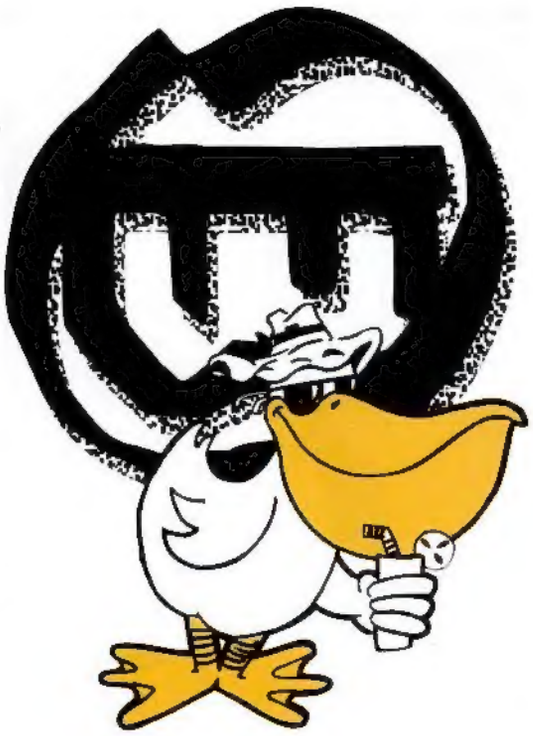
FOTO PAULO HANCOCK

Quem usa Oakley tem uma outra visão das coisas.

OAKLEY

Uma simples questão de visão.

© Mecanbrasa (011) 266-7711



SELECIONE & RECICLE

No Brasil existe a carência de educação de sua comunidade, especialmente a educação Ambiental. Ainda é possível ver pessoas jogando lixo no chão, quebrando árvores e arracando flores dos canteiros, sem saber que as maiores prejudicadas são elas mesmas, coisa de tupiniquins.

Uma grande parcela da culpa é do governo, que não investe em educação, tendo atingido a falência total das instituições de ensino do país.

A comunidade deve agir, pois se aguardarmos uma solução vinda do governo, iremos acompanhar a catástrofe total do nosso meio ambiente e da cultura de nosso povo.

Devemos exigir maiores cuidados com o nosso habitat, exigindo também a participação das empresas privadas, pois elas são responsáveis por boa parte da poluição.

A **SELETIVIDADE** do lixo e a posterior **RECICLAGEM** é uma metodologia correta, necessária e importante para a educação ambiental do nosso povo.

Rosvaldo Catino

Mar azul, areia branca, praia limpa.

WAGON SURF LINE

cartas

A TRIP quer saber a sua opinião, receber suas sugestões e avaliar suas críticas. Escreva, o endereço é: Av. Pres. Juscelino Kubitscheck, 1479, São Paulo, SP, CEP 04543-011. Se preferir, mande um fax para (011) 829-4355. É importante.

KICKIN' ASS

No meu *Rockin' Rolls Royce* de placa LUV 6969 eu procuro ação e satisfação, mas são as páginas da TRIP que me dão as dicas para diversão e moderação. Ela é *kickin' ass* porque faz o jovem pensar, sentir, escolher e o mais importante: AGIR. *Thanx!*

Bedoyan - Osasco, SP

CARAS, NÃO!

O Paulo Lima que me desculpe, mas ano passado a TRIP andou meio "sem pilha", sem idéias novas. Estava com cara da *Caras*. Caiu forte no meu conceito. Mas a volta das colunas com o Ricardo Bocão, Fabio Massari e o hilariante Marcelo Tas foi uma "injeção de sangue novo". Nota 10 pra TRIP.

Lislaine Grub, São Paulo - S.P.

TERRA DE ÍNDIO PORRA NENHUMA

Fiquei puto com a matéria "Faça Você Mesmo" publicada na última edição da TRIP. Dizer que o desconhecido e inexpressivo Marcelo Augusto —que nunca foi a Manaus— "cantou para 100 mil pessoas" é uma puta sacanagem. Não há em Manaus um local que suporte tantas pessoas. Nem Caetano conseguiria tal feito. Cuidado com a apuração dos fatos. Aqui há pessoas tão cultas como em São Paulo ou qualquer outra parte do planeta.

Ulisses Paixão, Manaus - AM

Caro Ulisses,

Em qual parte da matéria estava escrito que os manauaras são mais ou menos cultos que os paulistas? Cuidado com a mania de perseguição. Quanto ao show de Marcelo Augusto, a informação foi dada pelo próprio "cantor".

KUARUP

A equipe da MTV não foi "convidada" por nós para filmar a festa *Quarup*, em agosto de 93. Na realidade, a equipe chegou na aldeia nas últimas horas da festa. Os produtores pediram para ficar, para filmar as cenas de luta *huka-huka*, alegando que tinham gasto "muito dinheiro" para chegar ao Parque do Xingu e não podiam voltar para São Paulo de "mãos vazias". Foi combinado então um pagamento de US$ 6 mil, para ser dividido entre outras sete tribos que participaram da festa. Até hoje, somente recebemos uma parte deste valor e aguardamos o pagamento do restante. Assim sendo, a matéria publicada na TRIP demonstra uma atitude pouco responsável diante dos fatos. Não costumamos convidar jornalistas ou cinegrafistas para a nossa aldeia na época das festas sagradas, como o *Quarup*, que representa valores aparentemente não apreciados pelas equipes da MTV/TRIP. Infelizmente, a matéria publicada por V.Sas serve somente para reafirmar velhos preconceitos contra os povos indígenas. Será que a TRIP vai dedicar mais seis páginas coloridas para publicar a nossa versão da realidade do Parque do Xingu que, apesar da imaginação do seu repórter, não é nenhum parque de diversões para "turistas"?

Chefe Aritana Yawalapiti
Presidente da
Organização Indígena do Xingu Kuarup

As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião da TRIP. Nesse caso, porém, preferimos ficar com a versão do jornalista da MTV, autor da reportagem publicada , que coincide com a impressão do nosso fotógrafo e com as observações da maioria da equipe da MTV. Quanto ao espaço reivindicado, uma revista que emite opiniões não poderá ceder páginas a todas as correntes que eventualmente venham a discordar dessas mesmas opiniões. Sobre as questões referentes à produção —atrasos, taxas pagas ou não —, consultamos a MTV, responsável por toda a operação, que preferiu estudar o assunto com calma antes de se posicionar.

Na tarde do dia 19 de abril, às vésperas do fechamento desta edição, recebemos telefonema da sra. SANDRA WELLINGTON que afirmou pertencer à Organização Indígena do Xingu Kuarup, do chefe Aritana, exigindo resposta à carta publicada acima em tempo de levá-la ao Xingu no dia seguinte. A sra. Sandra afirmou claramente a Elza Helena Cardoso, que a atendeu, que caso não recebesse a resposta denunciaria à "associação de jornalistas".

Métodos como este de ameaças veladas e tentativas de intimidação não combinam com a pureza de sentimentos e superioridade espiritual que, queremos crer, alguns índios conservam. Casariam, isso sim, com métodos empregados no episódio protagonizado por Paulinho Paiakan, de triste memória para a comunidade nacional.

A liberdade de expressão e o respeito à opinião felizmente são hoje garantidos pela lei dos cara-pálidas.

OMBUDSMAN

A resposta da repórter Louise Chin sobre a minha carta demonstrou o nível de profissionalismo e respeito da TRIP com o leitor. É bom saber que vocês trabalham para melhorar o nível da revista. Acho que os leitores devem ajudar também. E aqui vai minha sujestão: ter uma coluna fixa para um *ombudsman* no estilo da Folha de S. Paulo. Valeu galera!

Angelo A. Costa, São Paulo - SP

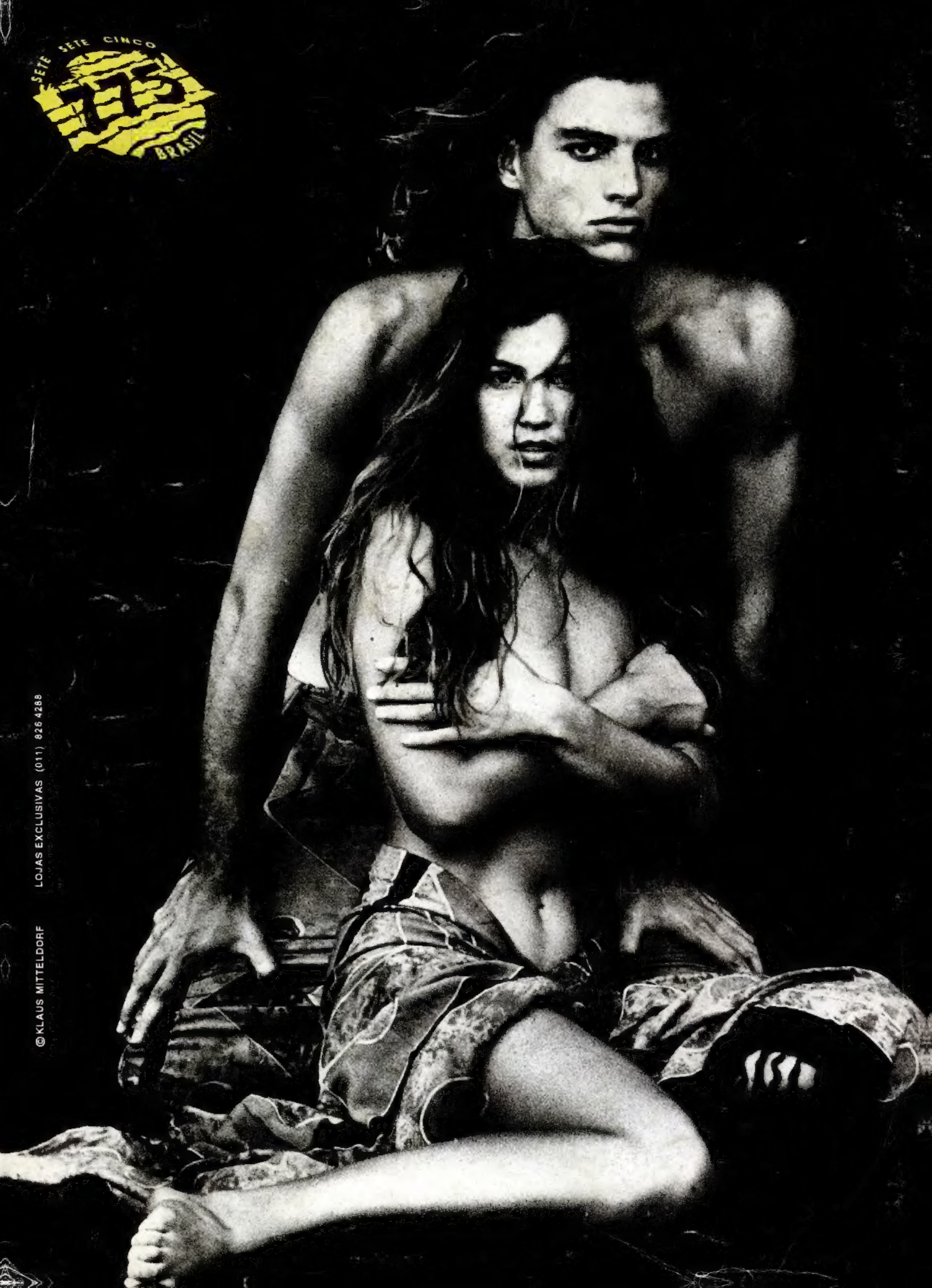
PUTA BROTA, MANO!

Achei bem legal a última TRIP, principalmente a matéria sobre Bali. A única mancada de vocês foi ter colocado aquela puta brota da Ana Cláudia na capa e dentro nadal Tudo bem que não estava escrito nada sobre ela ser a TRIP GIRL, mas... Ela é demais e merece mais que uma foto.

M. Ludetti - São Paulo, SP

Material chroniony prawem autorskim

SURFERS OF FORTUNE
TEL.: (011) 585 9955
TEL. FAX (011) 275 6016
Copyright Quiksilver International '93


SETE SETE CINCO
BRASIL
©KLAUS MITTELDORF
LOJAS EXCLUSIVAS (011) 826 4288

ANO 8 Nº 37 CR$ 4.800,00

TRIP

BRINDE: Poster gigante com a gata mais sexy da campanha da Antarctica

TRIP GIRL ESPECIAL

MYRA BABENCO

CENA SECRETA DO CINEASTA HECTOR BABENCO

PORRADA SEM REGRAS

ROYCE GRACIE, BRASILEIRO CAMPEÃO MUNDIAL DO VALE-TUDO

Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição. A escolha é sua.

SOMÁLIA

DEPOIS DE BÓSNIA E EL SALVADOR, A TRIP PENETRA NA TERRA DE NINGUÉM

DOCES BÁRBAROS

PAULECA, BIJU E ANDRÉ REI, OS ASTROS ESQUECIDOS DO SURF

COCAÍNA

enlouquecendo uma geração

Material chroniony prawem autorskim